

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

**A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO  
TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**Ana Paula Victoriano Belchor**

**2014**

A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO  
TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Victoriano Belchor

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).  
Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO  
TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Prof. Dr. Carlos Alexandre Victório Gonçalves – UFRJ, Presidente

---

Prof. Dr. Marília Lopes da Costa Facó Soares – Museu Nacional/UFRJ

---

Prof. Dr. João Antônio de Moraes – UFRJ

---

Prof. Dr. Roberto Botelho Rondinini – UFRRJ

---

Prof. Dr. Carolina Ribeiro Serra – UFRJ

---

Prof. Dr. Mônica Maria Rio Nobre – UFRJ, Suplente

---

Prof. Dr. Andrew Nevins – UFRRJ, Suplente

BELCHOR, Ana Paula Victoriano.

A Morfologia Prosódica Circunscritiva aplicada ao truncamento no português brasileiro/ Ana Paula Victoriano Belchor. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2014.

xiii, 204 f.: il.; 31cm.

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves.

Tese (Doutorado) – UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 202-208.

1. Português brasileiro. 2. Truncamento. 3. Morfologia Prosódica. I. GONÇALVES, Carlos Alexandre. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. A Morfologia Prosódica Circunscritiva aplicada ao truncamento no português brasileiro.

## SINOPSE

Esta tese propõe-se a descrever morfosodicamente o processo de truncamento no português brasileiro, com base em parâmetros de circunscção e molde que possibilitam a sistematização do fenômeno.

## DEDICATÓRIA

Certa vez, minha amiga Katia Emmerick, logo após defender sua tese, me disse: “só a gente sabe o quanto custa chegar até aqui. Por que a gente faz isso, Aninha?”. Bem, ainda não tenho uma resposta para a pergunta da Katia, mas, ao longo do meu curso, quanto mais o tempo passava, mais eu me dava conta de que ela tinha absoluta razão.

São muitos os obstáculos e dificuldades (pessoais, acadêmicos e profissionais) com que nos deparamos durante o caminho. Por isso, não posso deixar de lembrar, nestas páginas de dedicatória, da pessoa sem cujo apoio talvez eu tivesse desistido antes de ver esta tese pronta.

Ao meu marido, Marco, peço desculpas pelos momentos de ausência, de stress, de irritação, ao mesmo tempo em que agradeço imensamente a compreensão, o amor, o apoio e a paciência de sempre. Agradeço, sobretudo, por ter um companheiro que faz questão de dividir comigo as tarefas e responsabilidades relacionadas à nossa filha, Sophia, para não me sobrecarregar.

Quando eu soube, no final do primeiro ano do curso de Doutorado, que a família iria aumentar, me questionei, pedindo licença ao nosso poeta Drummond, “E agora, Ana Paula?”. O curso mal tinha começado, e eu não tinha certeza se conseguiria vivenciar uma gestação, cuidar de um bebê e, ainda, escrever uma tese. Em meio a tantos questionamentos e preocupações, ouvi Marco dizer “Calma, você vai conseguir”. Naquele momento, eu não sabia, mas o ouviria dizer estas mesmas palavras inúmeras vezes, sempre que eu precisava ouvi-las.

Como eu ia dizendo, novamente com a licença de Drummond, “no meio do caminho tinha uma Sophia”. E o que posso dizer a respeito da chegada da minha pequena é que seu nascimento mudou a minha vida de uma maneira muito especial, fazendo com que se renovasse o meu conceito de maternidade. Sophia, inúmeras vezes me senti mal por

perder a paciência ou por torcer para você dormir mais cedo, para eu poder estudar e escrever; mas, como todas as outras, não sou uma mãe perfeita. Estou apenas tentando fazer o melhor que posso. Espero que, no futuro, você não se lembre desse período e tenha a dizer apenas que sua mãe é doutora.

Saber que defendi a tese e, agora, posso me considerar Doutora em Letras Vernáculas é motivo de imensa alegria para mim. Mais ainda, é motivo de orgulho ter conseguido atingir esse objetivo por ter uma família tão maravilhosa – incluindo aqueles que não estão citados aqui.

A você, Marco, quero dizer que cheguei até aqui, como você sempre acreditou que eu chegaria. Mas não o teria conseguido sem o seu apoio e a sua enorme generosidade. Não tenho palavras para dizer o quanto você é importante para mim, não somente pelo companheirismo durante o Doutorado, mas por tudo o que já vivemos juntos. Acho que, textualmente, pode-se dizer que o que nos une é amor. Sentimentalmente, sabemos que esse amor passa constantemente por alguns problemas relacionados à rotina e ao dia-a-dia, mas se mantém firme. Não sei o que seria de mim se não tivesse encontrado você. Obrigada por tudo.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves, agradeço imensamente por ter me acolhido, ainda na graduação, dispondo-se a me orientar não apenas academicamente, mas também profissionalmente, com toda a experiência que, generosamente, sempre compartilhou comigo. Tenho também de agradecer muito a sua compreensão nos momentos em que, após o nascimento da Sophia, a minha produção ficou mais lenta. Se eu não tivesse o encontrado, minha trajetória acadêmica teria sido outra; não sei se mais ou menos feliz, mas certamente seria diferente. A você, Carlos, deixo aqui registrados os meus agradecimentos e a minha admiração.

Aos Professores Doutores Marília Facó Soares, João Antonio de Moraes, Carolina Ribeiro Serra e Roberto Botelho Rondinini, agradeço a leitura cuidadosa e as generosas contribuições feitas durante a defesa. Ao Professor Doutor Roberto Botelho Rondinini, agradeço, sobretudo, o carinho demonstrado, que é verdadeiramente recíproco.

A todos os amigos do NEMP, desde os mais antigos até os mais recentes. Não cito aqui nomes porque a lista seria exaustiva, mas tenho certeza de que aqueles que são queridos sabem que o são.

À CAPES, agradeço o financiamento de três anos, fundamental para a realização desta pesquisa.



## RESUMO

### A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Na presente tese, realiza-se a análise do truncamento no português brasileiro, processo não-concatenativo de formação de palavras que consiste no encurtamento de uma base, tal como em ‘depressão’ > ‘deprê’ e ‘estrangeiro’ > ‘estrânja’, por exemplo. Uma vez que as sequências apagadas são muito diversificadas e não podem, desse modo, ser tomadas como afixos, a regularidade do processo torna-se evidente nas próprias formas truncadas, que se mostram morfoprosodicamente uniformes.

A Morfologia Prosódica Circunscritiva foi modelo teórico utilizado na descrição do fenômeno, em virtude de proporcionar a união entre expedientes morfológicos e prosódicos, necessária para justificar o formato dos truncamentos pertencentes ao *corpus*, que podem ser (a) constituídos das duas primeiras sílabas da palavra-matriz, como ‘refrí’ (‘refrigerante’) e ‘belê’ (‘beleza’); (b) do morfema integral que compõe a borda esquerda da base, tal como ‘odônto’ (‘odontologia’) e ‘nêuro’ (‘neurologista’); ou, ainda, (c) do radical (ou não) da palavra-matriz, acrescido da vogal (-a), como em ‘flágra’ (‘flagrante’) e ‘cáfa’ (‘cafajeste’).

Os dados que integram o *corpus* analisado distribuem-se em três padrões de formação distintos, acima representados em (a), (b) e (c), devido ao fato de cada grupo de dados apresentar características diferentes quanto aos parâmetros que regem o funcionamento da Morfologia Prosódica Circunscritiva, a saber: a circunscrição do *input*, que delimita a porção deste a ser aproveitada na forma truncada; e o formato do molde, responsável pela formação de um tipo específico de pé no *output*, que garante uma tonicidade típica a cada padrão.

Os três padrões estruturais pesquisados, na tese denominados ‘refri’, ‘odônto’ e ‘flágra’, são, portanto, descritos individualmente, de acordo com as especificações de circunscrição e molde que asseguram as marcas formais de cada padrão.

Palavras-chave: Morfologia Prosódica Circunscritiva; Formação de Palavras; Processos Não-concatenativos; Truncamento.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

## ABSTRACT

### A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

*Abstract* da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

In this PhD thesis, it is accomplished the truncation analysis in Brazilian portuguese, non-concatenative word formation process that consists on a shortening operated in a base form, such as in ‘depressão’ > ‘deprê’ e ‘estrangeiro’ > ‘estrânja’, for example. Since deleted sequences are very diversified and can not, therefore, be considered affixes, the process regularity becomes evident in the very truncated forms, that exhibit morphoprosodic uniformity.

Circumscriptive Prosodic Morphology was the theoretical model chosen for the phenomenon account, since it provides the union between morphological e prosodic expedients, required to justify the shape of truncations that belong to the *corpus*, which can (a) consist on the first two syllables of the base, as ‘refrí’ (‘refrigerante’) and ‘belê’ (‘beleza’); (b) on the full morpheme situated in the left edge of the base, such as ‘odônto’ (‘odontologia’) e ‘nêuro’ (‘neurologista’); or, yet, (c) on the basis radical (or not), affixed by the vowel (-a), as in ‘flágra’ (‘flagrante’) e ‘chína’ (‘chinês’).

The data included in analysed *corpus* are distributed in three distinct formation patterns, represented above in (a), (b) e (c), due to the fact that each group of data have different characteristics according to parameters of Circumscriptive Prosodic Morphology, namely: *input* circumscription, that delimits the part of base which is going to be utilized in truncated form; and shape of template, responsible for the formation of a specific prosodic foot type in *output*, that ensures a typical tonicity for each standard.

The three researched structural standards, denominated in this thesis ‘refrí’, ‘odônto’ e ‘flágra’, are, thus, individually described, according to the circumscription and template parameters that holds each formation standard formal marks.

Key-words: Circumscriptive Prosodic Morphology; Word Formation; Non-concatenative Processes; Truncation.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

## RÉSUMÉ

### A MORFOLOGIA PROSÓDICA CIRCUNSCRITIVA APLICADA AO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Victoriano Belchor

Orientador: Carlos Alexandre Victório Gonçalves

*Résumé* da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Dans cette thèse, on analyse la troncature en portugais, qui est un processus non concatenatif de formation de mots, caractérisé par le raccourcissement d'une base, comme dans le cas de 'depressão' > 'deprê' e 'estrangeiro' > 'estrânja', par exemple. Étant donné que les séquences supprimées sont très variées et ne peuvent donc pas être considérées comme des affixes, la régularité du processus devient évidente dans les formes tronquées, qui manifestent une morphoprosodique uniforme.

Le modèle théorique de la Morphologie Prosodique Circonscriptive a été choisi pour décrire ce phénomène parce qu'il fournit l'union des facteurs morphologiques et prosodiques nécessaires pour justifier la forme de troncatures présentes dans le *corpus*, qui peuvent être (a) constitués des deux premières syllabes du mot-matrice, comme dans 'refrí' ('refrigerante') e 'belê' ('beleza'); (b) du morphème complet qui constitue le bord gauche de la base, comme 'odônto' ('odontologia') e 'nêuro' ('neurologista'); ou, encore, (c) du radical (ou pas) du mot-matrice, plus la voyelle (-a), comme dans 'flágra' ('flagrante') e 'cáfa' ('cafajeste').

Les données du *corpus* analysé sont répartis en trois patrons de formation distincts, décrits ci-dessus dans (a), (b) et (c), en raison du fait que chaque ensemble de données présente des caractéristiques différentes en fonction des paramètres régissant le fonctionnement de la Prosodique Morphologie Circonscriptive, à savoir: la circonspection de l'*input*, qui délimite la partie qui restera dans la forme tronquée, et le format du moule, responsable de la formation d'un type spécifique de pied dans le *output*, ce qui garantit une tonicité particulière pour chaque groupe.

Les trois patrons structurels de recherche, désignés 'refrí', 'odônto' et 'flágra' dans la thèse, sont, alors, décrits séparément, d'après les spécifications de circonspection et moule qui assurent les caractéristiques formelles de chaque patron.

Mots-clés: Prosodique Morphologie Circonscriptive; Formation des Mots; Processus Non concatenatifs; Troncature.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2014

## SUMÁRIO

Capítulo 1 – Palavras iniciais.....	1
Capítulo 2 – O fenômeno de truncamento	
2.1. O fenômeno .....	7
2.2. Das diferenças entre truncamento e outros processos de encurtamento	10
2.2.1. Truncamento e derivação regressiva .....	11
2.2.2. Truncamento e hipocorização .....	17
2.2.3. Truncamento e abreviação .....	22
Capítulo 3 – Revisão da literatura	
3.1. A perspectiva da Gramática Tradicional.....	28
3.2. A perspectiva dos manuais de morfologia .....	30
3.3. A perspectiva da Teoria Morfológica .....	34
3.4. Pesquisas recentes acerca do truncamento no português do Brasil .....	40
3.5. Metodologia.....	61
Capítulo 4 – Fundamentos da Morfologia Prosódica Circunscrita	
4.1. Contexto de surgimento .....	67
4.2. Da Fonologia Autossegmental à Morfologia Autossegmental.....	68
4.3. Da Fonologia Prosódica à Morfologia Prosódica.....	74
4.3.1. A sílaba ( $\delta$ ).....	77
4.3.2. O pé ( $\Sigma$ ).....	83
4.3.3. A palavra prosódica ( $\omega$ ).....	87
4.4. A Morfologia Prosódica .....	89
4.5. A Morfologia Prosódica Circunscrita .....	92

## Capítulo 5 – Análise via MP Circunscritiva

5.1. Padrão ‘refri’ .....	103
5.2. Padrão ‘odônto’ .....	112
5.3. Padrão ‘flágra’ .....	120
5.4. Problemas .....	148

## Capítulo 6 – O truncamento na morfologia contemporânea

6.1. Proposta com base em fatores prosódicos.....	164
6.2. Proposta com base em <i>splinters</i> .....	175

## Capítulo 7 – Palavras finais .....

## Anexo I – *Corpus* .....

## Referências bibliográficas.....

## Capítulo 1 – Palavras iniciais

---

Na presente tese, objetiva-se apresentar uma análise do processo de truncamento no português do Brasil segundo os princípios da Morfologia Prosódica Circunscritiva (McCARTHY & PRINCE, 1990) – desdobramento da Morfologia Prosódica (McCARTHY, 1981) que visa a lidar com fenômenos morfológicos cuja formação não pode ser analisada exclusivamente com base no mapeamento de morfemas.

O truncamento é um processo não-concatenativo de formação de palavras que consiste no encurtamento de uma base; ou seja, ao contrário do que ocorre na prefixação e na sufixação, é um processo que não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas da supressão de segmentos da palavra-matriz. Porém, trata-se de um encurtamento que requer o acesso da morfologia a informações fonológicas, como sílaba, pé e palavra prosódica, segundo Gonçalves (2004). Para fim de exemplificação, podem-se citar as formas truncadas ‘bijú’<sup>3</sup> (‘bijuteria’), ‘motô’ (‘motorista’) e ‘prejú’ (‘prejuízo’), nas quais é possível observar que as porções apagadas não se baseiam na relação base/afixo. Assim, a regularidade verificada entre os dados do *corpus* está ligada ao formato morfoprosódico da própria forma truncada (limitação quanto ao número de sílabas e tipo de pé formado no *output*, por exemplo).

Em linhas gerais, pode-se dizer que, na morfologia não-concatenativa, não há condições ideais para o isolamento de elementos morfológicos, que não aparecem estritamente encadeados. Trata-se, portanto, de casos em que pode haver supressão de segmentos (no caso do truncamento), cópia total ou parcial da base (na reduplicação) ou

---

<sup>3</sup> Os acentos gráficos presentes nas formas resultantes de processos não-concatenativos citadas como exemplos nesta tese são utilizados com o intuito de indicar as sílabas tônicas. Em outras palavras, a acentuação constitui apenas uma estratégia para a identificação da tonicidade dos dados. Portanto, não há, em quaisquer exemplos, compromisso com as regras acentuais vigentes no português brasileiro.

sobreposição de bases (nos cruzamentos vocabulares) – o que não se verifica na morfologia concatenativa, típica das línguas predominantemente aglutinantes e baseada nos fenômenos mais prototípicos de afixação ou composição, nos quais os elementos morfológicos sucedem-se em uma linha temporal e podem ser, dessa forma, isolados (GONÇALVES, 2004). Deve-se ressaltar que a morfologia do português é, de fato, predominantemente aglutinativa – o que não impede, contudo, a ocorrência de processos de formação de palavras tais como o truncamento (‘belê’ < ‘beleza’; ‘batéra’ < ‘bateria’), a hipocorização (‘Alê’ < ‘Alessandra’; ‘Lípe’ < ‘Felipe’) e a reduplicação (‘papáto’ < ‘sapato’; ‘bate-bate’).

Os processos supracitados, ainda que inegavelmente produtivos nas línguas naturais, receberam, tal como destaca McCarthy (1981), pouca atenção no Estruturalismo, por não poderem ser descritos em termos de elementos recorrentes dispostos na margem direita ou esquerda da base.

Análises estruturalistas centradas no modelo Item-e-arranjo (IA), por exemplo, não se mostravam eficientes na descrição de processos não-concatenativos por serem baseadas em “uma análise estrutural em que os morfemas sejam identificados e isolados [...] por meio da técnica de comutação” (BELCHOR & ANDRADE, 2011). O modelo Item-e-processo (IP), por sua vez, admite que a fonologia pode ser responsável pela expressão de algumas categorias morfológicas, tais como a alternância vocálica que marca a informação de pessoa em alguns verbos do português (t[i]ve<sub>1ª</sub> pessoa x t[e]ve<sub>3ª</sub> pessoa). Assim, as análises via IP não lidam com a noção de morfema enquanto elemento “corporificado”, mas com operações (processos ou regras) que atuam em formas subjacentes, ou seja, em um nível mais abstrato que o enunciado, e as transformam nas formas de superfície.

Como se pode observar, os modelos IA e IP não respondem satisfatoriamente a questões relacionadas à estrutura de *outputs* de processos não-concatenativos. Quanto ao

truncamento, por exemplo, o primeiro de tais modelos (IA) encontra como barreira o fato de o fenômeno não envolver o apagamento de sequências que possam ser consideradas morfemas. Da mesma forma, análises pelo modelo IP não são capazes de descrever satisfatoriamente o truncamento, desta feita porque a operação de apagamento se dá na forma de superfície, e não em uma forma subjacente: ‘prejuízo’ > ‘prejú’. Mais precisamente, os *inputs* do processo de truncamento, sobre os quais efetua-se o apagamento, são *outputs* de fala – o que pode ser constatado na formação de ‘razú’ (‘razoável’), por exemplo, em que se observa o alteamento da vogal posterior média alta [o] para posterior alta [u], assim como verificado na fala: [xazu'avew]<sup>4</sup>.

Também no âmbito da Gramática Tradicional, e mesmo dos manuais de morfologia, o truncamento carece de descrição formal, pois, em geral, os autores atribuem ao processo o rótulo de “imprevisível” (cf. BASILIO, 1987) ou “não-suscetível de formalização” (cf. LAROCA, 1994) e limitam-se a fornecer listas de exemplos que constituem meras enumerações, uma vez que não consistem em qualquer tentativa de formalização. Vale ressaltar que, sem a incorporação de fatores prosódicos à análise, a formação do truncamento parece arbitrária, tal como propõe Basilio (1987), que cita, por exemplo, a forma truncada ‘deléga’ (< ‘delegado’), mas afirma que a parte suprimida é imprevisível e assistemática. Como já foi mencionado acima, a porção apagada não pode ser tradicionalmente definida como um morfema – daí a aparente arbitrariedade.

O objetivo mais geral da presente tese é fornecer novas alternativas para a análise do truncamento, de modo que o fenômeno seja considerado regular, ainda que a referida regularidade não seja garantida apenas por fatores relacionados à morfologia. A proposta central consiste na ideia de que a Morfologia Prosódica Circunscritiva é um modelo capaz de descrever o truncamento com grande eficiência, uma vez que opera com parâmetros de

---

<sup>4</sup> Mais detalhes sobre a natureza do *input* serão apresentados no capítulo 5, destinado à análise dos dados.



molde e circunscrição, tal como será explicitado no capítulo 4. Em outras palavras, está aqui lançada a hipótese de que a Morfologia Prosódica Circunscritiva proporciona condições ideais para a análise de formas truncadas, visto que, em linhas gerais, se trata de um modelo cuja etapa de circunscrição (ou mapeamento) promove a supressão de uma parte da base e a conseqüente delimitação de um material que deve, em seguida, se ajustar ao formato de um molde prosodicamente definido, para, então, tornar-se *output* do processo.

Na Morfologia Prosódica Circunscritiva, portanto, os parâmetros de molde e circunscrição (centrais no modelo) são capazes de promover regularidade nas formas truncadas, que se mostram morfoprosodicamente mais uniformes. Dito de outra forma, a circunscrição e a satisfação a um molde tornam regulares os *outputs*, e não as porções apagadas – daí a descrição satisfatória do processo de truncamento, que não consiste, necessariamente, na supressão de seqüências afixais.

Os dados que compõem o *corpus* utilizado na pesquisa apresentam-se divididos em três padrões de formação distintos, de acordo com a estrutura das formas truncadas. A referida divisão entre os dados faz-se necessária porque, conforme dito anteriormente, a Morfologia Prosódica Circunscritiva lida com moldes cujos formatos são definidos prosodicamente – o que implica a existência de um tipo de molde para cada grupo de afinidade estrutural, dadas as diferentes marcas formais observadas entre os *outputs* do processo.

Para exemplificar brevemente, o padrão de truncamento denominado ‘flágra’ nesta tese reúne formas que resultam do encurtamento de uma palavra-matriz, acrescido da afixação da vogal (-a): ‘neurese’ > neur- + -a > ‘nêura’. De acordo com os procedimentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva, a circunscrição da base delimita as porções apagada (-ose) e remanescente (neur-) – esta última enviada para o nível do molde,

definido para a formação de um troqueu moraico e a afixação de (-a). Na etapa do molde, portanto, está definida a estrutura dos *outputs* do padrão ‘flágra’: formas que contenham um pé troqueu moraico terminado na vogal (-a). O mesmo raciocínio aplica-se aos demais padrões de truncamento analisados na presente tese, aqui denominados ‘refrí’ e ‘odônto’, os quais se diferem do padrão ‘flágra’ por apresentarem diferentes especificações de circunscrição e molde, tal como está explicitado no capítulo 5.

Pelas razões expostas até então, a Morfologia Prosódica Circunscritiva mostra-se adequada à análise do truncamento, uma vez que o processo não permite a descrição por meio de regras que determinem o apagamento de sequências delimitadas apenas morfológicamente. Assim, a incorporação de fatores prosódicos, possibilitada pelas descrições com base no referido modelo, apresenta-se como alternativa ideal para a análise de formas truncadas, cujo processo de formação envolve o apagamento de porções que variam entre os dados, devido, conforme dito anteriormente, à existência de um formato de molde para cada padrão.

Em suma, com base nos fundamentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva, a presente tese objetiva analisar o fenômeno de truncamento no português do Brasil e verificar de que modo tal modelo teórico é capaz de expressar generalizações acerca do processo. Mais especificamente, pretende-se descrever os três padrões de formas truncadas que integram o *corpus* à luz de um único modelo teórico na linha morfoprosódica – o que pode ser considerado uma inovação, pois, até o presente momento, os padrões estruturais foram descritos pela Morfologia Prosódica Circunscritiva e pela Teoria da Otimalidade, mas nenhum dos estudos realizados (GONÇALVES & VAZQUEZ, 2005; GONÇALVES, 2004; 2011a; e BELCHOR, 2005; 2006; 2009) abordou os três grupos em conjunto.

A tese estrutura-se da seguinte forma: o capítulo 2, imediatamente posterior a este que se apresenta, é dedicado à caracterização geral do fenômeno de truncamento e à sua

diferenciação em relação a outros processos de encurtamento. O capítulo 3, por sua vez, destina-se à revisão da literatura acerca do processo e à metodologia adotada na pesquisa. O capítulo 4 dedica-se à apresentação dos procedimentos que subjazem à análise baseada na Morfologia Prosódica Circunscritiva, para, no capítulo 5, serem analisadas, de acordo com os instrumentos do modelo, as formas truncadas pertencentes ao *corpus*. Ainda neste último capítulo, após as descrições dos dados, enumeram-se os problemas encontrados quando da análise. O capítulo 6 destina-se a promover uma discussão a respeito do *status* do truncamento na morfologia contemporânea, e, no capítulo 7, resumam-se as conclusões da pesquisa.

## Capítulo 2 – O fenômeno de truncamento

---

O presente capítulo tem como intuito apresentar as características gerais do truncamento, que justificam o seu *status* de processo não-concatenativo de formação de palavras no português brasileiro. Além disso, os três padrões de truncamentos analisados na tese são brevemente apresentados, com o objetivo de explicitar as razões que levam à distribuição do *corpus* em três grupos de dados. Por fim, o truncamento é diferenciado de outros processos de encurtamento em relação a uma base, para mostrar que há mais pontos de afastamento do que de aproximação entre truncamento, derivação regressiva, hipocorização e abreviação.

### 2.1. O fenômeno

Tal como apontado no capítulo anterior, o truncamento é um processo pouco estudado no âmbito da Gramática Tradicional e dos manuais de morfologia, nos quais o fenômeno é brevemente mencionado nas seções denominadas “outros tipos de formação de palavras” ou “tipos especiais de formação de palavras”, sob o nome de “abreviação” (cf. BECHARA, 2001; BASILIO, 1987; e SANDMANN, 1990) ou “braquissemia” (cf. MONTEIRO, 1987), por exemplo.

Sob o ponto de vista dos autores supracitados, o truncamento é, pois, descrito de maneira breve e considerado assistemático, uma vez que as análises estritamente formais dos processos de formação de palavras, baseadas em princípios ou regras que atuam de maneira absoluta, não proporcionam uma descrição satisfatória do fenômeno, que não é, necessariamente, resultado da supressão de afixos.

De acordo com Gonçalves (2004: 10-11), “o português é uma língua que se ajusta bem a uma descrição que isola entidades morfológicas, uma vez que a grande maioria das operações é, de fato, aglutinativa [...], de modo que há condições ótimas para a isolabilidade de morfemas”. No entanto, há, segundo o autor, processos que são considerados marginais, por diferirem dos mais prototípicos (composição e derivação), visto que não envolvem a simples adjunção de afixos a bases.

A presente tese propõe, destarte, uma análise mais sistemática do fenômeno de truncamento, tomando-se como base expedientes morfoprosódicos, que não são levados em conta nos modelos de análise considerados lineares. Nas palavras de Spencer (1991), o truncamento é um dos processos que requerem acesso a informações prosódicas e resultam da união entre primitivos morfológicos (radical, afixo) e primitivos prosódicos (mora, pé). Outros processos dessa natureza são a reduplicação (‘puxa-puxa’, ‘bate-bate’), a hipocorização (‘Fátima’ > ‘Fafá’, ‘Raquel’ > ‘Quél’), o cruzamento vocabular (‘carnaval’ + ‘Natal’ > ‘carnatal’, ‘macarrão’ + ‘maionese’ > ‘macarronese’) e a siglagem (‘Partido dos Trabalhadores’ > ‘PT’).

Em termos prosódicos, o truncamento é um processo de encurtamento que se estrutura a partir do mapeamento melódico de uma forma de base, em que uma sequência da palavra-matriz é copiada e passa a funcionar como unidade lexical autônoma. Contudo, o fenômeno não apresenta função lexical, nos termos de Gonçalves (2011a), visto que não é empregado com o objetivo de nomear uma nova entidade. Ao contrário, é utilizado, em geral, como forma de expressão do pejorativo (‘português’ > ‘portúga’, ‘analfabeto’ > ‘análfa’), de um registro mais informal (‘beleza’ > ‘belê’, ‘prejuízo’ > ‘prejú’) ou, ainda, como marca de um grupo jovem. Entretanto, uma vez que o objetivo desta tese é promover uma análise estrutural do fenômeno, os aspectos ligados às funções discursivas não serão contemplados na descrição ora empreendida.

As formas truncadas analisadas na pesquisa encontram-se reunidas no anexo I e, conforme citado nas palavras iniciais, apresentam-se divididas em três grupos de formação distintos. Vale destacar que Gonçalves (2004; 2011a), Gonçalves & Vazquez (2005) e Belchor (2009) analisaram o fenômeno de truncamento sob a perspectiva da Morfologia Prosódica Circunscritiva (GONÇALVES, 2004; 2011a) e da Teoria da Otimalidade (nos demais estudos citados). Porém, Gonçalves (2004; 2011a) e Gonçalves & Vazquez (2005) descreveram apenas o padrão nesta tese denominado ‘flágra’, ao passo que Belchor (2009) deteve-se nos padrões aqui denominados ‘refrí’ e ‘odônto’.

Quanto às características formais do grupo ‘flágra’, os truncamentos podem manter, ou não, o radical da palavra-matriz e recebem uma vogal específica de truncamento (-a), nem sempre presente na base: ‘japonês’ > ‘jápa’; ‘neurose’ > ‘nêura’; ‘sargento’ > ‘sárja’; ‘português’ > ‘portúga’.

O padrão aqui denominado ‘refrí’ abrange os dados cujo encurtamento é realizado de modo que sejam preservados todos os segmentos que compõem a margem esquerda da base, até o segundo núcleo silábico, dispensando-se a afixação de uma vogal preestabelecida de truncamento (‘prejuízo’ > ‘prejú’; ‘refrigerante’ > ‘refrí’; ‘visual’ > ‘visú’).

O padrão denominado ‘odônto’, por sua vez, agrupa os truncamentos que se formam por meio da preservação integral do morfema situado mais à esquerda das suas palavras-matrizes (‘fonoaudiologia’ > ‘fôno’; ‘quilograma’ > ‘quflo’; ‘hematologista’ > ‘hemáto’).

No que tange aos padrões de afinidade estrutural acima citados, a presente tese visa a promover a descrição do processo de truncamento com base em um único modelo teórico; no caso, a Morfologia Prosódica Circunscritiva, aplicado aos três grupos. Conforme já mencionado no capítulo 1, dedicado às palavras iniciais, a Morfologia

Prosódica Circunscritiva é um modelo fundamentado nas noções de molde e circunscrição (cf. capítulo 4). Por isso, a distribuição em padrões estruturais distintos deve ser levada em conta, uma vez que a circunscrição mapeará domínios diferentes em cada padrão (duas sílabas ou um morfema integral, por exemplo). No entanto, vale ressaltar, a Morfologia Prosódica Circunscritiva mostra-se altamente eficiente no que tange à descrição do processo, restando muito poucas exceções, conforme será explicitado no capítulo 5, destinado à análise de dados.

Vistas as características gerais do truncamento, bem como as marcas formais de cada padrão estrutural que compõe o *corpus*, a próxima seção objetiva diferenciar o fenômeno de outros processos que também se caracterizam pela redução vocabular. Vejamos, a seguir, quais são os processos que se aproximam do truncamento por eliminar segmentos da base, mas, por outro lado, afastam-se do mesmo por apresentar diferentes especificações formais.

## **2.2. Das diferenças entre truncamento e outros processos de encurtamento**

Por ser o truncamento um processo de formação de palavras que consiste na supressão de segmentos em relação à palavra-matriz, faz-se necessário, neste capítulo, diferenciá-lo de outros processos que também envolvem a perda de material fônico da base para o produto, a saber: derivação regressiva, hipocorização e abreviação. Logo, as subseções seguintes dedicam-se à delimitação de fronteiras entre tais fenômenos e o truncamento, com o objetivo de evidenciar as particularidades de cada processo e evitar os frequentes problemas encontrados na identificação dos mesmos.

Em princípio, pode-se dizer que os processos supracitados ora se aproximam do truncamento, devido à eliminação de segmentos da base, ora se distanciam deste último

por motivos diversos. Ao final de cada subseção, será apresentado um quadro resumitivo com a retomada dos fatores utilizados na distinção entre os processos, objetivando ressaltar a razão pela qual o truncamento é, nesta tese, considerado um fenômeno distinto da derivação regressiva, da hipocorização e da abreviação.

### **2.2.1. Truncamento e derivação regressiva**

A derivação regressiva é um processo de formação de palavras que, assim como o truncamento, envolve a perda de segmentos da base. Contudo, os referidos processos diferem em relação a diversos aspectos, tal como será explicitado a seguir.

Constituem casos de derivação regressiva os nomes em que a sequência apagada é interpretada como afixo e retirada com o intuito de formar uma nova palavra, constituída apenas da (suposta) base e de uma vogal temática nominal. Esse é o caso da palavra-origem ‘sarampão’, por exemplo, a partir da qual se formou ‘sarampo’, devido à análise da sequência -ão como sufixo aumentativo. Observe-se que a supressão do elemento tomado como sufixo envolve também a mudança de significado: ‘sarampo’ tornou-se o nome com que é conhecida a doença infantil, enquanto ‘sarampão’ passou a designar um “intenso ataque de sarampo”. Dessa forma, a derivação regressiva nominal deve ser diferenciada do processo inverso de derivação sufixal, pois envolve a supressão de uma sequência que não é um afixo, mas reanalisada como tal, e permite a formação de novas palavras.

Vale ressaltar que Cunha (1996) indica a entrada de ‘sarampão’ na língua portuguesa, no século XVI, anterior ao ingresso de ‘sarampo’, que teria se dado em 1844 – fato que serve de evidência para a identificação da direção do processo (‘sarampão’ > ‘sarampo’), confirmando-se a derivação regressiva, uma vez que se trata da supressão da



seqüência -ão, tomada como afixo, e não da adjunção do sufixo idêntico fonicamente, com o objetivo de expressar o grau<sup>5</sup>.

O fato de o truncamento consistir em um processo de formação de palavras que envolve fatores morfoprosódicos, e não a mera retirada de sufixos ou de segmentos tomados como tal, apresenta-se como razão para que o processo seja considerado imprevisível e assistemático em várias abordagens, de diferentes perspectivas teóricas. No entanto, o fenômeno mostra-se bastante regular se levada em conta a ocorrência de um mapeamento melódico baseado em expedientes morfoprosódicos que determinam a natureza da forma truncada, conforme o será descrito mais adiante, com os instrumentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva.

Gonçalves (2011a) propõe a diferenciação entre truncamento e derivação regressiva deverbal com base em quatro aspectos que, segundo o autor, são capazes de caracterizá-los como processos diferentes. De acordo com o autor, faz-se necessário distinguir os referidos processos, pois a semelhança entre eles se restringe à perda de segmentos fônicos da base, seguida da afixação de uma vogal átona (apenas no caso dos truncamentos tipo ‘flágra’), uma vez que há inúmeras razões para que os mesmos sejam considerados processos distintos.

O primeiro fator que, de acordo com Gonçalves (*op. cit.*), pode ser utilizado para diferenciar o truncamento da derivação regressiva é a ausência de função sintática (BASILIO, 1987)<sup>6</sup> verificada no primeiro, uma vez que formas truncadas apresentam a mesma especificação sintática da base, ficando a opção do falante relacionada a um estilo mais coloquial (“A *cerveja* servida na festa estava bem gelada”; “Nos dias quentes, só uma

---

<sup>5</sup> A perspectiva diacrônica é de extrema relevância em casos como o que se apresenta, uma vez que há pouca chance de o falante identificar sincronicamente qual dos itens constitui a base do processo de formação.

<sup>6</sup> Segundo a autora, a ausência ou presença de “função sintática” relaciona-se ao fato de os processos de formação de palavras serem capazes de promover (ou não) alterações nas funções sintáticas desempenhadas por base e produto. Utilizando o critério da autora, portanto, o truncamento se caracteriza por não alterar a função sintática do produto em relação à base – daí a expressão “ausência de função sintática”.

*cérva* bem gelada mata a sede”). Na derivação regressiva deverbal, ao contrário, pares como ‘roubar’/‘roubo’ e ‘lutar’/‘luta’, por exemplo, evidenciam que se trata de um processo caracterizado por alterar a especificação lexical da base (verbo → nome) – o que impede o uso da palavra-matriz e do derivado nos mesmos contextos sintáticos.

Ainda segundo Gonçalves (2011a), o tipo de sequência fônica apagada também distingue a derivação regressiva deverbal do truncamento, pois a primeira ocorre por meio da supressão de uma sequência afixal, enquanto, no segundo, a porção suprimida não é, necessariamente, um afixo. Ademais, o autor destaca que, na derivação regressiva, a parte aproveitada no produto sempre equivale ao radical da base (‘trabalhar’ > trabalh-<sub>radical</sub> + -o > ‘trabalho’) – o que pode, ou não, acontecer entre formas resultantes de truncamento (‘português’ > portug-<sub>radical</sub> + -a > ‘portúga’, mas ‘vagabunda’ > (?) vagab- + -a > ‘vagába’).

No que tange à questão semântica, Gonçalves (*op. cit.*) considera que o truncamento não envolve mudanças de significação primária, pois as formas truncadas são intercambiáveis semanticamente com as palavras-matrizes. Nesse caso, têm-se produtos que possuem o mesmo significado de suas bases, porém acrescido de fatores tais como pejoratividade ou vínculo com o estilo mais coloquial, jovem ou informal:

(01)

‘Japonês’ > ‘jápa’

‘Analfabeto’ > ‘anáfa’

‘Motorista’ > ‘motô’

‘Prejuízo’ > ‘prejú’

A terminação do produto é também um fator que, segundo Gonçalves (2011a), distancia o truncamento da derivação regressiva, uma vez que, no primeiro, o padrão ‘flágra’ é marcado pela afixação apenas da vogal (-a). Os derivados regressivos de base verbal, por sua vez, podem ser finalizados pelas vogais -a, -e, -o – inclusive nos verbos de mesma classe paradigmática: ‘lutar’/‘luta’; ‘atacar’/‘ataque’; ‘roubar’/‘roubo’.

Pelas razões supracitadas, Gonçalves (2011a: 303) ressalta que a direcionalidade do truncamento é “inequívoca (do nome maior para o menor), sendo a vogal final [nos casos em que há afixação] sempre (-a)”. Entre os derivados regressivos deverbiais, ao contrário, a relativa imprevisibilidade das vogais afixadas levou autores tais como Basilio (1987) e Gamarsky (1984) a reconsiderar a direcionalidade do processo (de nomes para verbos, e não o inverso), tomando como base o fato de ser mais produtiva a formação de verbos de primeira conjugação.

Por fim, baseado nas diferenças apresentadas, Gonçalves (*op. cit.*: 303) formula a seguinte questão: “*transa* e *flagra* são truncamentos de ‘transação’ e ‘flagrante’, ou, na verdade, constituem derivações regressivas de ‘transar’ e ‘flagrar’, nesta ordem?”. De acordo com o autor, ‘transa’ não é um truncamento de ‘transação’, mas um derivado regressivo do verbo ‘transar’, uma vez que ‘transação’ e ‘transa’ não são intercambiáveis semanticamente, tal como se observa nos exemplos a seguir, fornecidos pelo autor: “A *transação* (= negociação comercial) transcorreu dentro dos limites da normalidade”; “(?) A *transa* (= relação sexual) transcorreu dentro dos limites da normalidade”. Ademais, como ressalta Gonçalves (*op. cit.*), ‘transa’ mantém a subcategorização de ‘transar’, uma vez que admite complementação nominal: “José *transou* com Maria”; “A *transa* de José com Maria” (exemplos do autor).

Quanto ao par ‘flagrante’/‘flagra’, Gonçalves (2011a) afirma que se trata de truncamento, em vez de derivação regressiva do verbo ‘flagrar’, pois, ao contrário do que

se observou anteriormente, com o item ‘transa’, é possível utilizar a forma mais curta ou a mais longa, sem que haja prejuízo da significação primária: “José deu um maior *flagrante* em Maria”; “José deu um maior *flagra* em Maria”.

As diferenças verificadas quando da formação de ‘transa’ e ‘flagra’ podem ser representadas pelo esquema em (02), a seguir, proposto por Gonçalves (*op. cit.*), no qual se pode observar que há “dois nomes deverbais formados a partir de ‘transar’ (o regressivo e o derivado sufixal), enquanto, de ‘flagrar’, deriva-se um substantivo deverbal, que, por sua vez, ao ser truncado por esse padrão, perde exatamente o sufixo nominalizador” (GONÇALVES, *op. cit.*: 304):

(02)

Transar → Transação

Flagrar → Flagrante



Transa



Flagra

Em suma, de acordo com o autor, pode-se dizer que truncamento e derivação regressiva deverbal são processos que operam sobre *inputs* diferentes, pois o primeiro atua apenas sobre nomes, enquanto o segundo tem verbos como palavras-matrizes e nomes como produtos, apresentando, por isso, relação com a função de adequação sintática dos processos de formação de palavras (ROCHA, 1998). Há um tipo de derivação regressiva, deve-se lembrar, que também atua sobre nomes – este é o caso de ‘sarampão’ > ‘sarampo’, já mencionado nesta subseção. Contudo, o referido tipo de derivação dificilmente pode ser identificado sincronicamente e, além disso, tem como porção apagada uma sequência tomada como afixo, diferenciando-se, assim, do truncamento – fenômeno em que não se

encontram obstáculos ao acesso à palavra-matriz e, além disso, é marcado pelo fato de a parte suprimida não ser tomada como afixo, mas regida por fatores morfoprosódicos.

A seguir, o quadro resumitivo 1 destaca o grande número de fatores que podem ser utilizados para assegurar a distinção entre truncamento e derivação regressiva:

<b>Elenco de fatores</b>	<b>Truncamento</b>	<b>Derivação regressiva</b>
1. Perda de segmentos	Sim	Sim
2. Sequência apagada tomada como afixo	Não	Sim (entre os nomes) <sup>7</sup>
3. Função sintática (BASILIO, 1987)	Ausência	Presença
4. Intercâmbio semântico	Sim	Não
5. Parte aproveitada no produto	Radical ou não	Radical
6. Vogal afixada	-a (em um único padrão)	-a, -e, -o

Quadro resumitivo 1

Como se pode observar, o único fator responsável pela coincidência estrita entre truncamento e derivação regressiva é a perda de segmentos. Em relação aos demais fatores, os processos tocam-se apenas na especificação da parte aproveitada no produto e na vogal afixada; porém, deve-se ressaltar, a derivação regressiva mantém *sempre* o radical da base, enquanto o truncamento o mantém somente em parte dos dados. Quanto à vogal afixada, observa-se que (-a) pode marcar os dois processos; contudo, no caso do truncamento, (-a) é a única vogal a ser afixada em produtos e, ainda assim, apenas em um dentre os três grupos de afinidade estrutural. Os derivados regressivos, por sua vez, ao lado de (-a), podem ser marcados também pelas vogais (-e) e (-o). Em suma, com base nos fatores elencados, pode-se defender a distinção entre truncamento e derivação regressiva, levando-se em conta o fato de haver um maior número de fatores que apontam para o distanciamento entre os processos em questão.

<sup>7</sup> Entre os verbos, deve-se lembrar, a questão da interpretação da sequência apagada como afixo não se aplica, uma vez que se trata de um afixo de fato – uma desinência verbal, facilmente identificada pelo falante enquanto sequência presente nos verbos da língua.

Estabelecidas as diferenças existentes entre o truncamento e a derivação regressiva, pode-se, a partir da próxima subseção, distingui-lo também dos processos de hipocorização e abreviação, a começar pelo primeiro.

### **2.2.2. Truncamento e hipocorização**

A hipocorização, assim como o truncamento, é um fenômeno que envolve diminuição no corpo fônico da palavra-matriz. Entretanto, há diferenças entre os dois processos que, segundo Gonçalves (2004), permitem defender a autonomia desses fenômenos, embora autores como Colina (1996) e Piñeros (2000) considerem a hipocorização um tipo de truncamento. Nesta subseção, portanto, adota-se a proposta de Gonçalves (2004) e apontam-se as principais diferenças entre truncamento e hipocorização, tomados como processos distintos.

A característica de bases e produtos pode ser utilizada como parâmetro para a distinção entre truncamento e hipocorização, pois, no primeiro, têm-se bases e produtos da categoria dos nomes próprios<sup>8</sup> ('Belo Horizonte' > 'Belô') ou comuns ('beleza' > 'belê'), dentre os quais se encontram alguns que também podem exercer a função de adjetivos ('analfabeto' > 'análfa'; 'pentacampeão' > 'pênta'). A hipocorização, por sua vez, atua sobre antropônimos, que, após o encurtamento, mantêm a sua categoria. Em outras palavras, pode ser considerada uma operação que tem como base e produto somente antropônimos:

---

<sup>8</sup> Nesse caso, topônimos, pois os antropônimos encontram-se sob o domínio da hipocorização, conforme será exposto a seguir.

(03)

‘Roberto’ > ‘Béto’

‘Alexandre’ > ‘Xânde’

‘Isabel’ > ‘Bél’

‘Fernando’ > ‘Nândo’

Quanto ao valor expressivo, tem-se nova diferença entre hipocorização e truncamento, visto que a primeira apresenta relação com a afetividade ou com o grau de intimidade existente entre o falante e a pessoa a que o antropônimo se refere. Hipocorísticos são, em geral, construções restritas ao âmbito familiar ou ao círculo de amizades do falante, nos quais se mostram tratamentos como ‘Malú’ (‘Maria Lúcia’) ou ‘Edú’ (‘Eduardo’).

Valor diferente possui o truncamento, cujo emprego se relaciona com a expressão de pejoratividade (‘japonês’ > ‘jápa’) ou com outra marca do locutor sobre o enunciado (‘refrigerante’ > ‘refrí’) – fatores ligados a contextos informais ou ao estilo adotado por grupos de falantes jovens, independente dos laços de afetividade existentes na relação entre falante e interlocutor.

Ainda em relação ao valor expressivo, cabe mencionar que os hipocorísticos, segundo Thami da Silva (2013), apresentam maior carga de afetividade quando apresentam estruturas menores, do tipo CV:

“[...] os hipocorísticos compostos por uma única sílaba CV, podendo esta ser passível de reduplicação, [...] são mais afetivos do que um encurtamento em que haja menor perda segmental, como no caso de dados como ‘Eduardo’ > ‘Edú’, que seria, então, menos afetivo; e ‘Dú’, considerado pelos informantes uma estrutura mais expressiva quanto à afetividade” (*op. cit.*: 108).

O truncamento, em contrapartida, não apresenta intensificação do valor expressivo quando se comparam formas monossílabas ('pós-graduação' > 'pós'), dissílabas ('bijuteria' > 'bijú') e trissílabas ('Maracanã' > 'Maráca'). Em outros termos, não parece haver intensificação do grau de informalidade ou pejoratividade conforme a diminuição da forma truncada. Tal afirmativa pode ser ratificada pela ocorrência de dois truncamentos para a base 'sapatão' – 'sápa' e 'sapáta' – dentre as quais não se observa maior expressividade no emprego da forma menor.

Truncamento e hipocorização distinguem-se também quanto à forma, pois, de acordo com Gonçalves (2004), os hipocorísticos, por se assemelharem à linguagem infantil, sujeitam-se a condições de boa-formação silábica, pois, nas referidas construções, as estruturas silábicas de menor complexidade são privilegiadas. Dessa forma, a hipocorização em português tende a apresentar, por exemplo, sílabas abertas ('Augusto' > 'Gúto') e onsets não complexos ('Gertrudes' > 'Túde'), que se caracterizam por constituir estruturas menos marcadas na língua. Além disso, a hipocorização forma palavras mínimas, não ultrapassando, por isso, o limite de duas sílabas. Assim, hipocorísticos são construções que possuem uma sílaba ('Bél', 'Quél') ou, no máximo, duas ('Lípe', 'Lêne').

Pelo que foi exposto até então, pode-se dizer que a hipocorização, além de formar palavras mínimas na língua, está sujeita a condições de boa-formação que justificam diferenças encontradas entre antropônimo e hipocorístico, tais como a simplificação de onsets complexos ('Euclides' > 'Kíde') e a supressão de codas ('Roberto' > 'Béto'), com o objetivo de formar sílabas preferencialmente do tipo CV. Destarte, a hipocorização consiste em um processo que privilegia a marcação sobre a fidelidade, uma vez que a fidelidade à base pode ser sacrificada em favor de estruturas silábicas menos marcadas na língua.



O truncamento, por sua vez, é um fenômeno em que a fidelidade à palavra-matriz sobrepõe-se à marcação, pois, nesse caso, a margem esquerda da base é preservada na forma truncada, mesmo que, para tanto, condições de boa-formação, como a não complexidade no onset e a não-existência de codas, sejam desrespeitadas. Em outras palavras, no processo de truncamento, estruturas silábicas consideradas complexas no português são admitidas, não se observando bloqueios quanto ao preenchimento da posição de coda ('expô', 'gástro') ou à complexidade no onset ('refrí', 'rétro'), visto que a fidelidade à margem esquerda da palavra-matriz mostra-se prioritária em relação a estruturas menos marcadas.

Em relação à formação de palavras mínimas, o truncamento também apresenta comportamento distinto da hipocorização, pois, enquanto esta última não ultrapassa o limite de duas sílabas, o truncamento não forma necessariamente palavras mínimas. Os dados a seguir mostram que truncamentos podem apresentar duas ou três sílabas:

(04)

'Condí' ('condição')

'Saláfra' ('salafrário')

'Belê' ('beleza')

'Madrúga' ('madrugada')

'Carná' ('carnaval')

'Elétro' ('eletrocardiograma')

'Deprê' ('depressão')

'Hemáto' ('hematologista')

'Bijú' ('bijuteria')

'Pedágo' ('pedagogia')

Existe, ainda, outra diferença entre hipocorização e truncamento, desta feita no âmbito da afixação, uma vez que este último é um processo que pode se realizar por meio da afixação da vogal (-a) após o encurtamento ('português' > 'portúga'; 'primeira' > 'príma'). Hipocorísticos, por sua vez, não são passíveis da afixação de qualquer vogal

depois de processado o encurtamento que gera palavras mínimas, muito embora possam constituir bases para sufixações avaliativas ('Dedeco'; 'Cadinho').

Tal como na subseção anterior, o quadro resumitivo 2, a seguir, apresenta os fatores ora empregados na diferenciação entre truncamento e hipocorização, com vistas a detectar os pontos em que os referidos processos se aproximam ou se afastam.

<b>Elenco de fatores</b>	<b>Truncamento</b>	<b>Hipocorização</b>
1. Perda de segmentos	Sim	Sim
2. Categoria da base	Nomes comuns e topônimos	Antropônimos
3. Valor expressivo	Pejoratividade, informalidade	Afetividade
4. Relação tamanho/valor expressivo	Não	Sim
5. Formação de palavras mínimas	Não obrigatória	Obrigatória
6. Marcação ou fidelidade à base	Fidelidade	Marcação
7. Afixação	Sim (em um grupo de dados)	Não

Quadro resumitivo 2

Face aos aspectos discutidos nesta subseção e retomados no quadro acima, a presente pesquisa toma hipocorização e truncamento como fenômenos distintos, pois o grande número de diferenças encontradas mostra-se suficiente para a conclusão de que se trata de dois processos que, embora envolvam o encurtamento da palavra-matriz, possuem cada qual suas especificidades. Mais particularmente, os fenômenos aproximam-se apenas na perda de segmentos da base, uma vez que se afastam em relação aos demais fatores adotados. Quanto ao fator 5, deve-se comentar que, no truncamento, pode haver a formação de palavras mínimas; porém, nesse caso, trata-se de uma coincidência nos dados em que o material circunscrito (cf. capítulo 4) leva a uma palavra mínima, a depender do número de segmentos da base que são apagados. Na hipocorização, ao contrário, a formação de palavras mínimas é uma exigência do processo de formação.

No que tange ao fator 7, pode-se dizer que a hipocorização se caracteriza pela ausência de qualquer tipo de elemento afixado. O truncamento, em contrapartida, pode envolver a afixação da vogal (-a), tal como se observa em 'jápa' (< 'japonês'), bem como pode ser processado sem afixação: 'depilação' > 'depí'. No entanto, esse pequeno ponto de aproximação é insuficiente para que seja apontada uma convergência entre os processos em questão, uma vez que os pontos de distanciamento, além de mais numerosos, são mais significativos.

Na próxima subseção, vejamos como podem ser diferenciados os processos de truncamento e abreviação, de acordo com a perspectiva adotada na presente tese.

### **2.2.3. Truncamento e abreviação**

Esta subseção visa a estabelecer diferenças entre os fenômenos de truncamento e abreviação, pois, embora autores como Basilio (1987), Carone (2004) e Sandmann (1990) considerem encurtamentos diversos como abreviações, na presente tese, para que se trate de truncamento, é necessário atender a certas condições formais que não se aplicam à abreviação. Por esse motivo, faz-se necessário delimitar os dois processos e esclarecer de que modo a abreviação é entendida sob o ponto de vista adotado nesta pesquisa.

O primeiro fator que pode ser utilizado para distinguir abreviação de truncamento consiste em uma característica deste último que já foi apontada na subseção 2.2.2: a preservação da margem esquerda da base. Formas truncadas mantêm-se fiéis à margem esquerda de suas bases; isto é, no fenômeno de truncamento, a relação de fidelidade entre forma truncada e palavra-matriz sobrepõe-se à necessidade de

submeter o produto a condições de boa-formação, uma vez que a fidelidade à porção esquerda da base é priorizada sobre a emergência de estruturas não-marcadas na língua.

Nesse sentido, a abreviação distingue-se do truncamento por consistir em uma operação que não apresenta compromisso com a preservação da margem esquerda da palavra-origem, visto que, embora algumas formas a mantenham em parte ('avenida' > 'av'; 'senador' > 'sen'; 'professor' > 'prof'), há um grande número de dados que revelam a não-fidelidade à porção esquerda da base:

(05)

'Praça' > 'pça'

'Loja' > 'lj'

'Campo' > 'cpo'

'Comandante' > 'comte'

'General' > 'gal'

'Banco' > 'bco'

'Excelentíssimo' > 'exmo'

'Coronel' > 'cel'

'Senhor' > 'sr'

'Santa' > 'sta'

'Apartamento' > 'apto'

'Folha' > 'fl'

Dessa forma, o apagamento de segmentos que integram a margem esquerda da palavra-matriz pode ser empregado como parâmetro para a diferenciação entre abreviação e truncamento, uma vez que este último, por consistir em um fenômeno que privilegia a fidelidade à base, tem como característica a preservação da porção esquerda, que é mantida integralmente na forma truncada, mas não necessariamente em abreviações.

Outra diferença que pode ser apontada entre abreviação e truncamento é o fato de a primeira formar, inúmeras vezes, sequências cuja ordenação de grafemas<sup>27</sup> não corresponde a estruturas silábicas aceitáveis em português. Dito de outra maneira, formas abreviadas não raro são constituídas de sequências fônicas que não podem compor sílaba em português, tais como ‘cpo’, ‘sr’, ‘pl’ e ‘bco’ – o que torna o processo de abreviação restrito à escrita, por resultar em uma série de configurações que não podem ser tomadas como palavras da língua<sup>28</sup>.

Truncamentos, em contrapartida, são sempre constituídos de sequências fônicas que se conformam aos padrões silábicos do português – característica que lhes é conferida pela preservação da margem esquerda da palavra-matriz. Assim, não há formas truncadas consideradas mal-formadas por não corresponderem a construções entendidas pelo falante como palavras do português. A partir de então, pode-se afirmar que o truncamento não se apresenta como um fenômeno restrito à modalidade escrita, uma vez que as estruturas dos *outputs* atendem aos padrões silábicos do português e podem, por essa razão, ser expressas nas modalidades escrita e oral, o que não acontece com todas as abreviações.

---

<sup>27</sup> Falamos em grafemas, nesse caso, porque acreditamos que a abreviação é um fenômeno típico da língua escrita.

<sup>28</sup> Nesse caso, a forma abreviada ‘prof’ constitui exceção, uma vez que a epêntese vocálica na posição final tem como resultado ‘prófi’ [‘prɔfi] – construção que se mostra adequada ao padrão silábico do português e, em consequência disso, pode ser pronunciada como uma palavra da língua, tal como se observa na fala espontânea. Contudo, na presente tese, não se considera ‘prófi’ um dado de truncamento, em virtude de o mesmo não se ajustar aos padrões identificados para a análise do fenômeno, pois, ao que parece, tem como origem uma forma abreviada na escrita.

O vínculo do truncamento à língua oral, enquanto abreviações se restringem à escrita, suscita, além dos aspectos já discutidos anteriormente, uma questão que envolve o tipo de *input* dos processos. Parece não haver dúvida quanto ao fato de a abreviação ter como *input* uma forma escrita, considerando-se o enorme número de formas abreviadas que não apresentam configuração silábica licenciada em português. O truncamento, por sua vez, é um processo que tem como *inputs* dados de fala, ou seja, formas fonéticas, tal como revelam, por exemplo, as formas ‘razú’ (< ‘razoável’) e ‘gúrja’ (< ‘gorjeta’), realizadas com a vogal alta [u] em lugar da vogal média [o] na escrita. Essa característica do truncamento, cumpre destacar, é responsável pelo uso na língua oral (modalidade em que se encontram *inputs* e *outputs*), visto que estaria comprometida a finalidade do processo caso um *input* de fala correspondesse a um *output* de escrita.

Em relação ao uso, também se estabelece, neste estudo, uma distinção entre abreviação e truncamento, visto que este último pode ser empregado com o intuito de expressar pejoratividade, imprimir a marca do falante sobre o enunciado ou indicar informalidade (cf. 2.2.1). Desse modo, pode-se dizer que o falante, ao optar por formas truncadas, visa, em geral, à expressão de um conteúdo não veiculado pela palavra-matriz.

A abreviação, por sua vez, não apresenta relação com os fatores supracitados, pois a escolha do falante, nesse caso, parece estar condicionada à economia de tempo ou de espaço na escrita, uma vez que grande número de formas abreviadas tem seu emprego restrito a essa modalidade (‘pl’ e ‘bco’, por exemplo), embora algumas construções possuam estrutura silábica compatível com os padrões do português, assim como ‘gal’ – o que permite a análise e a pronúncia das mesmas como palavras da língua. Além disso, vale lembrar o caso da abreviação ‘prof’, em que a epêntese vocálica adapta a forma ao padrão

silábico do português, segundo o qual a posição de travamento silábico não é licenciada às consoantes fricativas labiais<sup>29</sup>.

Por fim, pode-se dizer que, ao valerem-se de abreviações, os falantes objetivam encurtar formas de modo a promover a adaptação da palavra que se deseja utilizar a condições de tempo e/ou espaço limitadas, visto que não se verifica a expressão de conteúdos tais como pejoratividade, marca do falante sobre o enunciado e índice de informalidade no uso de construções abreviadas, ao contrário do que se verifica no truncamento – fenômeno em que tais aspectos se mostram relevantes.

Assim como nas subseções anteriores, o quadro resumitivo abaixo retoma as semelhanças e diferenças entre truncamento e abreviação.

<b>Elenco de fatores</b>	<b>Truncamento</b>	<b>Abreviação</b>
1. Perda de segmentos	Sim	Sim
2. Fidelidade à margem esquerda	Obrigatória	Não obrigatória
3. Configuração silábica licenciada	Obrigatória	Não obrigatória
4. Tipo de <i>input</i>	Fala	Escrita
5. Valor expressivo	Sim	Não

Quadro resumitivo 3

Como se pode observar, a aproximação entre o truncamento e a abreviação, tal como verificado nas subseções destinadas à derivação regressiva e à hipocorização, restringe-se à perda de segmentos, visto que os dois processos são caracterizados pelo encurtamento da palavra-matriz. Deve-se lembrar que, embora haja formas abreviadas fiéis à margem esquerda da base e/ou de estrutura silábica compatível com os padrões do português, a abreviação é marcada pela não-obrigatoriedade em relação aos fatores 2 e 3, ao passo que, no truncamento, é estritamente obrigatória a fidelidade à porção esquerda.

<sup>29</sup> Vale lembrar que, de acordo com Camara Jr. (1970), há somente quatro consoantes pós-vocálicas, isto é, aquelas que podem ocupar a posição final de sílaba: o arquifonema /S/, o arquifonema /R/, /l/ e o arquifonema /N/. No dialeto carioca, têm-se como exemplos ‘mas’, ‘faz’, ‘flor’, ‘banda’ e ‘compra’. No referido dialeto, vale destacar, /l/ não ocupa a posição final de sílaba, uma vez que, nesse caso, tem-se o glide /w/.

Em suma, tomando-se como base os quadros resumitivos 1, 2 e 3, pode-se dizer que o encurtamento de uma base é o único fator comum aos quatro processos listados nesta seção: truncamento, derivação regressiva, hipocorização e abreviação. Contudo, os referidos processos distinguem-se em relação a fatores de ordens diversas – o que nos permite defender a separação entre eles, com base no maior número de fatores que levam ao seu afastamento.

No próximo capítulo, apresenta-se a revisão da literatura acerca do processo de truncamento, com o objetivo de verificar as diferenças encontradas em descrições feitas com base nas perspectivas da Gramática Tradicional, dos manuais de morfologia e da Teoria Morfológica. Em seguida, serão apresentadas algumas pesquisas recentes no português brasileiro, que contribuíram para a sistematização do processo.



## Capítulo 3 – Revisão da literatura

---

O presente capítulo destina-se a revisitar as descrições do fenômeno de truncamento encontradas em gramáticas tradicionais, nos manuais de morfologia e em trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da Teoria Morfológica. Em seguida, apresentam-se algumas pesquisas recentes acerca do processo no português brasileiro. Além disso, na última seção que compõe o capítulo, apresenta-se a metodologia adotada na recolha dos dados e nos testes aplicados aos informantes. Começamos, então, pela descrição do truncamento segundo as abordagens tradicionalistas.

### 3.1. A perspectiva da Gramática Tradicional

Rocha Lima (2002), na seção denominada “outros tipos de formação de palavras”, afirma que os processos de formação de palavras prototípicos em português são a composição e a derivação. Contudo, o autor lista cinco fenômenos que denomina “subsidiários” e reconhece como processos de formação de palavras, embora não os descreva: onomatopeia (reprodução de ruídos, tal como em ‘tique-taque’), siglagem (redução às letras iniciais de nomes longos como ‘Organização dos Estados Americanos’, ‘OEA’, por exemplo), hipocorização (encurtamento de antropônimos, assim como em ‘Fernanda’ > ‘Nanda’), braquissesmia (próclise de prenome antes de nome de família (*sic*), tal como se observa em ‘Fernão’ < ‘Fernando’) e, por fim, abreviação, que não é definida pelo autor, somente exemplificada por ‘auto’ < ‘automóvel’ e ‘foto’ < ‘fotografia’, entre outras formas.

Bechara (2001) atribui o nome de abreviação ao fenômeno de truncamento, definido como “o emprego de uma parte da palavra pelo todo”. O autor cita, para fim de exemplificação, as formas ‘extra’ (< ‘extraordinário’) e ‘foto’ (< ‘fotografia’), porém mistura critérios ao considerar a siglagem “um caso especial de abreviação” (*op. cit.*: 371), uma vez que não há parâmetro formal capaz de proporcionar uma análise comum à formação de ‘extra’ e ‘ONU’, por exemplo, visto que a primeira copia, na íntegra, o morfema situado na margem esquerda palavra-matriz (o prefixo latino ‘extra’), enquanto a segunda constitui-se do primeiro segmento de cada palavra que compõe o nome da instituição a que se refere: **Organização das Nações Unidas**.

Cunha & Cintra (2001), por sua vez, embora também atribuam ao truncamento o nome de abreviação e a definam como “a redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão” (*op. cit.*: 116), não incluem a siglagem no mesmo processo. Como exemplos, os autores apontam formas tais como ‘pneu’ (< ‘pneumático’) e ‘quilo’ (< ‘quilograma’), a partir das quais afirmam que a palavra encurtada assume o sentido da palavra-matriz.

Com base no exposto até então, pode-se dizer que a Gramática Tradicional (GT) não descreve satisfatoriamente o fenômeno de truncamento, denominado abreviação por todos os autores aqui citados. Outro problema encontrado na abordagem da GT é o fato de Bechara (2001), por exemplo, conferir à siglagem o mesmo tratamento dispensado às formas que denomina abreviadas – fato que acarreta uma contradição formal, uma vez que siglagem e abreviação (nos termos do autor) apresentam características diferentes quando da sua formação.

Como última observação, deve-se advertir que os autores mencionados adotam como exemplos apenas dados relacionados ao padrão de truncamento denominado ‘odônto’ na presente tese; ou seja, todas as formas citadas pelos referidos autores são

constituídas pelos morfemas que compõem a borda esquerda da palavra-matriz ('foto'; 'extra'; 'quilo'). Truncamentos pertencentes aos padrões 'refrí' e 'flágra', portanto, são desconsiderados por esse tipo de abordagem.

Contudo, deve-se ressaltar que a descrição dos processos de formação de palavras, segundo os autores aqui selecionados, aborda, ao lado dos processos mais tradicionais (prefixação, sufixação, derivação regressiva), um fenômeno amplamente utilizado na língua oral coloquial, que dá origem a formas truncadas como 'êxtra' e 'gástro', por exemplo.

Na ausência de um aparato teórico, os autores representativos da GT denominam o processo em questão de "abreviação"; porém, é importante notar que a identificação do truncamento enquanto processo de formação de palavras pode ser considerado um marco no estudo da morfologia do português, uma vez que abriu caminho para descrições mais completas, realizadas por autores que se empenharam em detalhar formalmente o processo. Vejamos, a partir de então, os pontos-de-vista de autores mais representativos da morfologia.

### **3.2. A perspectiva dos manuais de morfologia**

Quanto à perspectiva de morfólogos do português, Basilio (1987), por exemplo, denomina "redução" ou "abreviação" a formação de novas palavras por meio da supressão de segmentos da palavra-matriz. No entanto, a autora menciona dois tipos de estruturas que resultam do processo: (a) 'delega' (< 'delegado'), por exemplo, em que a parte suprimida é considerada imprevisível e assistemática, e (b) 'vídeo' (< 'videocassete'), na qual uma das partes da composição é empregada pelo todo. Observe-se que Basilio (1987), embora atribua ao processo o nome de abreviação, tal como os autores mais representativos da GT,

apresenta como exemplo a forma ‘delega’ – evidência de que reconhece a existência do padrão de truncamento marcado pela circunscrição do radical da base, acrescido da vogal (-a).

Carone (2004) também confere ao truncamento o nome de abreviação, definida como “processo bastante limitado” (*op. cit.*: 42). Porém, a autora considera a atuação do processo restrita a compostos formados a partir de radicais gregos ou latinos e toma como exemplos, entre outras, as construções ‘auto’ (< ‘automóvel’) e ‘moto’ (< ‘motocicleta’).

Em Kehdi (2005), o truncamento, sob o nome de “abreviação”, é definido como a redução de um vocábulo sem que ocorra a mudança de classe, tal como se observa em ‘extraordinário’ (adjetivo) > ‘extra’ (adjetivo) e ‘fotografia’ (substantivo) > ‘foto’ (substantivo). Ainda segundo o autor, a abreviação não é regida por critérios homogêneos, pois, no caso de ‘extra’, reduz-se a base ao prefixo, enquanto, no caso de ‘foto’, é mantido o primeiro radical da palavra-matriz composta.

Também Sandmann (1990) denomina “abreviação” o fenômeno que, de acordo com o autor, consiste na omissão de parte da palavra-matriz. Quanto à tipologia, Sandmann (*op. cit.*) propõe dois tipos de abreviações: (a) *cérva* e (b) *máxi*. O primeiro grupo, de acordo com o autor, é marcado pelo fato de o falante, às vezes, realizar a abreviação com base na suposta estrutura morfológica de uma palavra complexa. Como exemplo, o autor cita a palavra-matriz ‘cerveja’, que, sincronicamente, não apresenta mais de um morfema – daí o fato de serem consideradas arbitrárias as abreviações tipo ‘*cérva*’, uma vez que o corte efetuado na base não corresponde ao limite entre constituintes de uma palavra morfológicamente complexa. No referido grupo, deve-se destacar, Sandmann (1990) inclui formas tais como ‘Lú’, ‘Crís’ e ‘Jô’, que, ainda segundo o autor, são empregadas em contextos menos formais. Assim, pode-se dizer que o autor não faz distinção entre os processos de truncamento e hipocorização.

Entre as abreviações tipo ‘máxi’, afirma Sandmann (1990), a estrutura da palavra morfológicamente complexa é levada em consideração no encurtamento, bem como se observa em ‘auto’ (< ‘automóvel’), ‘foto’ (< ‘fotografia’) e ‘micro’ (< ‘microcomputador’). Quanto à questão semântica, o autor propõe que, por se tratar de encurtamentos processados respeitando-se os limites morfológicos da base, existe a possibilidade de correspondência a mais de uma palavra-matriz, tal como se observa em ‘máxi’, que pode ser resultado da abreviação (nos termos do autor) de ‘maxidesvalorização’ ou de ‘maxissaia’, por exemplo. Nesses casos, porém, afirma que o sentido pode ser recuperado no contexto.

Monteiro (1987), por sua vez, não atribui o nome de abreviação ao truncamento, mas o denomina “braquissemia” – processo definido como o emprego de parte de uma palavra pelo todo, em que o produto passa a valer semanticamente pelo vocábulo inteiro, tal como se observa nos exemplos a seguir, listados pelo autor: ‘tri’ (< ‘tricampeonato’), ‘expô’ (< ‘exposição’) e ‘vice’ (< ‘vice-presidente’). Ainda segundo Monteiro (1987), o truncamento (sob o nome de braquissemia), assemelha-se à siglagem, que denomina acrossemia e define como o processo “que consiste na combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto ou de uma expressão” (*op. cit.*: 175).

Observe-se que, tal como Bechara (2001), Monteiro (1987) aponta semelhança entre a braquissemia (nos termos do autor) e a acrossemia (também chamada de siglagem), embora, segundo Monteiro (1987), esta última seja caracterizada por uma “*combinação* de sílabas ou fonemas” [grifo nosso] da base – o que não se aplica, necessariamente, à braquissemia, marcada pela preservação da margem esquerda da palavra-matriz, sem interrupção do processamento da cópia dos segmentos dispostos na periferia esquerda.

Monteiro (1987), Carone (2004) e Kehdi (2005) pouco acrescentam às descrições encontradas nas GTs, uma vez que, embora reconheçam o truncamento como processo de

formação de palavras em português, o atribuem o nome de “abreviação” e limitam-se a citar exemplos ligados somente a um dos padrões abordados nesta tese, aqui denominado ‘odônto’, composto por formas que mantêm o morfema integral situado na borda esquerda da palavra-matriz, tal como em ‘retroprojektor’ > ‘rétro’. Quanto a Kehdi (2005), deve-se comentar que o autor não percebe a existência de um padrão comum na formação de ‘êtra’ (< ‘extraordinário’) e ‘fóto’ (< ‘fotografia’) – equívoco desfeito na presente tese, em que o padrão ‘odônto’ é caracterizado pela preservação integral do morfema localizado na margem esquerda da palavra-matriz, não importando se o morfema em questão é um prefixo ou um radical.

Observe-se, com base nos autores pesquisados, que, mesmo entre os morfólogos do português, não há consenso em relação à descrição do truncamento (denominado abreviação ou braquissesmia), uma vez que quase todos os autores o consideram um processo assistemático e o descrevem em termos de listas de exemplos que não consistem propriamente em uma tentativa de formalização. No entanto, deve-se reconhecer que Basilio (1987) e Sandmann (1990) identificam os padrões de truncamento nesta tese denominados ‘flágra’ e ‘odônto’, ao citar exemplos tais como ‘delega’, ‘cérvá’, ‘foto’ e ‘vídeo’.

Quanto a Basilio (1987), verifica-se um avanço na descrição do processo em relação às abordagens pautadas na GT, visto que a autora, ao tomar a forma ‘delega’ como exemplo, demonstra identificar um tipo de formação distinto daquele que consiste na preservação de um prefixo/radical latino ou grego – o mais citado na literatura.

Em relação a Sandmann (1990), pode-se dizer que o autor apresenta uma tentativa de sistematização do processo, com base em dois grupos por ele denominados ‘cérvá’ e ‘máxi’. Neste último grupo, segundo o autor, o encurtamento respeita os limites das bases morfológicamente complexas, tal como em ‘auto’ (< ‘automóvel’), ‘foto’ (< ‘fotografia’).

No outro grupo, encontram-se as formas do tipo ‘cérva’, em que o encurtamento é realizado com base na suposição de que se trata de uma palavra morfologicamente complexa. Neste último caso, o autor ressalta que (cerv-) não corresponde ao radical de ‘cerveja’ – daí a razão para que o referido grupo tenha sua formação considerada arbitrária, visto que, sem o auxílio de fatores morfoprosódicos, o autor não dispunha de métodos para a identificação do mapeamento da palavra-matriz, cuja cópia deve se ajustar a um molde e, para tanto, pode perder alguns segmentos, tal como se propõe nesta tese (cf. capítulo 5).

Monteiro (1987), por sua vez, reconhece os padrões ‘refri’ e ‘odônto’, visto que apresenta, entre outras, as formas ‘expô’ e ‘vice’ como exemplos; porém, em uma postura diferente daquela verificada em Sandmann (1990), não apresenta uma tentativa de formalização, pois apenas cita os exemplos.

Em suma, embora a maior parte dos autores não descreva o processo de formação dos exemplos por eles citados, pode-se dizer que as propostas de Basilio (1987), Monteiro (1987) e Sandmann (1990), sobretudo deste último, representam um avanço em relação às descrições pautadas na abordagem da GT, que se limitam a exemplificar o processo com dados como ‘foto’ e ‘auto’<sup>30</sup>, frequentemente citados.

### 3.3. A perspectiva da Teoria Morfológica

A partir deste momento, será apresentado o ponto-de-vista de alguns autores representativos da Teoria Morfológica, com o objetivo de verificar se são encontrados, à

---

<sup>30</sup> Quanto ao encurtamento ‘auto’, deve-se advertir que se trata de um dado que não possui o mesmo *status* de ‘fóto’ e ‘trí’, por exemplo. A diferença consiste no fato de as últimas serem utilizadas como truncamentos de ‘fotografia’ e ‘tricampeão’, respectivamente, enquanto a forma ‘auto’ não se presta ao emprego de truncamento da base ‘automóvel’, uma vez que não ocorre como unidade lexical autônoma, tal como se observa nos exemplos a seguir: “Tenho apenas uma *foto* do meu avô paterno”; “A Itália era *tri* até a última Copa”; \*“(Troquei meu *auto* por um modelo mais recente)”. Sob o ponto-de-vista adotado nesta tese, portanto, a forma encurtada ‘auto’ não é considerada um truncamento, mas um elemento que se junta a outras bases para a formação de vocábulos denominados recompostos, a exemplo de ‘autoescola’, ‘autocapa’ e ‘autopeças’ (cf. BELCHOR, 2011).

luz de suas propostas, avanços em relação às descrições até então retomadas para o fenômeno de truncamento. Para tanto, faz-se necessário um breve retorno ao movimento estruturalista – época em que ganhou força o estudo da estrutura interna da palavra.

No início do século XX, o Estruturalismo foi o enquadramento teórico que primeiro se dedicou à morfologia, atribuindo ao *morfema*, não mais à *palavra*, o papel de unidade mínima de significado. Em linhas gerais, pode-se dizer que a ideia de que as sentenças podiam ser analisadas em unidades menores, denominadas *constituintes imediatas*, também se aplicou à *palavra*. A partir de então, os critérios de identificação dos morfemas, sua distribuição, interrelação e organização passaram a constituir o objeto de estudo da morfologia, dando origem, sobretudo a partir de Bloomfield (1933), a uma área da Linguística dedicada à morfologia, a que podemos chamar de Teoria Morfológica.

O meio de que os estruturalistas se utilizaram inicialmente para depreender os morfemas foi a técnica de comutação, pressuposta no modelo de análise Item-e-Arranjo, satisfatoriamente empregada no isolamento de afixos, mas insuficiente para descrever casos de alomorfia, bem como processos de formação de palavras não-concatenativos, assim como demonstrado no capítulo 1. Outro ponto controverso em relação ao modelo em questão é o tratamento de “coisa” destinado aos morfemas, então considerados elementos visíveis e isoláveis na estrutura da palavra.

Utilizando-nos de exemplos no português, casos de alomorfia no radical de verbos para indicar pessoa ( $f/i/z_1^a$  pessoa  $\times$   $f/e/z_3^a$  pessoa) e, nos nomes, para reforçar a flexão de número ( $gr/o/ssO_{\text{singular}}$   $\times$   $gr/\text{ɔ}/ssos_{\text{plural}}$ ) não podem ser descritos com base em combinações lineares de morfemas, uma vez que pressupõem o acesso ao domínio fonológico. Casos como o que se apresenta motivaram, portanto, o surgimento do modelo Item-e-Processo, que admite a interferência da fonologia em determinados processos morfológicos e, segundo o qual, palavras podem sofrer “processos” para alcançar a forma de superfície.



Dessa forma, abandona-se a concepção de morfema enquanto elemento “corporificado” e postula-se a existência de operações (processos ou regras) que atuam em formas subjacentes, transformando-as em formas de superfície<sup>31</sup>.

Devido ao fato de o objeto de estudo desta tese ser o truncamento (portanto, um processo de encurtamento), vejamos quais os tipos de propostas que podem ser encontradas na Teoria Morfológica acerca dos processos marcados pelo encurtamento de uma palavra-matriz.

Bloomfield (1933) já propunha o traço (ou morfema) subtrativo, também apresentado por Nida (1949), que determina a perda de fonemas para a expressão de uma categoria gramatical específica – no caso citado, o gênero em francês: “tomando-se a forma feminina como base, pode-se descrever a irregularidade pela simples assertiva de que a forma masculina é derivada da feminina, por meio de um traço subtrativo [*minus-feature*], a saber, a perda da consoante final ou do grupo [-kt]” (BLOOMFIELD, *op. cit.*: 217). Observe-se que, nesse caso, a noção de morfema já não consiste mais em uma unidade “corporificada”, mas abstrata, que pode ser considerada uma operação de apagamento de fonemas da base para a formação de um *output* encurtado.

Matthews (1998) também classifica como um processo de *subtração* a formação de adjetivos franceses em que o gênero masculino deriva das formas femininas por meio da supressão de segmentos finais. Observem-se os dados a seguir:

---

<sup>31</sup> Também no modelo proposto por Chomsky & Halle (1968), processos fonológicos passaram a ser responsáveis pela relação entre as formas de superfície (*output*) e subjacente (*input*). No entanto, como o objetivo, neste momento, é fazer um breve retorno à vertente estruturalista para situar o surgimento da Teoria Morfológica, não detalharemos todo o percurso dos estudos morfológicos desde o Estruturalismo até os dias atuais.

(01)

*Platte* [plat] – fem. > *Plat* [pla] – masc. (plano)

*Laide* [lɛd] – fem. > *Laid* [lɛ] – masc. (feio)

*Longue* [lo<sup>n</sup>g] – fem. > *Long* [lo<sup>n</sup>] – masc. (longo)

*Distincte* [diste<sup>n</sup>kt] – fem. > *Distinct* [diste<sup>n</sup>] – masc. (distinto)

O referido autor admite que há possibilidades de análise diversas para qualquer fenômeno linguístico, e, por essa razão, a forma feminina poderia ser considerada como derivada. Porém, caso a forma masculina seja tomada como base, da qual o feminino seria constituído pela adição de morfemas, a consoante a ser afixada seria um problema à sistematização do processo, uma vez que são inúmeras as possibilidades (de acordo com os exemplos supracitados, ao menos três: [t], [d], [g]). Assim, a formação do masculino por meio da subtração da consoante final de formas femininas torna-se uma descrição mais passível de sistematização, pois, não havendo afixação, basta identificar que o processo envolve o apagamento de consoantes finais das formas básicas para construir um paradigma, em vez de prever a consoante que se afixaria à forma masculina. Observe-se que, neste último caso, seria necessário estabelecerem-se mecanismos diversos para a constituição do feminino, cada qual pressupondo a afixação de uma consoante específica.

Quanto à descrição da formação de adjetivos masculinos em francês, a partir da forma básica de feminino, deve-se fazer a ressalva de que, embora seja incluída entre os processos derivacionais por Matthews (1998), parece não haver dúvida de que a categoria de gênero é flexional em português. Gonçalves (2005), por exemplo, propõe doze critérios empíricos para a diferenciação entre flexão e derivação, dentre os quais apenas três nos levam a considerar a categoria de gênero como derivacional: (1) meios de materialização,

uma vez que estratégias externas à morfologia podem ser responsáveis pela sua expressão, tal como a heteronímia (*homem – mulher*); (2) efeitos expressivos, que podem ser verificados em algumas formas de feminino, com forte carga pejorativa ou apelo sexual (*vagabundo – vagabunda*); e (3) lexicalização de algumas formas de feminino, que se distanciam das formas masculinas a elas associadas semanticamente (*bruxa – borboleta preta*, não mais associada à forma masculina *bruxo*, que não sofreu lexicalização).

Sendo assim, para evitar ambiguidades, faz-se necessário destacar que, de acordo com o objetivo desta tese, os casos em que o apagamento de segmentos da base leva a uma *nova palavra* são mais interessantes, devido à semelhança com o comportamento do truncamento.

Jensen (1990), por sua vez, ao tratar da formação de palavras por meio de encurtamento, propõe a chamada *back formation*, que pode ser traduzida como derivação regressiva e, segundo o autor, resulta na formação de novas palavras por meio da supressão de segmentos presentes em vocábulos já existentes. Como exemplo, Jensen (1990) menciona o par *pease* ('ervilhas') > *pea* ('ervilha'), cujo segmento final do derivante, [z], foi interpretado como morfema indicador de plural e, por conseguinte, eliminado para a criação de uma suposta forma singular.

Quanto à percepção do falante em relação ao processo, Jensen (*op. cit.*) afirma que a maioria não intui de que modo os produtos foram formados. Por isso, o autor considera a *back formation* relevante apenas sincronicamente, visto que os falantes empregam as palavras derivadas sem ter percepção do processo de formação das mesmas.

Observe-se que a concepção de Jensen (*op. cit.*) em relação à *back formation* coincide com o processo denominado, em português, derivação regressiva, uma vez que envolve a interpretação de segmentos finais como indicadores de categorias gramaticais – ao contrário do que se verifica na proposta de Matthews (1998) para a expressão do gênero

masculino em adjetivos franceses, segundo a qual o processo derivacional envolve, de fato, a supressão de um segmento indicativo de categoria gramatical.

Diferente proposta apresenta Spencer (1998), autor segundo o qual há análises distintas para os fenômenos que denomina morfologia subtrativa e truncamento (em inglês, *subtractive morphology* e *clipping*, respectivamente). A primeira, de acordo com o autor, pode ser caracterizada pelo processo em que uma forma deriva de outra por meio do apagamento de material segmental, enquanto, no segundo, as formas truncadas são descritas em termos do ajuste da sequência fonológica que compõe a palavra-matriz a um molde prosódico definido. Ainda segundo a proposta de Spencer (*op. cit.*), vale destacar que, apesar de incluir o encurtamento de nomes próprios no fenômeno de *clipping*, não diferenciando, portanto, hipocorização de truncamento, o autor relaciona este último processo à morfologia avaliativa. Assim, Spencer (*op. cit.*) estende a descrição do *clipping* para além das questões formais, ao incorporar aspectos relacionados ao uso das formas truncadas.

A conclusão a que se chega, com base nas propostas aqui enumeradas, é de que, desde Bloomfield (1933), os teóricos em morfologia se empenharam em explicitar os mecanismos envolvidos na formação de novas palavras por meio do encurtamento das respectivas bases. Porém, os autores citados aproximam-se mais da derivação regressiva, por analisarem o fenômeno de encurtamento em relação a uma palavra-matriz ora como necessário à expressão de categorias gramaticais, tal como na formação dos adjetivos masculinos em francês, ora como processo vinculado à criação de novas palavras por meio da reanálise de alguns morfemas (plural, por exemplo).

Observe-se que Spencer (1998) é o único autor que, assim como na perspectiva adotada nesta tese, incorpora à sua proposta aspectos prosódicos e a existência de um molde definido, embora trate hipocorização e truncamento como o mesmo fenômeno.

Uma vez revistas as descrições do fenômeno de truncamento encontradas no âmbito da Gramática Tradicional, dos manuais de morfologia e da Teoria Morfológica, deve-se ressaltar que o fenômeno, no português do Brasil, foi descrito de forma mais sistemática em várias pesquisas recentes. A próxima seção, portanto, dedica-se à apresentação das propostas de autores que se dispuseram a analisar o truncamento, com o intuito de sistematizar o processo e refutar a ideia de que a formação do mesmo é irregular e imprevisível.

### **3.4. Pesquisas recentes acerca do truncamento no português do Brasil**

Santos (2002) realizou uma pesquisa morfopragmática acerca do truncamento no português do Brasil, em que buscou diferenciar o fenômeno dos processos de formação de palavras mais prototípicos – no caso, o autor estabeleceu o foco da discussão na derivação regressiva, por ser esta também um processo em que parte da palavra-matriz é suprimida. Além deste último processo, o autor traçou também as diferenças encontradas entre o truncamento e outros processos não-concatenativos em que se verifica a cópia total ou parcial da base, a saber: reduplicação de base verbal ('corre-corre'), hipocorização ('André' > 'Dedé'), e siglagem ('Serviço Nacional do Comércio' > 'SENAC').

Quanto às funções linguísticas atuantes no truncamento, Santos (2002) propõe que se trata de um processo de formação de palavras no qual não ocorre mudança em relação à categoria da base, uma vez que o mesmo pode ser caracterizado por reproduzir um sinônimo da palavra derivante. Assim, o termo truncado tem o mesmo valor semântico e a mesma especificação morfossintática da palavra-matriz ('motorista' > 'motô'; 'condição' > 'condí'). Ainda segundo o autor, o truncamento também não apresenta função de denominação ou rotulação, tomando como base o fato de que o falante não se utiliza de

formas truncadas com o objetivo de rotular ou denominar “um item conceitual ou material existente no universo para o qual não haja denominação” (SANTOS, 2002: 49).

A pesquisa realizada por Santos (*op. cit.*) constata, portanto, que a função expressiva de avaliação (função discursiva) é a que mais se relaciona com o truncamento, pois “parece não haver dúvida de que o processo é movido por aspectos discursivo-pragmáticos e pela subjetividade do falante” (SANTOS, 2002: 50), que se externa por meio da pejoratividade (‘japonês’ > ‘jápa’; ‘militar’ > ‘milíco’) e da afetividade (‘professor’ > ‘prófe’). Sob essa perspectiva, Santos (2002) propõe também que o truncamento está relacionado à linguagem dos jovens e à de grupos que utilizam fala menos formal – o que permite a associação do fenômeno a aspectos sócio-culturais do falante<sup>32</sup>.

Quanto à expressão de afetividade, vale ressaltar que o autor aponta seis formas truncadas que apresentam essa função, a saber: ‘Mengo’, ‘Nense’, ‘níver’, ‘profe’ e ‘mina’. Contudo, os referidos dados não se incluem no *corpus* desta tese, pelas razões que se seguem.

As três primeiras não apresentam uma característica muito marcante do truncamento – a fidelidade à margem esquerda da base; assim, parece que se trata de formações isoladas, pouco produtivas enquanto grupo sistemático. ‘Profe’, conforme já explicitado neste capítulo, não recebe o tratamento de forma truncada porque, segundo nos parece, tem como *input* uma forma escrita abreviada (‘prof.’) – ao contrário de truncamentos legítimos, que têm como *inputs* dados de fala. ‘Mina’, por sua vez, é uma forma não incluída no *corpus* devido à rara ocorrência no dialeto carioca, em que se baseia a pesquisa, pois, ao que tudo indica, parece ser um encurtamento típico de dialetos de São Paulo. Em relação a esta última forma, deve-se acrescentar, a descrição pela Morfologia

---

<sup>32</sup> A possibilidade de construções morfológicas veicularem informações sócio-culturais do falante ou de grupos de falantes apresenta relação com a função indexical, proposta por Gonçalves (2003).

Prosódica Circunscritiva seria eficiente, tal como será demonstrado no capítulo 5 – subseção 5.4.

Pelas razões acima expostas, o vínculo com a expressão de afetividade é atribuído, na presente tese, à hipocorização, tal como explicitado no capítulo 2, subseção 2.2.2, visto que não se encontram no *corpus* truncamentos cujo emprego esteja relacionado à interação afetiva entre os falantes.

Em relação ao aspecto formal, a proposta de Santos (*op. cit.*) consiste em alocar os 96 dados recolhidos em três grupos fundamentais: (a) com base simples; (b) com base simples derivada (sufixada); e (c) com base complexa (composta ou prefixada). De acordo com o autor, no grupo (c), a redução se restringe ao primeiro elemento da base, que passa a ser usado pelo todo, em um jogo metonímico, tal como se verifica em ‘poliomielite’ > ‘pólio’ e ‘heterossexual’ > ‘hétero’, por exemplo.

As bases simples derivadas (incluídas no grupo b), seja o sufixo verdadeiro ou não, envolvem, de acordo com Santos (*op. cit.*), três etapas na formação do truncamento: (1) cópia da primeira sílaba + o onset da segunda, ou cópia da primeira e segunda sílabas + o onset da terceira; (2) eliminação de todos os segmentos fônicos posteriores ao material copiado; e (3) frequente acréscimo da vogal (-a). Como exemplos, o autor cita, dentre outros, ‘jápa’ (< ‘japonês’), ‘flágra’ (‘flagrante’) e ‘prática’ (< ‘praticante’).

Por fim, no grupo (a), que reúne as bases simples, a formação do truncamento envolve a supressão de todo o material fônico após o onset da segunda ou da terceira sílaba, bem como a adjunção da vogal (-a) na posição de rima da sílaba final, tal como em ‘sargento’ > ‘sarj +a’ > ‘sarja’ e ‘Maracanã’ > ‘Marac + a’ > ‘Maraca’. Observe-se que Santos (*op. cit.*) propõe os grupos (a) e (b) apenas com base na caracterização das palavras-matrizes, separando as simples daquelas que apresentam sufixo, uma vez que, segundo o próprio autor, nas

“formas de apenas uma base, sufixadas ou não, [o truncamento] ocorre com a cópia da primeira sílaba e o onset da segunda ou a cópia das duas primeiras e do onset da terceira sílaba da forma-base mais a adjunção da vogal baixa /a/. Qualquer segmento fônico diferente da vogal adicionada após o *onset* da última sílaba da forma truncada é eliminado” (SANTOS, *op. cit.*: 67-68).

Por conseguinte, a análise de Santos (*op. cit.*) é realizada com base na formação de três grupos de dados que podem ser reduzidos a dois, uma vez que as bases simples, acrescidas ou não de sufixos, geram truncamentos de mesmas especificações formais. Nesse caso, haveria dois grupos de dados: um que englobasse as bases simples, ainda que sufixadas, e outro que reunisse as bases consideradas complexas pelo autor (compostas e prefixadas). Outro aspecto digno de nota na pesquisa de Santos (*op. cit.*) é o fato de os exemplos citados pelo autor, com raras exceções, conformarem-se aos padrões nesta tese denominados ‘odônto’ e ‘flágra’, ficando o padrão ‘refri’ descoberto pela análise.

Porém, deve-se ressaltar que a proposta de Santos (*op. cit.*), embora consista na descrição de grupos de dados diferentes dos apresentados nesta tese, representa um avanço na sistematização do truncamento, pois o autor objetiva refutar o rótulo de “assistemático” que muitos morfólogos atribuem ao processo, valendo-se, para tanto, de uma proposta que identifique regularidades na geração de formas truncadas.

Também Araújo (2002) realizou estudo sobre a formação do truncamento no português do Brasil – processo que define como a redução de uma palavra, por meio da perda de material segmental, em geral, silábico, no limite direito da palavra-matriz. Ainda segundo o autor, trata-se de um fenômeno regular e previsível em que as bases devem possuir, no mínimo, três sílabas, e as formas truncadas tendem a ser dissilábicas (‘cérva’ <



‘cerveja’, ‘refrí’ < ‘refrigerante’; ‘bijú’ < ‘bijuteria’), embora encontrem-se dados com três sílabas, tais como ‘respônsa’ (< ‘responsável’), por exemplo.

Quanto ao significado, Araújo (*op. cit.*) afirma que não há perda de valor semântico no processo de truncamento. Assim, de acordo com o autor, a forma truncada e a palavra-matriz devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis. A maior contribuição do autor, no entanto, está relacionada à formalização do fenômeno em estudo, com base em um *corpus* de 28 formas truncadas verificadas nos dialetos paulista, gaúcho e mineiro.

Antes de proceder à análise dos dados, contudo, Araújo (*op. cit.*) diferencia o truncamento do processo que denomina pseudotruncamento. De acordo com o autor, ocorre pseudotruncamento em três situações, a saber: (1) quando o truncamento é efetuado na língua de origem, assim como em ‘metrô’, que, segundo o autor, não é derivado de ‘metropolitano’, mas entra no português brasileiro diretamente como empréstimo do francês; (2) quando o falante é incapaz de rastrear a base, tal como se verifica na forma truncada ‘deprê’, que pode corresponder a duas bases distintas (‘depressão’ e ‘deprimido’)<sup>33</sup>; e (3) quando um elemento de uma base complexa é identificado e usado metonimicamente, como se observa em ‘eletrocardiograma’, ‘eletrodoméstico’ > ‘elétro’ e ‘gastrologia’, ‘gastrocentro’ > ‘gástro’. Neste último grupo, vale ressaltar, o autor afirma que a palavra-matriz é recuperável contextualmente, uma vez que há mais de uma possibilidade de associação.

Araújo (2002) afirma que truncamentos verdadeiros são formas unívocas, rastreáveis e intercambiáveis com as respectivas bases, visto que não ocorre alteração de valor semântico da palavra-matriz para o produto. Dessa forma, o autor distingue truncamento de pseudotruncamento, pois defende que, neste último processo, os produtos

---

<sup>33</sup> O autor defende que construções como ‘Maria está na maior *deprê*’ e ‘Maria está muito *deprê*’, em que as bases da forma ‘deprê’ são, respectivamente, ‘depressão’ e ‘deprimida’, impedem o falante de acessar a palavra-matriz, uma vez que há mais de uma possibilidade.

não são unívocos e rastreáveis. Contudo, o próprio autor reconhece que, nos casos anteriormente citados em (3), a palavra-matriz é recuperada contextualmente – o que parece uma contradição, se for levada em conta a afirmação de que, na forma ‘deprê’, a correspondência a duas possíveis bases torna o falante incapaz de rastrear a verdadeira palavra-matriz. Araújo (*op. cit.*), no entanto, não menciona a possibilidade de o falante identificar contextualmente a base da forma ‘deprê’ – o que parece perfeitamente aceitável.

Quanto à formação do truncamento efetivamente, Araújo (*op. cit.*) aponta um padrão geral, com base em dois tipos de truncamento. O primeiro tipo, segundo o autor, é constituído de formas cujas palavras-matrizes possuem três sílabas e não apresentam acento secundário. Quanto aos produtos, o autor aponta que se formam, invariavelmente, truncamentos dissilábicos e acentuados na penúltima sílaba (‘cerveja’ > ‘cérv’, ‘neurose’ > ‘nêura’, ‘flagrante’ > ‘flágra’). O segundo tipo identificado por Araújo (*op. cit.*) é caracterizado por dados em que as bases possuem três ou mais sílabas e dois acentos, ou seja, trata-se de palavras-matrizes que portam acento secundário. O autor afirma que, no segundo tipo de truncamento (‘professor’ > ‘prófi’, ‘bijuteria’ > ‘bijú’, ‘refrigerante’ > ‘refrí’), a previsibilidade do acento é mais complexa, porém não idiossincrática, e “como a maioria das formas truncadas provêm de palavras com três ou mais sílabas, a relevância da posição do acento secundário torna-se crucial” (ARAÚJO, *op. cit.*: 69).

Para evidenciar a relevância do acento secundário no processo de truncamento, Araújo (*op. cit.*) afirma que a gramática da língua (no caso, o português brasileiro) utiliza-se de tal acento, quando disponível, para fazer a distinção entre formas que se opõem apenas pela posição do acento<sup>34</sup>. Como exemplos, o autor cita as formas truncadas a seguir, colhidas em diferentes variedades dialetais<sup>35</sup>:

---

<sup>34</sup> Deve-se acrescentar que, em ‘refrí’ x ‘réfri’, a oposição não repousa somente na posição do acento, pois vogais médias altas pretônicas passam a médias baixas, ou seja, abrem-se, quando se tornam tônicas. Assim,

(02)

Refrigeránte > refri (dialeto paulista)

Rèfrigeránte > réfri (dialeto paraense)

As formas ‘refri’ e ‘réfri’, acima listadas, distinguem-se pela acentuação oxítona e paroxítona, respectivamente – o que, segundo Araújo (2002), se deve à posição do acento secundário na base, mantida na forma truncada como acento principal. Assim, o autor justifica a importância do acento secundário no fenômeno de truncamento, uma vez que o mesmo se mostra altamente relevante tanto na formação dos dados quanto na oposição entre formas. Contudo, ressalta que a posição do acento secundário não é o único fator atuante na formação do truncamento e aponta quatro condições que devem se aplicar ao processo:

(03)

- (i) a palavra-matriz deve ter três ou mais sílabas;
- (ii) contando-se da esquerda para a direita, selecionam-se as duas primeiras sílabas da base e eliminam-se as restantes:  $\delta_1 \delta_2 (\delta_3 \delta_4 \delta_5 \delta_6) \rightarrow \delta_1 \delta_2$ ;
- (iii) as condições fonotáticas da língua devem ser respeitadas;
- (iv) o acento deve ser atribuído à sílaba que guardava acento secundário na palavra-matriz. Se não houver acento secundário, acentua-se a penúltima sílaba.

---

a diferença entre as formas citadas consiste, na verdade, em dois aspectos – a posição do acento e a altura da vogal média: r[e]’fri x r[ɛ]fri.

<sup>35</sup> Repete-se aqui a notação utilizada pelo autor para indicar os acentos primário (diacrítico agudo) e secundário (diacrítico grave).

Para fim de exemplificação, o autor aplica as condições supracitadas à formação de ‘refrí’, tomando como base a forma encontrada no dialeto paulista, com acento secundário na segunda sílaba: refrigérante. No caso da referida base, a condição (i) se aplica, uma vez que se trata de palavra-matriz com mais de três sílabas. A condição (ii) também é respeitada, pois conservam-se, a partir da borda esquerda, as duas primeiras sílabas da base, eliminando-se todos os segmentos subsequentes. A condição (iii) também se aplica à referida forma truncada, visto que os padrões fonotáticos do português brasileiro estão preservados. A condição (iv), por fim, assegura a acentuação oxítona do truncamento, pois a palavra-matriz porta acento secundário na sílaba -fri-, que recebe o acento principal na forma truncada: ‘refrí’.

As formas truncadas trissilábicas, segundo Araújo (2002), compõem uma segunda classe de truncamentos, uma vez que se trata de formas menos comuns que os truncamentos dissilábicos. Ainda de acordo com o autor, os truncamentos compostos por três sílabas são predominantemente paroxítonos e tendem a preservar a raiz da base, tal como se observa em ‘português’ > ‘portúga’ e ‘traficante’ > ‘trafíca’. Nesses casos, afirma Araújo (*op. cit.*), a condição (ii), segundo a qual devem ser selecionadas as duas primeiras sílabas da base, descartando-se as seguintes, pode ser infringida por força da especificação lexical. Em outras palavras, os dados citados revelam que deve haver, nesses casos, uma condição que determine a fidelidade ao conteúdo lexical da base, quando a aplicação da condição (ii) falhar. Nas palavras do autor:

“se a lexicalidade mesma da palavra é expressa por sua raiz, manter o máximo possível desse elemento idiossincrático é preferível, senão fundamental. Caso contrário a possibilidade de rastreamento lexical estaria comprometida. A manutenção da base fica evidenciada pela terminação uniforme desse tipo de truncamento, ou seja, a vogal final é sempre /a/. Nesse caso, a epêntese é a alternativa ao apagamento que poderia provocar a perda da lexicalidade e, ao mesmo tempo, impedir

codas proibidas como \**saláfr*, truncamento agramatical de *salafrário*” (ARAÚJO, *op. cit.*: 72).

Observe-se que Araújo (*op. cit.*) destaca a afixação da vogal (-a) somente na segunda classe de truncamentos proposta, não detalhando os casos de formas dissilábicas às quais a referida vogal também se adjuge, como ‘cérvá’ (< ‘cerveja’), ‘cháina’ (< ‘chinês’) e ‘tráva’ (< ‘travesti’). Ademais, os truncamentos cuja formação envolve a afixação de (-a) podem ser caracterizados pela preservação ou não da raiz da base, tal como será explicitado no capítulo 5, destinado à análise de dados com os procedimentos da Morfologia Prosódica Circunscrita.

A proposta de Araújo (2002) consiste, no entanto, em um grande avanço na tentativa de formalização do truncamento, embora o referido autor fundamente sua análise em tipos de formas truncadas que diferem dos grupos de dados utilizados na descrição realizada na presente tese. As condições (i) a (iv), estabelecidas pelo autor, aplicam-se aos truncamentos do grupo aqui denominado ‘refrí’, que, de fato é marcado pela preservação das duas sílabas iniciais. Quanto à acentuação, porém, os dados incluídos no referido padrão apresentam proeminência sempre à direita (são todos oxítonos). As formas truncadas pertencentes ao padrão denominado ‘flágra’ nesta tese estão alocadas, segundo Araújo (*op. cit.*), na segunda classe de truncamentos, em que o autor afirma haver a preservação da raiz da base – o que, segundo a proposta aqui adotada, nem sempre ocorre. Os truncamentos que se ajustam ao padrão ‘odônto’, por sua vez, não fazem parte da formalização proposta pelo autor, uma vez são considerados pseudotruncamentos. Em suma, pode-se dizer que o referido autor identifica os três padrões de truncamento analisados na presente tese, embora proponha uma descrição diferente para os padrões ‘refrí’ e ‘flágra’, e não inclua o padrão ‘odônto’ na análise.

Vilela, Godoy & Cristófaros Silva (2006) também empreenderam recente estudo acerca das propriedades do fenômeno de truncamento, que, segundo as autoras, consiste em um processo do português do Brasil contemporâneo caracterizado por alterar a organização segmental de palavras preexistentes na língua, cuja atuação origina palavras que passam a co-ocorrer com a palavra-matriz.

A pesquisa realizada pelas autoras retoma o ponto de vista da Gramática Tradicional em relação ao truncamento, com o objetivo de identificar os problemas que podem ser encontrados na descrição do processo, e discute as abordagens dos manuais de morfologia, bem como as de Araújo (2002) e Gonçalves (1999), além de apresentar a caracterização do fenômeno por autores diversos. A proposta central, deve-se ressaltar, não consiste na aplicação de um modelo teórico ao processo, mas na testagem de critérios utilizados por outros autores, tal como se destaca no início do artigo: “a partir da coleta e organização de um *corpus* relativamente extenso (em torno de 150 vocábulos), testamos as assertivas dos autores, listando as características do truncamento, as quais se configuraram mais como tendências do que como regras categóricas” (VILELA, GODOY & CRISTÓFARO SILVA, 2006: 150)

No referido estudo, é feita a distinção entre truncamento e os processos de (a) abreviação, como ‘apê’, por exemplo, que consiste na representação ortográfica da abreviação de ‘apartamento’; (b) siglagem, processo considerado pelas autoras muito produtivo no português do Brasil e que pode ser exemplificado por ‘tevê’, leitura da sigla TV; e (c) redução vocabular, que, sob a perspectiva das autoras, caracteriza-se por um corte morfológico no limite da composição, tal como se observa em ‘fotografia’ > ‘foto’.

O método empregado na pesquisa baseou-se em apresentar alguns exemplos de truncamentos a 59 alunos da Faculdade de Letras da UFMG, no ano de 2004, solicitando-se que, em seguida, realizassem o encurtamento de uma lista de dados do português

brasileiro. O teste foi realizado por escrito, sob a orientação de que a sílaba tônica da forma truncada fosse indicada por meio de acentuação gráfica aguda. As palavras selecionadas para o experimento foram coletadas pelas autoras no uso cotidiano dos falantes de Belo Horizonte, e reuniu-se, desse modo, um *corpus* de 152 dados de truncamento e redução vocabular<sup>36</sup>.

Com base em critérios tomados de Araújo (2002), Vilela, Godoy & Cristófaros Silva (2006) propõem uma nova análise para o fenômeno de truncamento, tal como se segue. Quanto à vogal temática, os resultados mostraram que, dentre os 47 truncamentos dissilábicos, há 24 terminados na vogal (-a), como ‘búrğa’ < ‘burguês’ e ‘crúza’ < ‘cruzeiro’; e 23 terminados em outras vogais presentes na base (‘profí’ < ‘profissional’, ‘facú’ < ‘faculdade’), enquanto, para as formas truncadas trissilábicas, foi confirmada a generalização feita por Araújo (*op. cit.*) quanto ao fato de a vogal final dos trissílabos ser sempre (-a): ‘perífa’ < ‘periferia’, ‘vestíba’ < ‘vestibular’. Entre os dados dissilábicos, no entanto, a produtividade das formas terminadas em (-a) e em outras vogais é, segundo as autoras, bastante equilibrada.

Em relação ao local do corte, Vilela, Godoy & Cristófaros Silva (*op. cit.*) discutem a afirmativa de Araújo (2002), segundo a qual o apagamento de segmentos ocorre no limite direito da palavra. As autoras verificaram que, apesar de, na maior parte dos dados, o corte ser efetuado pela borda direita, há formas truncadas presentes no *corpus* que sofrem o encurtamento a partir da margem esquerda, tais como ‘paranoia’ > ‘nóia’ e ‘cachaça’ >

---

<sup>36</sup> Conforme dito anteriormente, Vilela, Godoy & Cristófaros Silva (2006) diferenciam truncamento de redução vocabular, definindo o primeiro como um processo em que as bases não são, em geral, compostas, e o corte ocorre de acordo com fatores morfofonológicos, tal como se observa em ‘granfa’ (< ‘grã-fino’), ‘palha’ (< ‘palhaço’) e ‘mordô’ (< ‘mordomia’). A redução vocabular, por sua vez, consiste, segundo as autoras, no fenômeno morfológico em que o ponto de corte da base é um limite morfológico, gerando uma forma reduzida que corresponde, em geral, à base que se encontra à esquerda: ‘foto’ (< ‘fotografia’), ‘retro’ (< ‘retroprojeto’), ‘lipo’ (< ‘lipoaspiração’). Ademais, as referidas autoras consideram o truncamento um fenômeno marcado socialmente, enquanto a redução vocabular não apresenta vínculo com a marcação social, mas com a intimidade do falante em relação ao assunto.

‘cháça’<sup>37</sup>. Vale ressaltar que, sob a perspectiva da presente tese, o apagamento de segmentos da margem esquerda justifica-se pelo fato de a eliminação de segmentos que compõem a borda direita acarretar a coincidência com palavras já existentes na língua: ‘paranoia’ > ‘para’ (verbo); ‘cachaça’ > ‘cácha’ [‘kafɐ] (caixa).

As autoras pesquisaram também o número de sílabas das formas truncadas e afirmam que, embora Araújo (2002) considere o truncamento um fenômeno que gera formas predominantemente dissilábicas, há, no *corpus*, 42% de truncamentos trissilábicos – percentual bastante expressivo, que parece contrariar a proposta do referido autor. Como exemplo, Vilela, Godoy & Cristóforo Silva (2006) citam a palavra-matriz ‘satisfação’, cuja forma truncada presente no *corpus* é ‘satisfa’ – produzida pela maioria dos informantes que responderam aos testes, do modo como se segue:

(04)

Dissílabos oxítonos (‘satis’/‘sati’): 36,4%

Dissílabo paroxítono (‘sati’): 5,5%

Trissílabo (‘satisfa’): 54,5%

Além dos dados compostos por duas ou três sílabas, há também formas monossilábicas consideradas truncadas no *corpus*; contudo, as autoras atribuem tais formas exclusivamente a nomes próprios (‘Lu’ < ‘Luciana’/‘Luísa’, ‘Cris’ < ‘Cristiane’/‘Cristina’), o que, sob a perspectiva adotada nesta tese, não procede, uma vez que o

---

<sup>37</sup> Ao que tudo indica, esse caso de truncamento é característico da fala mineira. No dialeto carioca, o truncamento de ‘cachaça’ é ‘cátia’, com a alteração da consoante fricativa palatal para africada palatal observada na forma popular [katʃiˈasɐ]. O uso dessa forma generalizou-se com uma música composta e interpretada pelo cantor Latino.



encurtamento de antropônimos não constitui caso de truncamento, mas de hipocorização (cf. GONÇALVES, 2004; THAMI DA SILVA, 2008; e LIMA, 2008).

Quanto ao rastreamento, deve-se lembrar que Araújo (2002) vincula a legitimidade do truncamento ao fato de a palavra-matriz ser sempre rastreável. Nesse sentido, o autor não reconhece a forma ‘deprê’ como um truncamento legítimo, por ser possível a sua correspondência a duas bases: ‘depressão’ e ‘deprimido(a)’. Vilela, Godoy & Cristóforo Silva (2006: 163), entretanto, refutam a proposta do autor e afirmam que “um truncamento que corresponde a mais de uma base será facilmente rastreável no contexto semântico-pragmático em que é proferido”. Logo, as autoras afirmam não haver razões para que ‘deprê’ não seja considerada uma forma truncada, assim como ‘presí’ (< ‘presidente’ ou ‘presidiário’?) e ‘soci’ (< ‘social’ ou ‘sociedade’?).

Em relação ao acréscimo semântico, último fator pesquisado por Vilela, Godoy & Cristóforo Silva (*op. cit.*), as autoras defendem que formas truncadas externam o ponto de vista ou avaliação do falante, tal como propõe Gonçalves (1999), porém não apenas com carga pejorativa, mas também jocosa, de zombaria, afetiva e familiar.

Scher (2011) desenvolveu estudo acerca de formas truncadas no português brasileiro e no espanhol peninsular, com o objetivo de suscitar um debate que contribua para a sistematicidade do fenômeno. Segundo a autora, o truncamento “não precisa ser descrito como um processo não-concatenativo de formação de palavras” (*op. cit.*: 62) em trabalhos posteriores, dada a sistematicidade que pode ser detectada em sua formação.

Sem o intuito de investigar as motivações para a ocorrência de formas truncadas e as questões relacionadas ao uso das mesmas, Scher (2011) afirma que o objetivo do trabalho é, na verdade, descrever alguns aspectos formais do truncamento nas duas línguas pesquisadas. Ainda segundo a autora, os dados serão descritos, posteriormente, em um estudo norteado pela Morfologia Distribuída – modelo teórico que não atribui papel à

prosódia e, portanto, não leva em conta aspectos que são considerados, nesta tese, altamente relevantes na descrição do truncamento.

De acordo com algumas propriedades morfofonológicas das formas truncadas, Scher (*op. cit.*) propõe a distribuição dos dados em padrões de formação, levando-se em conta seis questões, a saber: (1) o material realizado no truncamento posiciona-se à esquerda ou à direita da base? (2) A palavra-matriz é formada por composição ou derivação? (3) O último segmento da raiz da base é consonântico ou vocálico? (4) Se consonântico, haverá inserção de material fonológico? (5) Caso haja inserção de vogal, a sequência final do truncamento será (V)C ou (V)CV? (6) Quais as vogais inseridas?

Sendo assim, Scher (2011) propõe a distribuição das formas truncadas em sete padrões distintos, a seguir enumerados em (05):

(05)

**Padrão I:** a forma truncada corresponde a uma forma composta ou derivacional, da qual realiza apenas a parte final, tal como em ‘noia’ (< ‘paranoia’) e ‘chaça’ (< ‘cachaça’).

**Padrão II:** a forma truncada corresponde a um composto, de que realiza apenas o morfema inicial, assim como em ‘oftalmo’ (< ‘oftalmologista’) e ‘hidro’ (< ‘hidromassagem’).

**Padrão III:** a forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica, de que realiza uma parte da raiz, mantendo a vogal presente em sua estrutura prosódica, como nos exemplos ‘deprê’ (< ‘depressão’) e ‘cafa’ (< ‘cafajeste’).

**Padrão IV** (mais frequente): a forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica, ou interpretada como tal pelo falante, de que realiza a raiz, acrescida da vogal /-a/, tal como em ‘delega’ (< ‘delegado’) e ‘proleta’ (< ‘proletário’).

**Padrão V:** a forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica, ou interpretada como tal pelo falante, de que realiza a raiz, acrescida das sequências -as, -is, -uca, -ata e -aca. Dentre os exemplos fornecidos pela autora, estão ‘brincs’ (< ‘brincadeira’), ‘mamis’ (< ‘mamãe’) e ‘feijuca’ (< ‘feijão’).

**Padrão VI:** a forma truncada preserva a consoante final da raiz, podendo ocorrer epêntese ou não, tal como se observa em ‘bob(i)’ (< ‘bobeira’), ‘trab(i)’ (< ‘trabalho’) / ‘mongol’ (< ‘mongoloide’), ‘Fortal’ (< ‘Fortaleza’).

**Padrão VII:** a forma truncada corresponde a uma forma derivada e exibe uma vogal, assim como em ‘escape’ (< ‘escapamento’) e ‘fabrico’ (< ‘fabricação’).

Quanto aos padrões de formação propostos por Scher (2011), faz-se necessário comentar brevemente as diferenças encontradas em relação à distribuição dos dados na presente tese, a começar pelo padrão I.

Como já foi apontado neste mesmo capítulo, quando retomado o trabalho de Vilela, Godoy & Cristófaros Silva (2006), os dados ‘noia’ e ‘chaça’ são isolados e não formam um padrão, pois cremos que o apagamento se processa na margem esquerda, contrariando a tendência do processo, para evitar a coincidência com palavras já existentes na língua. Para constatar que se trata de formações isoladas, vide o grande número de truncamentos que preservam a borda esquerda (a maioria quase absoluta) – daí o fato de a manutenção dos segmentos à esquerda ser considerada uma tendência geral do processo.

Os padrões II, III e IV propostos por Scher (2011) coincidem com os analisados nesta tese, respectivamente denominados ‘odônto’, ‘refrí’ e ‘flágra’. Quanto aos dois últimos padrões, deve-se fazer apenas duas observações relacionadas à descrição feita por Scher (*op. cit.*). No padrão II, a autora lista, ao lado de ‘deprê’ e ‘preju’, por exemplo, a forma ‘cafa’ (< ‘cafajeste’), que, sob o ponto-de-vista aqui adotado, aloca-se no padrão

‘flágra’ (ou IV, de SCHER, 2011), por ser constituída de um pé troqueu moraico, enquanto os demais exemplos são formados por pés iâmbicos e, portanto, criam oxítonos. Quanto a essa questão, deve-se advertir que, na presente tese, a distribuição dos dados em padrões é feita não apenas com base na porção apagada e na possível afixação de segmentos, mas também na estrutura prosódica dos *outputs*, que se mostra altamente regular.

Em relação aos dados pertencentes ao padrão IV, a análise pela Morfologia Prosódica Circunscritiva permite-nos verificar que a parte da base selecionada para compor o truncamento é sempre o radical, que, no entanto, nem sempre se apresenta integralmente no *output* porque pode ter segmentos eliminados para se ajustar a um molde, conforme será explicitado no capítulo 5 – destinado à análise de dados. Logo, sob a perspectiva aqui adotada, os casos em que o radical da palavra-matriz não se mantém no truncamento não se devem ao fato de o falante interpretar determinada sequência como o radical da base, mas à necessidade de satisfazer o formato do molde que marca o padrão.

Quanto ao padrão V, deve-se ressaltar o fato de que truncamentos como ‘brincs’ (< ‘brincadeira’) e ‘mamis’ (< ‘mamãe’) não estão presentes no *corpus* desta tese porque não foram encontradas suas ocorrências quando da recolha de dados. Parecem-nos frequentes em dialetos de São Paulo, e, nesse caso, deve ser levada em consideração a possibilidade de, em alguns grupos de falantes, o encurtamento da palavra-matriz ser sucedido pela afixação não apenas da vogal (-a). Como última observação, cabe mencionar que, de acordo com Scher (2011), o padrão V é marcado pela afixação das sequências -as, -is, -uca, -ata ou -aca. Porém, os exemplos listados pela autora apresentam apenas os sequências finais -s, -is e -uca (‘brincs’, ‘fofis’ e ‘feijuca’) – possivelmente devido à escassez de dados, que mais parecem formações isoladas do que sistematizadas em um padrão específico.

O padrão VI proposto por Scher (*op. cit.*) reúne formas que não integram o *corpus* da presente tese, uma vez que não se ajustam às especificidades dos três padrões descritos, bem como não se apresentam em número suficiente para formar um padrão exclusivo. Os dados que sofrem epêntese, como ‘bob(i)’ (< ‘bobeira’) e ‘trab(i)’ (< ‘trabalho’), ajustam-se ao encurtamento característico do padrão denominado ‘flágra’ nesta tese; porém sem a afixação da vogal (-a). Observe-se que ‘bob(i)’ é formado por um troqueu moraico e conserva o radical da base (bob-), mas, em vez da afixação da vogal (-a), os falantes optam pela epêntese de (-i), talvez pelo fato de b/ɔ/ba ser uma forma cuja relação com a base se torna mais custosa<sup>38</sup>.

Quanto a ‘trab(i)’, tem-se uma situação semelhante, com a ressalva de que o radical da base (trabalh-) não se apresenta integralmente na forma truncada, devido à condição de que o truncamento não pode ter o mesmo tamanho da base (cf. capítulo 5). Assim, ocorre a eliminação de segmentos até que seja encontrada uma consoante passível de receber o afixo, que não é a vogal (-a), pois os falantes, novamente, optam pela epêntese. Nesse caso, talvez possamos considerar que ‘traba’, apesar de ser mais semelhante à base em termos de sequência fonológica, seja menos marcado social e coloquialmente.

No caso de ‘mongol’, tem-se uma base bimorfêmica (mongol-oide), da qual o primeiro elemento se realiza na forma truncada, sem afixação ou epêntese, já que o último elemento é licenciado a ocupar a posição de coda silábica no português. O fato de a última sílaba ser pesada atrai o acento, tornando-se o truncamento oxítono – o que promove também a abertura da segunda vogal média: mong[o]loide → mong[ɔ]l. Como última observação, deve-se acrescentar que ‘mongol’, embora oxítono, não se ajusta ao padrão aqui denominado ‘refrí’ por não preservar somente as duas primeiras sílabas integrais, uma

---

<sup>38</sup> Lembremos que as vogais médias altas pretônicas, ao se tornarem tônicas para formação do troqueu moraico, sofrem o abaixamento em um grau e tornam-se médias baixas. Assim, caso os falantes optassem pela afixação da vogal (-a), em vez da epêntese, o truncamento resultante seria ‘b[ɔ]ba’, e não ‘b[o]ba’.

vez que incorpora o onset da terceira sílaba da base. Na ausência de afixação, a referida forma truncada também não pode ser descrita segundo os parâmetros do grupo ‘flágra’, embora a ausência da vogal tenha respaldo em dois aspectos distintos: (1) a consoante final pode ocupar a posição de travamento silábico; e (2) o acréscimo de (-a) resultaria na forma ‘mongola’, que parece tornar mais difícil o acesso à base. As características apontadas revelam, portanto, que ‘mongol’ pode ser considerado um dado de formação isolada, não se incluindo em um padrão sistemático.

‘Fortal’, por sua vez, pode ser considerado um truncamento em que o falante associe, de fato, a sequência ‘Fortal’ a uma unidade mórfica, acrescida do sufixo -eza, realizando a operação de encurtamento de modo que o primeiro elemento seja mantido. Pelas mesmas razões acima citadas, o *output* torna-se oxítono e mantém o segmento // na posição de travamento silábico. Da mesma forma que ‘mongol’, o truncamento ‘Fortal’ não se ajusta às especificações do padrão ‘refrí’, embora seja oxítono, e, além disso, a falta da afixação impede que seja analisado como uma forma do tipo ‘flágra’ – daí as razões para que o consideremos uma formação isolada.

Por fim, deve-se comentar brevemente que o padrão VII proposto por Scher (2011), o qual reúne dados como ‘encaixe’ (< ‘encaixamento’) e ‘fabrico’ (< ‘fabricação’), talvez mereça um olhar mais detido, em virtude da semelhança com a derivação regressiva. Segundo a autora, não há, nesses dados, alteração categorial em relação à base, e, além disso, a forma truncada é sinônima da sua forma correspondente – o que as distinguiria dos derivados regressivos. Contudo, há duas questões a ser levantadas no que tange ao grupo VII proposto por Scher (*op. cit.*): em primeiro lugar, é preciso explicitar melhor o tipo de vogal afixada, que, nesse caso, não será apenas (-a), mas também -e ou -o. Em segundo lugar, deve-se verificar se, aos dados incluídos no referido grupo, é possível atribuir a função expressiva de avaliação, ou seja, o vínculo com variantes mais coloquiais ou usadas

por grupos de falantes jovens – o que, em princípio, não nos parece ocorrer. Pelas razões expostas, ainda que as formas integrantes do padrão VII sejam consideradas truncamentos de fato, não nos parece o caso de considerá-las responsáveis por um tipo sistemático de formação, dadas as várias possibilidades de vogais que podem ser afixadas.

Apesar das divergências encontradas entre a proposta de Scher (2011) e a adotada nesta tese, deve-se reconhecer a importante tentativa de sistematização do processo de truncamento realizada pela autora, pois, em vez de focar a descrição na parte suprimida, obtendo resultados muitas vezes improdutivos e irregulares, a mesma detecta sete padrões de formação, de acordo com a porção da base que se mantém no truncamento. Por conseguinte, pode-se dizer que a proposta adotada nesta tese aproxima-se, de certa forma, daquela utilizada por Scher (*op. cit.*), uma vez que ambas buscam regularidade na parte que se aproveita da palavra-matriz, bem como no próprio truncamento.

Quanto à perspectiva da Morfologia Prosódica Circunscritiva, modelo teórico adotado na presente tese, o fenômeno de truncamento foi descrito por Gonçalves (2004), abrindo caminho para o tratamento sistemático do fenômeno, levando em conta fatores de ordem prosódica que proporcionam a constatação de regularidade na formação dos *outputs*. Porém, o referido autor analisou exclusivamente o padrão aqui denominado ‘flágra’, utilizando-se, para tanto, de parâmetros de circunscrição e molde diferentes daqueles adotados na presente tese. No capítulo 5, destinado à análise de dados com os instrumentos fornecidos pelo modelo, o estudo de Gonçalves (2004) será detalhado, com o intuito de mostrar em que aspectos diverge da proposta ora lançada.

Em Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a), o padrão de truncamento ‘flágra’ foi descrito com base na Teoria da Otimalidade, cuja aplicação permitiu aos autores identificar, nos dois estudos, a atuação de sete restrições no processo de formação dos dados analisados. Os *rankings* de restritores utilizados nos dois estudos são bastante

semelhantes, comportando restrições ligadas à fidelidade em relação à base, ao tamanho da forma truncada e à marcação. Evidentemente, por ser o truncamento um fenômeno em que podem ser apontados como tendências gerais (1) a preservação da borda esquerda e (2) o limite de três sílabas no *output*, as restrições de fidelidade e tamanho precedem as de marcação no *ranking*, uma vez que se mostram prioritárias.

Contudo, as restrições de marcação, apesar de não serem prioritárias, visto que o truncamento é um processo que privilegia a fidelidade sobre a marcação (cf. capítulo 2), devem estar presentes no *ranking*, devido ao fato de a preferência por estruturas não-marcadas ser uma tendência verificada entre as línguas naturais.

Belchor (2009) também realizou pesquisa acerca do fenômeno de truncamento no português brasileiro com base nos fundamentos da Teoria da Otimalidade. Porém, diferente de Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a), a autora propõe a descrição dos padrões aqui denominados ‘refrí’ e ‘odônto’, utilizando-se, para tanto, de *rankings* compostos, respectivamente, por 6 e 3 restritores. Quanto ao padrão de dados tipo ‘refrí’, a autora propõe, da mesma forma que Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a), um *ranking* de restrições com propriedades de fidelidade, tamanho e marcação, que asseguram, respectivamente, a preservação da borda esquerda da base, o limite máximo de três sílabas no *output* e o bloqueio de formas com fortes restrições de marcação. O *ranking* proposto por Belchor (2009) para a análise do grupo ‘refrí’ apresenta, deve-se acrescentar, uma diferença em relação àqueles utilizados por Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a), desta feita com o objetivo de impedir a emergência de formas truncadas cuja sequência fonológica coincida com de palavras já existentes na língua. A restrição adotada bloqueia, portanto, possíveis truncamentos como ‘refrigéra’ (< ‘refrigerante’) e ‘falsifica’ (< ‘falsificado’) – ambos coincidentes com vocábulos preexistentes na língua.



O grupo denominado ‘odônto’, marcado pela preservação do morfema integral situado na periferia esquerda da palavra-matriz, é analisado por Belchor (2009) com base em um *ranking* composto por três restrições: duas ligadas à fidelidade, tal como no padrão anteriormente retomado, e uma terceira, cuja demanda prioritária exige a coincidência entre a forma truncada e um único morfema da língua.

Por fim, deve-se destacar que Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a) descreveram, à luz da Teoria da Otimalidade, apenas o padrão ‘flágra’ de truncamento, e Belchor (2009) analisou, isoladamente, os padrões ‘refrí’ e ‘odônto’, utilizando-se de *rankings* de restrições distintos. A Morfologia Prosódica Circunscritiva, modelo teórico adotado na presente tese, foi utilizado também por Gonçalves (2004); porém, novamente, o autor deteve-se no padrão ora denominado ‘flágra’.

Logo, a proposta desta tese distingue-se daquelas lançadas por Gonçalves & Vazquez (2005), Belchor (2009) e Gonçalves (2011a), uma vez que se fundamenta na descrição dos padrões ‘refrí’, ‘odônto’ e ‘flágra’ sob a perspectiva de um único modelo teórico, a Morfologia Prosódica Circunscritiva. A proposta inicial fundamenta-se na ideia de que a união de fatores morfológicos e prosódicos proporcionada pelo modelo será responsável por uma descrição altamente satisfatória do fenômeno de truncamento, após detectados os parâmetros de circunscrição e molde que justificam as diferenças observadas entre os padrões analisados.

A tese que se apresenta constitui, destarte, uma proposta inovadora em relação ao truncamento, visto que a Morfologia Prosódica Circunscritiva será utilizada na descrição formal do processo, com o objetivo de proporcionar uma análise eficiente e econômica na descrição do *corpus*.

Na próxima seção, a metodologia adotada na pesquisa será explicitada, com o objetivo de fornecer informações acerca da recolha do *corpus*, bem como descrever a aplicação e o resultado dos testes aplicados aos informantes.

### **3.5. Metodologia**

O *corpus* utilizado na tese foi, em grande parte, coletado por Gonçalves & Vazquez (2005) e conta, hoje, com 109 formações, dentre as quais algumas foram acrescentadas por Belchor (2009), e outras no período inicial do curso que resultou nesta tese. As fontes que serviram de base para a recolha de dados foram jornais de grande circulação nacional, como *O Globo* e *Jornal do Brasil*, sobretudo nas seções esportivas ou destinadas ao público jovem, que tendem a utilizar uma variante menos formal da língua; dicionários eletrônicos, como o “Aurélio”; o dicionário informal ([www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)); além de dados produzidos em diversas situações de interação entre falantes.

Quanto aos informantes que se dispuseram a responder os questionários, foram selecionados os cariocas, que fossem também filhos de cariocas e domiciliados na cidade do Rio de Janeiro. Tal escolha mostrou-se necessária porque, uma vez que o objetivo da tese é descrever formalmente o truncamento, tendo em vista a sua ocorrência na capital do Rio de Janeiro, eventuais influências de outras variantes dialetais regionais precisavam ser descartadas. No que tange à distribuição geográfica dos informantes, os mesmos residiam em bairros das zonas oeste, sul e norte (Barra da Tijuca, Copacabana, Botafogo, Méier, Engenho Novo, Andaraí e Tijuca).

O aspecto social também foi levado em consideração, podendo os informantes ser alocados na classe socioeconômica média. Nesse caso, deve-se ressaltar que foi selecionado um grupo socioeconômico apenas por opção metodológica, pois não há

evidências de que haja diferentes truncamentos em uso para a mesma base, ainda que sejam considerados diferentes grupos sociais. Ao contrário, falantes de grupos socioeconômicos distintos costumam se utilizar das mesmas formas truncadas, ficando as diferenças dialetais restritas à regionalidade, tal como já observara Araújo (2002), ao apontar a oposição entre as formas ‘refrí’ e ‘réfri’, vinculando a primeira ao dialeto paulista; e a segunda, ao dialeto paraense.

O método empregado por Belchor (2009) na organização do *corpus* consistiu em distribuir os dados nos três grupos de afinidade estrutural já detectados por Gonçalves & Vazquez (2005), a seguir retomados: (a) formas que tendem a preservar o radical da base e recebem a vogal (-a), tal como ‘flágra’ (< ‘flagrante’) e ‘jápa’ (< ‘japonês’); (b) formas que preservam as duas primeiras sílabas integrais da base, assim como ‘depí’ (< ‘depilação’) e ‘falsí’ (< ‘falsificado’); e (c) formas que preservam integralmente o morfema situado na margem esquerda da base, tal como em ‘últra’ (< ‘ultrassonografia’) e ‘lípo’ (< ‘lipoaspiração’).

Após a distribuição dos dados em três grupos, procedeu-se à elaboração de testes que validassem os resultados da pesquisa. Esses testes abarcaram apenas os padrões anteriormente citados em (b) e (c), uma vez que o grupo citado em (a) não foi analisado pela autora, e foram divididos em três etapas: na primeira, apresentou-se uma lista de palavras truncadas para que o informante respondesse qual a base delas, com o objetivo de observar se conseguiam recuperar a forma plena. Na segunda etapa, foram indicados vocábulos passíveis de truncamento, para que o informante procedesse ao encurtamento, com o intuito de determinar a estratégia utilizada pelos falantes ao encurtar bases. Na terceira e última etapa, foram apresentados uma forma de base e diversos truncamentos possíveis, com o objetivo de constatar se a palavra truncada presente no *corpus* era realmente a mais empregada pelos falantes.

Em todos os testes, foram utilizadas também formas encurtadas aparentemente inexistentes ('ventí' e 'térmo', por exemplo) e bases para as quais não foi encontrado truncamento conhecido, como 'particular' e 'hermografia'. O objetivo era, nessas situações, verificar se os informantes associariam as formas truncadas fornecidas a uma palavra-matriz possível, bem como detectar a estratégia empregada ao encurtar as bases que não possuem truncamento conhecido. Tal procedimento foi adotado com o propósito de reafirmar as estratégias utilizadas no encurtamento, sem que o informante optasse por uma forma já conhecida, não aplicando, assim, as táticas que respondem pela formação dos truncamentos.

Os 20 informantes que responderam o questionário foram distribuídos em quatro faixas etárias – 8 a 13 anos, 14 a 19 anos, 20 a 35 anos e mais de 35 anos – e enquadravam-se nos níveis de escolaridade 3º e 4º anos (primeiro segmento do ensino fundamental), 5º ao 9º anos (segundo segmento do ensino fundamental), ensino médio e universitários. Quanto ao sexo, foram selecionados, para cada faixa etária, dois ou três informantes de cada sexo. Abaixo, segue uma lista que apresenta a distribuição dos informantes entre as faixas etárias e níveis de escolaridade<sup>39</sup>:

- Faixa de 8 a 13 anos: dois informantes do sexo feminino e dois do sexo masculino – três deles alunos do 1º segmento do ensino fundamental; e um (do sexo masculino), aluno do 2º segmento do ensino fundamental.
- Faixa de 14 a 19 anos: três informantes do sexo feminino e três do sexo masculino – três deles (dois do sexo feminino e um do sexo masculino) alunos

---

<sup>39</sup> Deve-se advertir que Belchor (2009) descartou os informantes universitários, pautando-se na hipótese de haver disparidade em relação aos resultados obtidos nos questionários respondidos por estudantes mais jovens, entre 8 e 13 anos. Com a intenção de verificar se a hipótese citada tem fundamento, foram recuperados os questionários respondidos por universitários e recalculados os resultados dos testes, que, em termos percentuais, não tiveram alterações.

do 2º segmento do ensino fundamental; e três (um do sexo feminino e dois do sexo masculino), já universitários.

- Faixa de 20 a 35 anos: três informantes do sexo feminino e três do sexo masculino – quatro (dois do sexo feminino e dois do sexo masculino), com nível médio concluído; e os demais, (um de cada sexo) universitários.
- Faixa de mais de 35 anos: dois informantes do sexo feminino e dois do sexo masculino – um deles, do sexo feminino, universitário; e os demais; de nível médio de escolaridade.

Os resultados do teste 1 revelaram que os informantes, em geral, conseguiram associar os truncamentos fornecidos a bases do português<sup>40</sup>. Dentre as formas truncadas que compõem o *corpus* da pesquisa, o percentual encontrado para a identificação das bases pelo informante varia de 60 a 90 %, observando-se as maiores divergências nos casos em que o informante associa o truncamento não à forma esperada, mas a outra que lhe seja mais familiar. Esse é o caso dos truncamentos propostos ‘elétro’ e ‘vídeo’, cujas palavras-matrizes correspondem, no *corpus*, a ‘eletrocardiograma’ e ‘videocassete’, mas foram vinculados pelos informantes mais jovens, da faixa de 8 a 13 anos, às bases ‘eletrodoméstico’ e ‘videogame’, respectivamente, o que mostra a real possibilidade de o truncamento acessar mais de uma palavra-matriz. Em relação às formas truncadas criadas para integrar o teste 1, pode-se dizer que os informantes não tiveram dificuldade em associá-las a palavras do português.

---

<sup>40</sup> Com exceção da forma truncada ‘expô’, cuja base, ‘exposição’, não foi rastreada por três informantes mais jovens (faixas de 8 a 13 e 14 a 19 anos). Os referidos informantes atribuíram a forma truncada à suposta base ‘épo’ [‘eʃ.po] – o que sinaliza a possibilidade de os falantes mais jovens não a interpretarem como encurtamento de ‘exposição’, mas como base para composições do tipo ‘expo-noivas’, ‘expo-bebês’ e ‘expogestantes’, por exemplo. Vale observar, no entanto, que há diferença acentual entre a forma truncada pertencente ao *corpus*, ‘expô’, e a suposta base para composição ‘épo’, uma vez que o encurtamento de ‘exposição’ produz uma forma que, isolada, é oxítona, porém tem sua tonicidade deslocada para a primeira sílaba, em que se verifica a abertura da vogal alta [i] > [e], ao ser considerada uma nova base pelos falantes.

Quanto ao teste 2, o percentual de encurtamentos produzidos pelos informantes que resultaram nas formas presentes no *corpus* variou entre 20 e 90%, e a maioria dos casos em que a forma atestada não corresponde à encontrada no *corpus* deve-se à não identificação das fronteiras entre morfemas nas amostras do padrão ‘odônto’. Destarte, há, entre os resultados, formas como ‘néoli’ por ‘néo’ (< ‘neoliberal’) e ‘hêma’ por ‘hemáto’ (< ‘hematologista’), sobretudo no que tange aos informantes mais jovens, das faixas de 8 a 13, e de 14 a 19 anos. Por fim, deve-se comentar que os informantes dispensaram tratamento semelhante às bases presentes no *corpus* e àquelas que não possuem truncamento conhecido, utilizando-se, portanto, das mesmas estratégias ao encurtar as palavras-matrizes.

O teste 3, por sua vez, revelou que, entre as alternativas apresentadas aos informantes, a taxa de opção pela forma truncada pertencente ao *corpus* varia de 40 a 70%. Nesse caso, também a maior parte das situações em que o informante não optou pelo truncamento presente no *corpus* pode ser justificada com base no fato de não serem identificadas as fronteiras de morfemas, uma vez que foram atestadas formas tais como ‘retroprô’ por ‘rétro’ (< ‘retroprojeto’) e ‘ófta’ por ‘oftálmo’ (< ‘oftalmologista’), no que se refere ao padrão ‘odônto’. Neste teste, assim como nos anteriores, os informantes das duas faixas etárias mais jovens responderam pelas taxas mais baixas de opção pelo truncamento pertencente ao *corpus*.

De modo geral, os três testes revelaram que os falantes mais jovens apresentaram mais dificuldade em associar truncamentos às respectivas bases, assim como em encurtar algumas palavras-matrizes fornecidas. Os informantes das demais faixas etárias (20 a 35 e mais de 35 anos) foram mais bem sucedidos nas tarefas solicitadas, quer tivessem nível de escolaridade médio, quer fossem universitários.

Quanto ao desempenho dos informantes em relação aos dois padrões testados, verificou-se que as formas do tipo ‘refrí’ tiveram suas bases identificadas pela maior parte dos informantes, bem como foram, na maioria dos casos, encurtadas da maneira esperada.

O padrão ‘odônto’, por sua vez, foi responsável pelas maiores porcentagens de não-identificação das bases, bem como de encurtamentos não esperados. Dessa forma, pode-se dizer que o mapeamento das duas sílabas iniciais da base é processado com mais facilidade pelo falante do que o mapeamento de um morfema na mesma posição da palavra-matriz. Em outras palavras, os limites entre sílabas foram identificados pelos informantes com mais sucesso do que as fronteiras de morfemas.

Descrita a metodologia adotada por Belchor (2009) ao reunir o *corpus* que constitui parte dos dados contemplados na presente tese, pode-se proceder à análise. Antes, porém, os fundamentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva serão apresentados, mostrando-se todo o percurso que deu origem ao modelo, desde o início das propostas não-lineares para o tratamento de processos fonológicos. Em sequência, no capítulo 5, serão analisadas formas truncadas pertencentes aos três padrões, à luz da Morfologia Prosódica Circunscritiva. Ao fim deste último capítulo, apresentam-se os problemas encontrados quando da análise, ou seja, dados que não se ajustam à descrição pelo modelo, em virtude de contrariarem as tendências gerais verificadas no processo de truncamento. A intenção, nesses casos, é buscar razões para que os falantes deixem de aplicar o padrão geral às bases.

## Capítulo 4 – Fundamentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva

---

O presente capítulo dedica-se à apresentação do aporte teórico que sustenta a análise do fenômeno de truncamento realizada nesta tese: a Morfologia Prosódica Circunscritiva, doravante MP Circunscritiva. Conforme já mencionado no capítulo destinado às palavras iniciais, a proposta desta tese é promover a descrição das formas truncadas que integram o *corpus*, de modo que os três padrões estruturais em que se distribuem os dados sejam analisados com base em um único modelo teórico de orientação morfoprosódica – o que, até o presente momento, não foi realizado (cf. capítulo 3).

A organização do capítulo cumpre as seguintes etapas: em primeiro lugar, será traçado o contexto que levou ao surgimento da Morfologia Prosódica (MP); a seguir, será brevemente apresentada a ideia central da Fonologia Autossegmental, que deu origem à Morfologia Autossegmental. Em seguida, a Fonologia Prosódica terá seus componentes mais relevantes e sua hierarquia apresentados, para, na sequência, os princípios que regem a MP serem descritos. Logo a seguir, serão apresentadas as ideias incorporadas à MP, que foi refinada e culminou na denominada MP Circunscritiva.

### 4.1. Contexto de surgimento

Fenômenos morfológicos como a reduplicação e a infixação, comuns nas línguas semíticas, levaram McCarthy (1981) a argumentar que reduplicantes e infixos não podem ser definidos segmentalmente, tal como propunham Chomsky & Halle (1968), uma vez que a atuação desses elementos requer, segundo o autor, acesso a informações prosódicas. Vale destacar que, nesse caso, trata-se de uma reação à fonologia dita linear, a qual



pressupõe o arranjo linear dos segmentos, tomados como conjuntos de traços ordenados, capazes de estabelecer relações de distinção na língua. Assim, sob a perspectiva de McCarthy (1981), faz-se necessário recorrer à fonologia não-linear, mais particularmente, à Fonologia Autossegmental, para descrever, por exemplo, o fenômeno de afixação descontínua, verificada em um grande número de línguas semíticas. Surge, dessa forma, o modelo denominado Morfologia Autossegmental.

Ainda segundo McCarthy (1981), a morfologia não-concatenativa recebeu pouca atenção no âmbito do Estruturalismo, por não ser passível de descrição com base em métodos que buscam partes recorrentes dispostas na margem direita ou esquerda da base. No entanto, os autores afirmam que há um grande número de línguas naturais em que processos tais como a reduplicação constituem as operações morfológicas principais ou únicas.

A razão apontada acima levou McCarthy (1981) a desenvolver, portanto, um modelo prosódico capaz de descrever processos não-concatenativos, utilizando-se de “dispositivos da Fonologia Autossegmental, que são muito familiares entre os estudos do tom e de outros traços prosódicos” (*op. cit.*, 373-74). Vejamos, então, quais os princípios da Fonologia Autossegmental em que o autor se baseou para construir a Morfologia Autossegmental.

#### **4.2. Da Fonologia Autossegmental à Morfologia Autossegmental**

Desde Chomsky & Halle (1968), que instituíram o tratamento linear dos sons da fala, a teoria fonológica sofreu vários refinamentos, sobretudo no que tange à estrutura interna da sílaba e ao acento, uma vez que, na fonologia linear, a primeira não foi reconhecida como uma unidade descritiva, e o segundo “foi considerado como

representando um traço segmental [...] uma propriedade inerente de vogais” (WETZELS, 1995: 4) – o que levou a várias inconsistências teóricas.

Assim, o surgimento da chamada fonologia não-linear pode ser considerado uma reação ao tratamento linear dos sons da fala, segundo o qual os segmentos eram especificados, positiva ou negativamente, em relação a todos os seus traços, que não eram tomados independentemente, mas integrados a matrizes especificadas. Para as referidas matrizes, na operação de regras fonológicas, havia três possibilidades de análise: (1) eram substituídas por matrizes diferentes; (2) apagadas; ou (3) introduzidas em domínios nos quais não figuravam. Dessa forma, “a teoria é incapaz de expressar, guiada por princípios, o fato de que traços podem se estender por sobre domínios maiores do que o segmento. Ela também não pode explicar por que alguns traços assumem juntos uma mesma disposição em processos fonológicos, enquanto outros traços nunca o fazem” (WETZELS, 1995: 5).

A Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), que interessa diretamente ao percurso compreendido entre a Morfologia Autossegmental e a Morfologia Prosódica Circunscritiva, é um sub-ramo da fonologia não-linear que permite a segmentação dos sons da língua, comprovando que não existe uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços (ou matriz) que reúne as suas especificações. Em outras palavras, entende-se que há uma relativa autonomia entre as camadas segmental e autossegmental, no sentido de que determinado traço pode se manter no domínio fonológico, ainda que o segmento a que se ligava tenha desaparecido. Assim, retirado o tom do interior de uma matriz, o traço mantido após o apagamento de uma unidade segmental pode se ligar a uma outra unidade – o que explica, por exemplo, casos de assimilação do traço de nasalidade por vogais, em casos de queda do segmento que porta o referido traço (‘lana’ > ‘lãa’ > ‘lã’).

Os princípios em que se baseia a Fonologia Autossegmental são: (a) os traços podem estender-se para além de um segmento e (b) o apagamento de um segmento não implica, necessariamente, o desaparecimento de todos os traços que o compõem, pois, tal como afirma Matzenauer (2005: 45), “em muitas línguas tonais, [...] o apagamento de um segmento não implica o desaparecimento do tom que recai sobre ele, mas [...] esse tom pode espalhar-se para outra unidade fonológica”.

A proposta da Fonologia Autossegmental consiste, ainda, na defesa de que os traços que compõem determinado segmento da língua apresentam uma estrutura interna hierarquizada. Ao reconhecer a hierarquia entre os traços, Goldsmith (1976) passou, então, a analisar os segmentos em camadas (*tiers*), tornando possível a divisão dos mesmos em partes independentes. Por essa razão, de acordo com Matzenauer (2005: 45-46), “[...] uma regra pode operar somente no *tier* [nasal], ou no *tier* [contínuo] ou no *tier* [aberto], por exemplo”. Logo, o grande avanço da Fonologia Autossegmental em relação à fonologia linear consiste na ideia de que os traços podem atuar isoladamente ou em conjunto.

A divisão em camadas, proposta pela Fonologia Autossegmental para a atuação de traços fonológicos de maneira independente, permite a descrição mais satisfatória de casos em que a expressão de categorias gramaticais se manifesta por meio de alternância vocálica, por exemplo. No sistema verbal do português brasileiro, a categoria gramatical *número-pessoa*, no pretérito perfeito do indicativo, pode ser expressa por meio da abertura da vogal tônica, tal como se observa nos dados a seguir:

(01)

P[u]de (1ª pessoa) > P[o]de (3ª pessoa)

Est[i]ve (1ª pessoa) > Est[e]ve (3ª pessoa)

F[i]z (1ª pessoa) > F[e]z (3ª pessoa)

Os verbos listados em (01) não têm indicação de primeira e terceira pessoas por meio de um afixo; assim, a oposição entre as duas formas é marcada pela alternância vocálica ocorrida no interior do radical do verbo, nos seguintes termos: a vogal tônica passa de alta [i, u], na primeira pessoa, para média [o, e], na terceira pessoa. Por essa razão, de acordo com Gonçalves & Vivas (2011), há, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, um padrão geral, segundo o qual a primeira pessoa é marcada pela presença de uma vogal alta, enquanto a terceira pessoa é indicada por uma vogal média.

Vale observar que a alternância vocálica não é um fato excepcional no sistema verbal do português, uma vez que, além de ser a única marca da flexão em número-pessoa de alguns verbos, conforme visto nos exemplos em (01), pode também prestar-se a reforçar a expressão da mesma categoria nos verbos em que o afixo (-o) tem a função de indicar a primeira pessoa do presente do indicativo, como em ‘v[i]sto’ / ‘v[ε]ste’; ‘s[i]go’ / ‘s[ε]gue’. Nestes últimos casos, segundo Vivas (2010),

“na 1ª pessoa, há apenas o reforço de número-pessoa pela alternância vocálica, já que existe um formativo, -o, cuja função é indicar essa noção, assim como em *acudo, divirto, sigo, visto, subo*. Já na 3ª pessoa, a alternância de vogal é a responsável pela indicação número-pessoa” (*op. cit.*: 38).

A categoria número-pessoa em verbos do português não pode, portanto, ser descrita somente com base na afixação, pois envolve, em alguns casos, a abertura da vogal tônica, que é, muitas vezes, a única responsável pela sua expressão. Destarte, a Fonologia Autossegmental é um modelo que descreve satisfatoriamente não apenas processos de formação de palavras não-concatenativos tais como o truncamento, objeto desta tese, mas também se mostra eficiente na descrição dos verbos em português, visto que a afixação linear de formativos, tomada isoladamente, não é capaz de justificar todas as modificações ocorridas nas formas verbais. Como se pode observar, o acesso a informações fonológicas não é uma peculiaridade dos processos de formação de palavras não-concatenativos, uma vez que se mostra necessário também em alguns aspectos da flexão verbal em português.

McCarthy (1981), utilizando-se dos princípios que regem a Fonologia Autossegmental, propõe o mapeamento de elementos melódicos (unidades do *tier* autossegmental) para elementos que os representem no *tier* segmental. Em outras palavras, o autor defende a associação entre elementos da camada segmental e elementos de uma camada melódica autossegmental. Assim, a Morfologia Autossegmental surge como recurso para a descrição de processos que exigem interação fonologia-morfologia.

A ideia central da Morfologia Autossegmental envolve a noção de ‘molde’ (*template*), que McCarthy (1981) aplicou à descrição de línguas semíticas tais como o árabe, cuja formação de palavras está associada a um molde (morfema) esquelético especificado apenas pelas posições de consoantes (C) e vogais (V). Para fim de exemplificação, a raiz descontínua triconsonantal (CCC) que, em árabe, está ligada ao significado de “escrever” é representada pelo morfema esquelético *ktb*, que é intercalado por vogais para que informações como o tempo e a pessoa dos verbos, por exemplo, sejam expressas. Para fim de exemplificação, pode-se citar a forma *katib* (‘escrevendo’), na qual

a categoria gramatical *gerúndio* é manifestada por meio da infixação das vogais [a] e [i] na segunda e quarta posições, respectivamente.

De acordo com McCarthy (1981), por conseguinte, morfemas não são representados, necessariamente, em camadas segmentais, mas em diferentes níveis (*tiers*) ligados ao molde esquelético. No caso do exemplo anteriormente citado, o molde esquelético consiste na sequência CVCVC, ligada a dois *tiers*: um consonantal e outro vocálico. O *tier* consonantal fornece os segmentos da raiz [k, t, b], enquanto o *tier* vocálico está a serviço da infixação de [a] e [i]. Assim, a posição em que consoantes e vogais são dispostas no árabe acarreta mudanças de significado lexical, tal como se observa nas formas *kutib* ('é escrito') e *kitab* ('livro').

Portanto, pode-se dizer que, em linhas gerais, a Morfologia Autossegmental é um modelo que defende a interação da morfologia com a fonologia, visto que propõe o mapeamento melódico de elementos que compõem a camada autossegmental para elementos da camada segmental, que devem ser dispostos conforme a exigência de um molde definido para a expressão da categoria gramatical pretendida. Até McCarthy (1981), porém, o molde esquelético é especificado pelas posições de consoantes e vogais – proposta que foi refutada em McCarthy & Prince (1986), cuja ideia central consiste na evidência de que os moldes são especificados com base no formato de componentes prosódicos. Vejamos, na próxima seção, de que maneira a Fonologia Prosódica contribuiu para o desenvolvimento do modelo que McCarthy & Prince (1986) denominaram Morfologia Prosódica, cujo refinamento, mais tarde, culminou na Morfologia Prosódica Circunscrita.

### 4.3. Da Fonologia Prosódica à Morfologia Prosódica

A Fonologia Autossegmental, conforme explicitado na seção 4.2, lida com a hierarquia entre os traços fonológicos que compõem os segmentos da língua, analisando-os em camadas independentes – o que permitiu a interpretação de que operações morfológicas podem envolver o acesso ao conjunto de traços que compõem determinado segmento, bem como a um único traço tomado isoladamente. A Fonologia Prosódica, por sua vez, também defende a hierarquia entre categorias prosódicas; no entanto, segundo Nespor & Vogel (1986), trata-se de “uma teoria de organização do enunciado em unidades fonológicas estruturadas hierarquicamente” (*op. cit.*: 29), de forma que cada componente da hierarquia é considerado um domínio para a aplicação de regras fonológicas.

No âmbito da Fonologia Prosódica, a hierarquia proposta fundamenta-se na *Strict Layer Hypothesis*, segundo a qual os constituintes prosódicos são formados por um ou mais elementos da categoria imediatamente inferior. Por conseguinte, a ideia de que os membros da hierarquia prosódica se agrupam para formar um constituinte de nível superior permite o desdobramento da *Strict Layer Hypothesis* em quatro subprincípios, a seguir listados:

- i. uma unidade não terminal da estrutura hierárquica,  $X^P$ , compõe-se de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior,  $X^{P-1}$ ;
- ii. uma unidade pertencente a um nível da hierarquia,  $X^P$ , deve estar exhaustivamente incluída em uma unidade superior,  $X^{P+1}$ , da qual faça parte;
- iii. os constituintes são estruturas X-árias;

- iv. a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s, *strong*) e a todos os demais, o valor fraco (w, *weak*).

O subprincípio apresentado em (i) garante que os constituintes intermediários da hierarquia agrupem-se para formar um componente de nível mais alto, ao qual estejam integrados, até que seja atingido o último nível da hierarquia: o enunciado. Em (ii), apresenta-se o subprincípio que diz respeito à exaustividade, segundo o qual, toda unidade da hierarquia deve estar maximamente incluída na categoria imediatamente superior (no caso, um ou mais constituintes devem compor o nível mais alto).

O subprincípio em (iii) assegura a não-binariedade, no sentido de que os constituintes do nível imediatamente inferior a X devem ser todos do mesmo tipo, ou seja, apenas elementos idênticos devem agrupar-se, em cada nível, para formar um constituinte de nível superior. Por fim, o subprincípio apresentado em (iv) relaciona-se ao domínio do acento em cada nível da hierarquia, nos seguintes termos: “na sílaba, o forte é o membro de maior sonoridade, a rima, e o fraco é o ataque; no pé, apenas uma sílaba é forte; na palavra, o forte é a sílaba com acento projetado pelo pé métrico e o fraco são as sílabas não acentuadas” (GONÇALVES, 2009a: 62).

A partir dos subprincípios listados de (i) a (iv), pode-se estabelecer a regra segundo a qual os membros da hierarquia prosódica se formam: “incorpore em  $X^P$  todos os  $X^{P-1}$  incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de  $X^P$ ” (NESPOR & VOGEL, 1986: 43). Dito de outra forma, cada constituinte prosódico apresenta, em sua estrutura, elementos de todas as categorias de nível mais baixo na hierarquia.

Vistos os subprincípios e a regra responsáveis pela formação dos constituintes prosódicos, apresenta-se, a seguir, a hierarquia, tal como proposta por Selkirk (1982):



(02)

U	Enunciado Fonológico
I (I)	Frase Entoacional
φ (φ)	Sintagma Fonológico
C (C)	Grupo Clítico
ω (ω)	Palavra Prosódica
Σ (Σ)	Pé Métrico
δ (δ)	Sílaba

Na cadeia proposta, a categoria de nível mais baixo é a sílaba ( $\delta$ ) – formada por um núcleo (posição preenchida pelo elemento de maior sonoridade), ao qual podem se juntar dois ou mais segmentos. A seguir, a união entre sílabas gera pés métricos ( $\Sigma$ ), que, por sua vez, formam a palavra prosódica ( $\omega$ ). Em seguida, esta última, acrescida de um clítico, gera o grupo clítico (C), e assim sucessivamente, até que esteja formado o componente máximo, o enunciado fonológico (U).

Vale destacar que o grupo clítico (C) é um constituinte proposto por Selkirk (1982), com base na evidência da sua relevância em línguas como o latim clássico, por exemplo, nas quais o acréscimo do clítico pode promover o deslocamento do acento, tal como se observa em *lĕgis* ['le.gis]; *lĕgis nĕ* [le.'gis.ne]. Assim, pode-se dizer que, entre a palavra prosódica e o sintagma fonológico, existe o nível denominado grupo clítico, em que atua a relação de dominância acentual forte/fraco, promovendo, em alguns casos, uma modificação na tonicidade da palavra prosódica, antes que se chegue ao sintagma fonológico.

As categorias prosódicas relevantes para a análise do fenômeno de truncamento desenvolvida nesta tese são as de nível mais baixo: sílaba, pé métrico e palavra prosódica. Por essa razão, as subseções que se seguem destinam-se a definir as referidas categorias, com o objetivo de fornecer as informações necessárias à compreensão da estrutura de moldes e *outputs* a ser apresentados no capítulo 5 – dedicado à análise com os instrumentos da MP Circunscritiva.

#### 4.3.1. A sílaba ( $\delta$ )

A sílaba, constituinte mais baixo da hierarquia prosódica, tem sua estrutura centrada em um núcleo (geralmente uma vogal), em torno do qual há posições que podem ser preenchidas por segmentos consonantais ou semivocálicos.

À esquerda do núcleo, na posição inicial da sílaba, localiza-se o onset (ou ataque), constituinte que deve ser preenchido por segmentos de menor sonoridade em relação ao núcleo<sup>41</sup>. Quanto à margem direita, a sílaba pode apresentar, nesta posição, um segmento consonantal ou semivocálico, ocupando a posição do constituinte denominado coda. Este último deve ter sonoridade menor que a do núcleo, porém maior que a do onset. A seguir, em (03), tem-se uma representação em árvore da estrutura da sílaba:

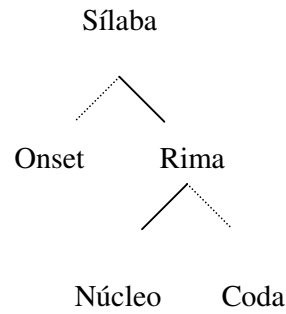
---

<sup>41</sup> A sonoridade aqui referida relaciona-se à escala que se segue (cf. SELKIRK, 1984), baseada na abertura progressiva do tubo vocal em direção às vogais centrais – as mais sonoras:

Obstruintes (oclusivas; africadas; fricativas) < Nasais < Líquidas ([r]; [l]) < Glides ([y]; [w]) < Vogais (altas; médias; baixas)

Em português, apenas os segmentos com maior grau de sonoridade (glides e vogais) são licenciados a ocupar a posição de núcleo da sílaba, enquanto a posição de coda pode ser preenchida por segmentos de sonoridade relativamente mais baixa que a do núcleo (glides, [l], nasais e fricativas). O onset, por sua vez, é um constituinte que pode ser representado pelos segmentos de sonoridade mais baixa (oclusivas, africadas, fricativas), além das nasais e líquidas.

(03)



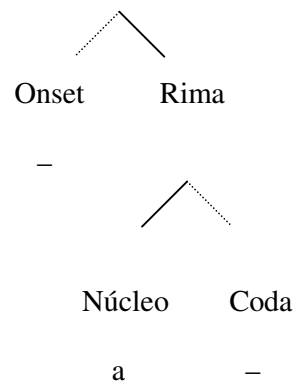
A leitura da árvore, de baixo para cima, indica o núcleo (constituente obrigatório) e a coda, que, por ser um constituinte cuja presença na sílaba é opcional, apresenta-se ramificada por uma linha tracejada. Observe-se que a ramificação do núcleo é feita por uma linha preenchida, uma vez que se trata do componente indispensável à formação da sílaba.

Núcleo e coda formam, juntos, o constituinte denominado rima, que engloba os segmentos de maior sonoridade. Ao lado desta, encontra-se o onset – constituinte opcional e, por isso, ramificado por uma linha tracejada. Este último, que ocupa a posição inicial, deve ser o menos sonoro da sílaba.

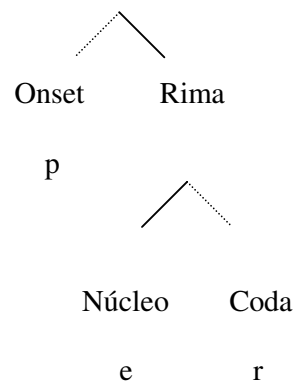
Para fim de exemplificação, a palavra ‘aperto’ terá suas três sílabas representadas a seguir, com o objetivo de mostrar a presença (não)obrigatória dos componentes onset, núcleo e coda.

(04)

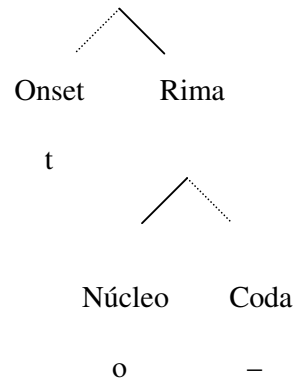
a. Sílabla



b. Sílabla



c. Sílabla



Em (04a), o núcleo, preenchido pela vogal [a], é o responsável pela projeção da rima e, por conseguinte, da sílaba, visto que se trata de um segmento licenciado a desempenhar tal função. Nesse caso, a sílaba, formada por um único segmento, não apresenta aclive e declive de sonoridade – diferente do que se observa nas sílabas representadas em (04b) e (04c).

A sílaba (-per-), representada em (04b), apresenta as três posições preenchidas – o que equivale a dizer que se tem, no caso, uma sílaba completa. O segmento [p] (menos sonoro por ser oclusivo) ocupa a posição de onset; a vogal média [e] forma o núcleo da sílaba, uma vez que se trata do elemento mais sonoro; e, por fim, a fricativa [x] encontra-se na posição de coda, travando a sílaba. Esta última apresenta sonoridade menor que a do núcleo, porém maior que a do onset. Assim, há um aclive de sonoridade do onset para o núcleo e, em seguida, um declive deste último para a coda.

A última sílaba do exemplo dado, (-to), possui as posições de onset e núcleo preenchidas, respectivamente, pelos segmentos [t] e [u]. Nesse caso, a ausência do constituinte coda implica apenas um aclive de sonoridade da oclusiva [t] em direção à vogal alta [u].

Os aclives e declives de sonoridade exemplificados com base nas sílabas anteriormente representadas estão relacionados ao Princípio de Sequenciação de Sonoridade, segundo o qual onsets crescem em sonoridade até o núcleo (pico), e codas decrescem em sonoridade em relação ao núcleo.

Há, ainda, um princípio de fundamental importância à formação da sílaba, que prevê a ligação de segmentos consonantais, primeiramente, à posição de onset e, somente na impossibilidade de atuar como onsets, à posição de coda. Trata-se do Princípio de Maximização do Ataque.

Também relevante na estrutura da sílaba é o fato de esta ser constituída de moras (unidades de peso), fundamentais na distribuição de sílabas em pesadas e leves, além de serem utilizadas na formação de pés, que são altamente relevantes na sistematização dos truncamentos descritos nesta tese. Portanto, antes que se proceda à descrição do constituinte pé, imediatamente superior à sílaba na hierarquia prosódica e amplamente utilizado quando da formação do truncamento com os procedimentos da MP Circunscritiva, a mora ( $\mu$ ) será definida.

De acordo com Hyman (1985), as sílabas são constituídas de unidades de peso denominadas moras ( $\mu$ ), cuja importância se relaciona à distribuição das sílabas em leves ou pesadas.

Para efeito de peso silábico, os onsets não contribuem para a contagem de moras; apenas a rima possui tal atribuição, nos seguintes termos: uma sílaba é leve quando a rima apresenta somente uma mora (nesse caso, deve haver apenas uma vogal no núcleo<sup>42</sup>, sem a presença de segmentos em posição de coda); a sílaba pesada, por sua vez, apresenta mais de uma mora na rima, correspondentes, por exemplo, a uma vogal longa ou geminada no núcleo, bem como a um segmento em coda, nas sílabas em que o núcleo já contribui com uma mora.

No truncamento ‘falsí’ (< ‘falsificado’), por exemplo, a primeira sílaba é pesada porque possui rima bimoraica, na qual o núcleo [a] contribui com uma mora; e a coda [w], com a segunda mora. A sílaba final, por sua vez, é leve porque apresenta rima monomoraica, visto que, na ausência de coda, há apenas uma mora correspondente ao peso da vogal alta [i].

---

<sup>42</sup> Em português, a presença de apenas uma vogal no núcleo corresponde sempre uma única mora – o que não se verifica nas línguas em que vogais se distinguem pela duração. Nestas últimas línguas, vogais longas em posição de núcleo correspondem a duas moras, enquanto as vogais breves contribuem com somente uma mora.

Vale ressaltar que o /S/ em posição final de vocábulo apresenta, para alguns autores, *status* polêmico no que tange ao peso silábico. Bisol (1989), por exemplo, ao descrever os ditongos nasais em português, defende que o /S/ indicador de plural é adjungido a uma palavra inteira:

“[...] no português, o marcador de classe (MC) de nomes com terminação nasal tem de ser associado ao ‘tier’ da rima, antes da regra de atribuição do pé, porque o acento do português é sensível ao peso da rima, seja ela VV ou VC. Em todos os outros casos, o MC aparece no nível da palavra inteira, antes da adjunção do S-plural” (*op. cit.*: 202).

De acordo com a autora, portanto, à exceção dos nomes terminados em segmentos nasais, nos quais o marcador de classe é associado à rima, os nomes do português em geral têm o referido marcador e o /S/ indicador de plural adjungidos à palavra inteira. A proposta de Bisol (1989) envolve a divisão da estrutura interna da sílaba em camadas (*tiers*), hierarquizados da seguinte forma: *tier* melódico > *tier* prosódico > *tier* da rima > *tier* da sílaba. O /S/ que marca a flexão em número está associado, para a autora, ao *tier* prosódico e, por isso, independe da formação da rima, realizada em outro *tier*.

Assim, pode-se dizer que, sob a perspectiva de Bisol (1989), o /S/ final, quando marca a flexão em número, não é considerado um segmento moraico, visto que não está ligado ao *tier* da rima – constituinte que reúne os segmentos que contribuem com moras ( $\mu$ ) para o peso silábico. A referida proposta, deve-se advertir, não é partilhada pelos autores que negam a existência da estrutura interna da sílaba (cf. CLEMENTS & KEYSER, 1983; NESPOR & VOGEL, 1986), para os quais a relação entre onset, núcleo e coda é igual. Por essa razão, tais autores defendem que apenas a sílaba como um todo pode ser o domínio para regras fonológicas – o que permite a ligação do /S/ indicador de plural

somente à posição de coda, uma vez que não há, nesse caso, *tiers* hierarquizados, de modo que o /S/ possa estar desvinculado da rima.

As noções de sílaba e mora serão retomadas na próxima subseção, destinada à apresentação do pé – constituinte altamente relevante na descrição morfoprosódica do truncamento.

#### 4.3.2. O pé ( $\Sigma$ )

O pé métrico, que sucede a sílaba na hierarquia prosódica, é um constituinte fundamentado no estudo do acento e do ritmo – sub-ramo da fonologia não-linear conhecido como Fonologia Métrica, que tem, entre seus principais autores, Hayes (1995). Trata-se de um elemento que, segundo Gonçalves (2009a: 65), “é o constituinte rítmico de nível mais baixo e sua denominação advém da métrica latina: pé troqueu e pé iambo”.

A proposta de Hayes (1995) consiste na existência de três tipos de pés binários (ou vinculados; *bounded*), denominados *troqueu silábico*, *troqueu moraico* e *iambo*. Com o inventário dos três tipos de pés citados, o autor desconsidera o pé ternário (ou não-vinculado; *unbounded*), proposto por Selkirk (1980), substituindo-o pela noção de extrametricidade, nos seguintes termos: “o antigo pé ternário é reinterpretado como um pé binário que compreende a segunda e a terceira sílabas de uma palavra (contando a partir da margem da palavra), sendo que a primeira sílaba é considerada como extramétrica” (WETZELS, 1995: 20), ou seja, invisível às regras de atribuição do acento.

Ainda segundo Hayes (*op. cit.*), a construção dos pés envolve parâmetros que respondem por um conjunto de estruturas métricas básicas, uma vez que “o cruzamento das possibilidades de escolhas de valor dos vários parâmetros que regem o ritmo das línguas produz um inventário finito de pés, que dá conta da descrição do ritmo de todas as línguas



do mundo” (MASSINI-CAGLIARI, 1999: 82). Os referidos parâmetros representam, portanto, escolhas que devem ser feitas para que a língua obtenha seu pé *básico* e são regidos pelas seguintes determinações: o lado dominante do pé (esquerdo ou direito); a sensibilidade (ou não) ao peso silábico; a direção da construção do pé (da esquerda para a direita ou vice-versa); e iteratividade. Adiante, os parâmetros aqui citados serão correlacionados, de modo a obter-se o pé básico do português brasileiro. Antes, porém, vejamos quais são as estruturas dos três pés binários propostos por Hayes (1995).

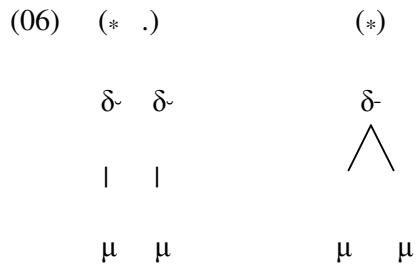
O pé troqueu silábico apresenta proeminência à esquerda e independe do peso silábico, constituindo-se de duas sílabas quaisquer, tal como se pode observar na representação em grade<sup>43</sup> a seguir, em (05). Logo abaixo, cada elemento do pé é associado a uma sílaba, indicada por  $\delta$ :

(05) (\* .)  
 | |  
 $\delta$   $\delta$

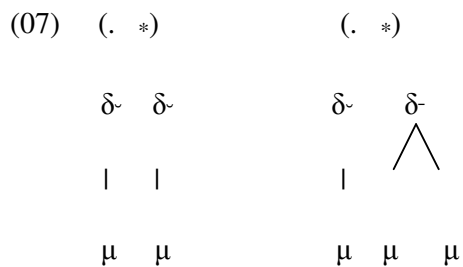
O pé troqueu moraico, apesar de apresentar proeminência à esquerda, tal como o troqueu silábico, é sensível ao peso da sílaba. Por isso, uma vez que pés devem ser sempre binários, trata-se de um tipo de pé que pode ser formado por duas sílabas leves ( $\delta\cdot$ ) ou por uma sílaba pesada ( $\delta-$ ) – ambas as estruturas compostas por duas moras:

---

<sup>43</sup> A representação é feita com base na Fonologia Métrica, proposta por Liberman & Prince (1977), conhecida como modelo de grade. Nesse caso, o asterisco indica a cabeça do pé (elemento dominante), e o ponto representa o membro fraco do pé.



Por fim, no pé iambo, a proeminência encontra-se à direita, e as formações possíveis para o referido tipo de pé são as que se seguem:



De acordo com Hayes (1995), o fato de o pé iambo apresentar, em alguns casos, três moras pode ser explicado pela necessidade de sílabas serem analisadas em pés, associada à propriedade que sílabas pesadas possuem de atrair o acento. Em outras palavras, havendo uma sequência de duas sílabas em que a primeira é leve, a segunda, ainda que seja pesada, é incorporada para a formação do pé, que deve ser necessariamente binário. Nesse caso, a mora excedente é admitida para que as duas sílabas sejam integradas a um pé, localizando-se o acento sobre a sílaba final (pesada), em respeito à tendência de atração do mesmo.

Vistas as características dos três tipos de pés, pode-se apresentar o conjunto de escolhas paramétricas que, segundo Wetzels (1995), descreve a formação de pés e, conseqüentemente, a atribuição de acento no português do Brasil:

- a. pé vinculado (o acento secundário existe, mas não é sensível à quantidade);
- b. pé não-iterativo (somente um é construído);
- c. dominância à esquerda (usualmente a sílaba pré-final porta o acento primário se a última sílaba é leve);
- d. sensível à quantidade (uma sílaba final pesada normalmente porta o acento principal, uma sílaba pesada pré-final não pode ser saltada);
- e. direcionamento direita-esquerda (o acento é localizado na margem direita da palavra);
- f. possibilidade de serem extramétricas sílabas (acento excepcional na antepenúltima sílaba) e moras (acento pré-final na palavra com sílaba pesada final).

Como se pode observar, o pé básico do português brasileiro, de acordo com Wetzels (1995), é o troqueu moraico, em consonância com Bisol (1992), que propõe uma abordagem segundo a qual leva-se em conta a sensibilidade ao peso silábico e formam-se pés binários da direita para a esquerda. Também Massini-Cagliari (1995; 1999) propõe o pé trocaico como básico no português do Brasil, levando em conta o peso silábico.

É importante ressaltar que Lee (1995; 1999), por exemplo, discorda do posicionamento dos autores acima citados e defende que os pés métricos do português brasileiro são iâmbicos. Contudo, adotamos, na presente tese, a linha de Bisol (1992), Wetzels (1995) e Massini-Cagliari (1995; 1999), e consideramos o troqueu moraico como o pé básico da língua.

Vistos os tipos de pés binários defendidos por Hayes (1995) e retomadas as propostas que asseguram a escolha do troqueu moraico como pé básico do português

brasileiro, pode-se descrever, brevemente, a categoria imediatamente superior ao pé na hierarquia: a palavra prosódica, cujas características serão descritas na subseção a seguir.

### 4.3.3. A palavra prosódica ( $\omega$ )

A palavra prosódica, terceiro constituinte da hierarquia prosódica proposta por Selkirk (1982) e representada em (02), caracteriza-se pela presença de um único acento primário. Além disso, tal como se pode observar em (02), trata-se de um constituinte formado por pés e sílabas – os componentes imediatamente inferiores na hierarquia.

Uma vez que cada componente da hierarquia é considerado um domínio para a aplicação de regras fonológicas, a palavra prosódica serve de domínio, por exemplo, para a regra de neutralização das vogais pretônicas: ‘costume’ > ‘c[u]stume’; ‘escola’ > ‘[i]scola’. Observe-se que ‘costume’ e ‘escola’ apresentam somente um acento primário, nas sílabas [‘tu] e [‘kɔ], respectivamente<sup>44</sup>. Assim, têm-se dois exemplos de palavras prosódicas, aos quais é possível aplicar a regra fonológica de neutralização das vogais pretônicas, tal como prevê a hierarquia entre os constituintes prosódicos.

Um segundo aspecto digno de nota é o fato de a palavra prosódica ser o primeiro constituinte da hierarquia a estabelecer relações com a morfologia, no sentido de que se trata de formas portadoras da categoria gênero e passíveis de flexão em número. No caso dos exemplos citados acima (‘costume’ e ‘escola’), ambos apresentam gênero – masculino e feminino, respectivamente –, ainda que não expresso por flexão. Camara Jr. (1970) os

---

<sup>44</sup> Na proposta de Camara Jr. (1970), a palavra prosódica, denominada “vocábulo fonológico” pelo autor, apresenta um acento (de grau 2 ou 3) e dois possíveis graus de atonicidade, antes e depois do acento (graus 1 e 0, respectivamente). Assim, de acordo com o autor, as palavras prosódicas aqui exemplificadas apresentam a seguinte distribuição em grau: (a) c[u]s.tu.me e (b) [i]s.co.la.

1 3 0            1 3 0

classifica como vocábulos de gênero único, nos quais a referida categoria se manifesta apenas nos determinantes. Quanto à categoria número, ambos são passíveis de flexão por meio do acréscimo de [s]. Portanto, pode-se dizer que se trata de palavras prosódicas que também exibem propriedades morfológicas.

Quanto à interação da palavra prosódica com o plano morfológico, há, ainda, um fator a ser observado, desta feita em relação à (não)coincidência entre palavra prosódica e palavra morfológica. Em ‘costume’ e ‘escola’, aqui utilizados como exemplos, há uma palavra prosódica e também uma palavra morfológica, de acordo com os critérios anteriormente citados.

No caso de vocábulos (a) formados por prefixos acentuados + base e (b) compostos, porém, não há coincidência entre as palavras prosódica e morfológica, uma vez que se trata de itens que respondem, em conjunto, pela expressão das categorias de gênero e número: ‘pré-estreia’ > ‘a(s) pré-estreia(s)’; ‘porta-guardanapo’ > ‘o(s) porta-guardanapo(s)’. Assim, tem-se apenas uma palavra morfológica em ambos os casos. Contudo, o número de palavras prosódicas nestes últimos exemplos não coincide com o número de palavras morfológicas, uma vez que se trata de grupos de força (cf. CAMARA JR., 1970), em que cada membro da construção apresenta acento principal (indicado em negrito): ‘**pré-es.tre.ia**’ e ‘**por.ta-guar.da.na.po**’.

Quanto ao truncamento, processo não-concatenativo que constitui o objeto de estudo desta tese, pode-se dizer que os *outputs* formados são palavras prosódicas, uma vez que apresentam somente acento principal, como se observa em ‘**motô**’ < ‘motorista’; ‘**rétro**’ < ‘retroprojeter’; ‘**saláfra**’ < ‘salafrário’, projetado pelo pé métrico iambo (no primeiro exemplo) ou troqueu (nos dois últimos). Vale ressaltar que o molde das formas truncadas é sempre um pé iambo ou troqueu moraico, ainda que, nos trissílabos, permaneça uma sílaba não integrada, à esquerda.

As formas truncadas resultantes do encurtamento são também palavras morfológicas, pois apresentam gênero, copiado da base ('gastroenterologista'<sub>masc/fem</sub> > 'gástro'<sub>masc/fem</sub>; 'bijuteria'<sub>fem</sub> > 'bijú'<sub>fem</sub>), e são também passíveis de flexão em número ('gástro'<sub>sing</sub> > 'gástros'<sub>pl</sub>; 'bijú'<sub>sing</sub> > 'bijús'<sub>pl</sub>). Logo, no processo de truncamento, há coincidência entre palavra prosódica e palavra morfológica, visto que a primeira apresenta apenas um acento nos dados presentes no *corpus*.

De acordo com as características expostas, pode-se dizer que a palavra prosódica (a) apresenta apenas um acento principal, pois, na referida categoria, tal como prevê a relação de dominância entre forte/fraco, "o forte é a sílaba com acento projetado pelo pé métrico e o fraco são as sílabas não acentuadas" (GONÇALVES, 2009a: 62); (b) serve de domínio para a atuação de regras fonológicas; mas (c) nem sempre coincide em número com a palavra morfológica, apesar de ser o primeiro constituinte da hierarquia a apresentar relações com a morfologia.

A partir de então, uma vez descritas as categorias prosódicas envolvidas na formação do truncamento, pode-se proceder à apresentação do modelo teórico que fundamenta a análise ora realizada. Na subseção a seguir, as bases da MP (McCARTHY & PRINCE, 1986) serão expostas, para, na sequência, a MP Circunscritiva (McCARTHY & PRINCE, 1990), sobre que se apoia efetivamente a análise, ser apresentada.

#### **4.4. A Morfologia Prosódica**

De acordo com a apresentação feita na seção 4.2, observa-se que a Morfologia Autossegmental é um modelo não-linear cuja proposta se baseia na existência de um molde esquelético para o qual segmentos da camada autossegmental são mapeados. Na referida

proposta, contudo, os moldes são definidos em termos de posições consonantais e vocálicas, segundo McCarthy (1981).

Em McCarthy & Prince (1986), a MP, modelo não-linear para o tratamento de fenômenos que se encontram na interface fonologia-morfologia, surge com a proposta de que moldes não podem ser definidos segmentalmente, uma vez que, de acordo com os autores, “nenhum processo ocorrido nas línguas naturais [...] é conhecido por depender do número de segmentos de uma forma” (*op. cit.*: 240).

Logo, McCarthy & Prince (1986) valem-se da ideia de que moldes levam em conta *elementos*, visto que “é comum na fonologia que regras levem em conta moras ( $\mu$ ), sílabas ( $\delta$ ), ou pés (F), mas nunca segmentos” (*op. cit.*: 239). Assim, os autores propõem que a morfologia não-concatenativa somente pode ser descrita com base em fatores prosódicos, adotando-se a hierarquia proposta por Selkirk (1982) – retomada na seção 4.3 desta tese.

Aplicando-se tal perspectiva aos processos não-concatenativos de formação de palavras no português, verifica-se, por exemplo, que os truncamentos do grupo denominado ‘refrí’ apresentam como molde um pé iâmbico, enquanto aqueles que compõem o grupo ‘flágra’ têm um troqueu moraico contido na forma de molde. Os demais processos considerados não-concatenativos podem ser descritos com os mesmos instrumentos, bem como a hipocorização, cujo molde consiste sempre em uma palavra mínima na língua (um troqueu moraico) – devendo-se observar que, em português, palavras mínimas nunca extrapolam o limite de duas sílabas.

Como se pode observar, a maior parte dos processos não-concatenativos baseia-se em categorias prosódicas, e não em números de segmentos, pois, de acordo com McCarthy & Prince (1986: 241), “a prosódia diverge notavelmente do segmentalismo. Se dizemos que o molde é [ $\delta$ ], então todas as seqüências segmentais que consistem em uma sílaba

lícita na língua equivalem-se em categoria: {V, CV, CVC, CCVC}, por exemplo, é um conjunto de realizações possíveis”.

Destarte, os referidos autores consideram contraditório o fato de as teorias recentes que envolvem o conceito de molde serem essencialmente segmentais, deixando as informações prosódicas como alternativa a ser lançada nos casos em que o segmentalismo não se ajusta à análise do fenômeno estudado.

Para exemplificar a vantagem da incorporação de fatores prosódicos à morfologia não-concatenativa, McCarthy & Prince (1986) utilizam-se das seguintes formas reduplicadas hipotéticas:

- a. Badupi – BAD badupi
- b. Bladupi – BLA bladupi
- c. Adupi – ADU adupi

Segundo os autores, a interpretação dos reduplicantes acima como sequências XXX, definidas segmentalmente, mostra-se inadequada à descrição das formas reduplicadas, uma vez que é cega à diferença prosódica verificada entre o reduplicante monomoraico BLA e os reduplicantes bimoraicos BAD e ADU. Nesse caso, o diferente número de moras dos reduplicantes pode ser explicado por algum fator morfoprosódico que acarrete moldes diferenciados para o hipotético sistema de reduplicação.

Mais tarde, em McCarthy & Prince (1990), além de o formato do molde estar relacionado a expedientes prosódicos, a noção de circunscrição é incorporada ao modelo, dando origem à denominada MP Circunscritiva. Por ser este último o modelo escolhido para descrever o processo de truncamento na presente tese, a seção seguinte dedica-se a



apresentar detalhadamente os parâmetros de circunscrição e molde envolvidos na análise com base no mesmo.

#### 4.5. A Morfologia Prosódica Circunscritiva

A MP Circunscritiva é um modelo não-linear empregado na descrição de fenômenos situados na interface da morfologia com a fonologia. Trata-se de um modelo que opera com um formato de molde, além de adotar a circunscrição prosódica, incorporada à MP em McCarthy & Prince (1990).

São três os princípios em que se fundamenta a MP Circunscritiva, a saber:

(08)

- i. **Hipótese básica:** moldes são definidos em termos de autênticas unidades da prosódia; no caso, as de nível mais baixo – mora ( $\mu$ ), sílaba ( $\delta$ ), pé ( $\Sigma$ ) e palavra prosódica ( $\omega$ ).
- ii. **Condição de satisfação ao molde:** processos morfológicos satisfazem um molde, cujo formato pode ser determinado por princípios prosódicos universais ou por princípios de boa-formação atuantes nas línguas individuais.
- iii. **Circunscrição prosódica:** o domínio sobre o qual determinadas operações morfológicas se aplicam pode ser mapeado por expedientes prosódicos, assim como, na morfologia concatenativa, “afixos se circunscrevem a domínios morfológicos como raiz, tema e palavra” (GONÇALVES, 2009a: 71).

O primeiro princípio em (08) estabelece que, na MP Circunscritiva, tal como previsto no modelo anterior (McCARTHY & PRINCE, 1986), moldes são definidos de acordo com unidades prosódicas, e não em termos de sequências CV. Valendo-se da proposta de Selkirk (1982), McCarthy & Prince (1990) adotam a hierarquia segundo a qual se organizam os constituintes prosódicos, com o intuito de atribuir à prosódia o fato de algumas operações morfológicas envolverem não apenas o encadeamento de elementos morfológicos.

Sabe-se que, na hierarquia prosódica, as unidades são definidas em relação à categoria anterior, uma vez que se agrupam para formar constituintes de nível superior. Por serem os constituintes mais baixos aqueles mais relevantes para a MP Circunscritiva, além do conceito de palavra mínima, McCarthy & Prince (1998: 285) afirmam que

“[...] da hierarquia prosódica e da binariedade do pé, em conjunto, deriva-se o conceito de palavra mínima. De acordo com a hierarquia prosódica, qualquer elemento da categoria palavra prosódica deve conter pelo menos dois pés. Pela binariedade do pé, todo pé deve ser bimoraico ou dissilábico. Por conseguinte, a palavra prosódica deve conter pelo menos duas moras ou duas sílabas.”

A palavra mínima tem um importante papel na MP Circunscritiva, visto que processos não-concatenativos de formação de palavras são, muitas vezes, caracterizados pelo encurtamento de uma base. Assim, é fundamental haver um tamanho mínimo que *outputs* devem apresentar para serem formas livres. De acordo com Cabré (1994), as línguas requerem condições de minimalidade na constituição de seu vocabulário. Tais condições podem ser verificadas em processos morfológicos de encurtamento, assim como a hipocorização, que forma as menores derivações da língua portuguesa. Segundo Gonçalves (2009b), uma vez que o pé básico do português é o troqueu moraico (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1995; GONÇALVES, 2004), condições de palavra mínima são

impostas à hipocorização, cujo molde consiste em um trocaico moraico, que impede a formação de *outputs* maiores que duas sílabas e que não contenham ao menos um pé trocaico. O truncamento, por sua vez, é um processo que não forma, necessariamente, palavras mínimas, visto que há, no *corpus* desta pesquisa, dados dissilábicos (‘belê’ < ‘beleza’; ‘chína’ < ‘chinês’), bem como trissilábicos (‘estéto’ < ‘estetoscópio’; ‘deléga’ < ‘delegado’).

Na MP Circunscritiva, é fundamental, portanto, a hierarquia entre os constituintes prosódicos, uma vez que moldes podem ser constituídos, por exemplo, de um pé – formado por duas sílabas (independentemente do peso) ou duas moras, como prevê a organização hierárquica. Para fim de exemplificação, podem-se citar os truncamentos do grupo ‘refrí’, cujo molde é composto por um pé iâmbico. Observe-se que o molde de formato prosódico permite a generalização do processo, pois qualquer sequência que forme um pé (iambo ou troqueu, de acordo com o padrão em que se inclua) pode ser considerada um truncamento em potencial, independentemente dos segmentos envolvidos. Assim, as formas da coluna direita em (09), embora não tenham sido atestadas como truncamentos, não encontrariam obstáculos prosódicos à sua formação, visto que apresentam o mesmo formato (um pé iambo) das formas truncadas da coluna esquerda, todas presentes no *corpus* desta pesquisa:

(09)

‘refrí’ (< ‘refrigerante’)

\* ‘camí’ (< ‘camisa’)

‘motô’ (< ‘motorista’)

\* ‘d[i]sô’ (< ‘desodorante’)

‘prejú’ (< ‘prejuízo’)

\* ‘grafí’ (< ‘grafite’)

Mais uma vez, deve-se observar que moldes segmentais são incapazes de expressar as generalizações ora apontadas, pois os truncamentos acima, reais e hipotéticos, apresentam sequências diferenciadas: CVCCV, CVCV, CCVCV.

Quanto ao segundo princípio em (08), as operações morfológicas devem satisfazer moldes definidos prosodicamente, cujo formato pode ser determinado por fatores prosódicos universais (tal como na formação do truncamento, que envolve a geração de um pé) ou por condições de boa-formação das línguas individuais (assim como na reduplicação no *baby-talk*<sup>51</sup>). Neste último caso, segundo Gonçalves (2009a), o molde deve atender as seguintes condições: (a) sílabas têm ataque, (b) ataques são simples e (c) codas são finais. Tais condições de boa-formação silábica do português devem ser respeitadas e funcionam como filtros para ajustar a porção que compõe o molde, como no exemplo a seguir.

O *input* ‘chapéu’ tem como reduplicação a forma ‘pepéu’, em que o reduplicante é ‘pe’ (e não ‘peu’), porque, nesse tipo de reduplicação, admite-se a presença de coda apenas na sílaba final. Com as condições sobre o ataque respeitadas, basta eliminar a coda para que o reduplicante atenda a exigência do molde: pe~~u~~. Assim, tem-se um reduplicante com ataque, sendo este simples, e sem coda, para não formar um produto com coda medial (\*‘peupeú’; ‘pepéu’).

Em suma, os princípios (i) e (ii), expostos em (08), dizem respeito ao molde e, juntos, determinam que este é definido por fatores prosódicos, além de ser uma forma a que as operações morfológicas devem se ajustar. O modo com que se dá a satisfação ao molde está diretamente relacionado à circunscrição prosódica – procedimento que limita o

---

<sup>51</sup> O *baby-talk*, segundo Viali (2008) é um “vocabulário altamente específico utilizado, sobretudo, em um discurso em que um adulto se comunica com uma criança, esta estando em fase de aquisição da linguagem” (*op. cit.*: 29). Dados como ‘pepêta’ (< ‘chupeta’), ‘memédio’ (< ‘remédio’) e ‘papáto’ (< ‘sapato’), portanto, são considerados reduplicações em *baby-talk* por serem utilizados por adultos, em discursos endereçados a crianças em fase de aquisição.

domínio da base sobre que se dará o processo morfológico. Vejamos, a partir de então, como atua a circunscrição na MP Circunscritiva.

O princípio (iii), em (08), é de fundamental importância na MP Circunscritiva, uma vez que se trata do parâmetro que a difere do modelo anterior (McCARTHY & PRINCE, 1986). Sabe-se que os processos morfológicos têm como foco determinado domínio da base. Na morfologia concatenativa, por exemplo, a derivação sufixal apresenta diferentes formas de realização, uma vez que sufixos podem de adjungir a adjetivos flexionados em gênero (**‘rapidamente’**, **‘estupidamente’**), a temas (**‘comunicação’**, **‘falsificação’**) ou a raízes (**‘timeco’**, **‘livreco’**). Nesse caso, o domínio da base selecionado para a atuação do processo morfológico apresenta motivação puramente morfológica.

A morfologia não-concatenativa, entretanto, é caracterizada pelo fato de as informações morfológicas não se sucederem linearmente – daí a inviabilidade de analisar um processo de redução tal como o truncamento de forma que se busque, na sequência apagada, um elemento de especificação estritamente morfológica, assim como um afixo. Por essa razão, o fenômeno deve ser analisado de modo que o foco seja estabelecido na porção que efetivamente constituirá o truncamento, uma vez que esta se mostra altamente regular. Para tanto, o papel da circunscrição prosódica é fundamental, porque tem a instrução de delimitar, na base, a sequência de sílabas ou morfema (conforme o padrão de formação) que comporá o molde.

A circunscrição prosódica demanda que as operações morfológicas podem ser circunscritas por critérios tanto prosódicos quanto morfológicos. Em relação ao procedimento da circunscrição, McCarthy & Prince (1990) propõem que esta pode ser positiva ou negativa, como será explicitado a seguir.

De acordo com Gonçalves (2009b: 200), “central para a circunscrição prosódica é a função de parseamento (F), que localiza um domínio prosodicamente delimitado para

aplicação de uma regra morfológica menor que a base”. Tal função pode ser representada pela fórmula O/F (C, M)+/-, na qual O indica a operação morfológica menor que a base; F indica a função de parseamento; C representa o constituinte parseado; e M indica a margem em que se dá o parseamento. Os sinais + e – são utilizados para indicar se a circunscrição é positiva ou negativa.

Para fim de exemplificação, os truncamentos do grupo ‘refrí’, conforme será discutido no próximo capítulo, constituem-se das duas primeiras sílabas integrais da palavra-matriz e são oxítonos (‘bijú’ < ‘bijuteria’; ‘visú’ < ‘visual’; ‘deprê’ < ‘depressão’). Em termos de parseamento, a fórmula que representa a formação dos referidos truncamentos é T/F (δδ, E)+, em que a operação morfológica menor que a base é o truncamento (T), cujo parseamento (F) mapeia duas sílabas (δδ) na margem esquerda (E) da palavra-matriz. O sinal +, ao final da fórmula, indica que a circunscrição é positiva – na qual o constituinte parseado (no caso, as duas primeiras sílabas) é enviado para o molde e, conseqüentemente, faz-se presente no *output*. Por fim, é necessário observar que a acentuação oxítona das referidas formas truncadas deve-se ao formato do molde (um pé iâmbico).

Na circunscrição negativa, ao contrário, o constituinte mapeado é dissociado, ou seja, não passará ao nível do molde e, por conseguinte estará ausente no *output*. Dessa forma, o conteúdo segmental não atingido pelo parseamento será efetivamente aproveitado pela operação morfológica. Como exemplo de circunscrição negativa, pode-se citar o processo de reduplicação no *baby-talk* (‘lelé’ < ‘picolé’; ‘bebêlo’ < ‘cabelo’; ‘nenéca’ < ‘boneca’)<sup>52</sup>, cujo parseamento pode ser representado pela fórmula R/F (δ<sub>[+ac]</sub>, E)-, lida tal como se segue: a função de parseamento (F) da reduplicação (R) rastreia uma sílaba (δ), até a sílaba tônica [+ac], na margem esquerda (E), apagando todo o material segmental

---

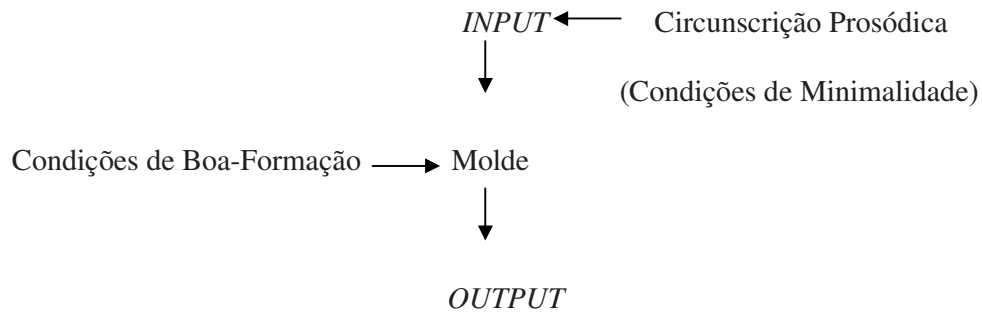
<sup>52</sup> Dados extraídos de Vialli (2008).

anterior a esse constituinte (cf. GONÇALVES, 2009a). Em linhas gerais, a referida circunscrição mapeia, na base ‘chupeta’, por exemplo, os segmentos que compõem a margem esquerda, até encontrar a sílaba tônica, e, por ser a circunscrição negativa, a porção rastreada é descartada: ‘~~ch~~upeta’. O molde é formado, então, pelas sílabas tônica e postônica [‘pe.ta], e o reduplicante caracteriza-se pela cópia da primeira sequência CV: [pe.‘pe.ta].

Após as considerações feitas sobre os três princípios em que se fundamenta a MP Circunscritiva, pode-se dizer que, em suma, o modelo opera com uma forma de molde, gerado pela circunscrição positiva ou negativa do *input*, sobre o qual atuam algumas condições de boa-formação. Em outras palavras, o molde, além de apresentar formato morfoprosódico definido (um pé, por exemplo), passa pelo crivo de filtros que regulam a boa-formação daqueles que serão os *outputs* do processo, tal como prevê o princípio (ii), em (08).

De acordo com Gonçalves (2009a: 74), “diferenças entre o conteúdo escaneado e o que efetivamente aparece nas formas de superfície podem ser entendidas como resultantes do papel desempenhado por condições de boa-formação sobre a porção da palavra-matriz que se projeta para o molde”. Assim, na MP Circunscritiva, as condições que atuam sobre o molde sacrificam a identidade *input-output*, mas não atuam sobre este último, uma vez que operam apenas sobre o material delimitado pela circunscrição. Gonçalves (2009a) propõe que o funcionamento da MP Circunscritiva pode ser representado pelo esquema a seguir, adaptado de Benua (1995):

(10)



Como se observa no esquema em (10), a MP Circunscritiva pode ser considerada um modelo transderivacional, pois a relação entre *input* e *output* não é direta, mas mediada pelo nível do molde. Tal como afirma Gonçalves (2009a: 74): “por força da circunscrição prosódica, condições de minimalidade atuam no *input*, gerando um *output* (molde), que, por sua vez, passa a ser o *input* sobre o qual podem atuar determinadas condições de boa-formação (sobretudo silábicas e fonotáticas)”. Satisfeitas as referidas condições de boa-formação, o *output* real está formado. Por fim, vale destacar que as condições de minimalidade a que se refere o autor estão relacionadas à instrução da circunscrição. Visto que o domínio de atuação das operações morfológicas menores que a base deve ser definido em termos de categorias prosódicas, a instrução prevê a delimitação de, no máximo, dois constituintes prosódicos de mesma ordem.

Vistos os princípios estabelecidos para o funcionamento da MP Circunscritiva, pode-se proceder, no capítulo a seguir, à análise dos dados pertencentes ao *corpus* constituído para esta pesquisa, tomando-se, como já mencionado anteriormente, os três grupos estruturais individualmente.



## Capítulo 5 – Análise via MP Circunscritiva

---

Este capítulo destina-se à análise de formas truncadas pertencentes ao *corpus* com base nos pressupostos da MP Circunscritiva. No entanto, deve-se lembrar que as análises dos padrões contemplados serão realizadas em seções distintas, uma vez que exigem parâmetros de circunscrição e molde diferenciados, assim como já foi mencionado diversas vezes nos capítulos anteriores. A partir de então, seguem-se as análises, para que seja detalhada a aplicação dos procedimentos da MP Circunscritiva a cada padrão individualmente, salientando-se as razões que levam às diferenças observadas entre os dados.

O primeiro grupo a ser analisado, aqui denominado ‘refrí’, comporta os dados em que o truncamento se constitui das duas primeiras sílabas da palavra-matriz, formando-se, como prevê o molde, um pé iâmbico no produto. Como *outputs*, portanto, têm-se dados dissilábicos e oxítonos, que não apresentam compromisso com a preservação de constituintes morfológicos. Dessa forma, pode-se dizer que os dados do tipo ‘refrí’ compõem um padrão cuja formação deve ser considerada estritamente prosódica, visto que se trata de *outputs* marcados pela coincidência com as duas primeiras sílabas da base, ainda que estas não sejam responsáveis pela expressão de informações morfológicas. Há, ainda, outra observação relevante acerca do referido padrão, desta feita quanto ao tipo de pé formado no molde (iâmbico), o que torna os truncamentos pertencentes ao grupo marcados, tomando-se o pé troqueu como básico no português brasileiro (cf. capítulo 4).

Em seguida, o grupo de dados nesta tese denominado ‘odônto’ será analisado. Nesse caso, diferente do que foi observado no padrão ‘refrí’, os truncamentos serão constituídos do morfema situado mais à esquerda da base complexa, independente do

número de sílabas. Logo, o comportamento do presente grupo pode ser caracterizado pela valorização da informação morfológica em detrimento de fatores fonológicos, estes últimos relevantes na formação de uma palavra prosódica na forma truncada, mas não atuantes durante o mapeamento da palavra-matriz. Contudo, é importante destacar que os produtos respeitam o limite de três sílabas, que pode ser considerado uma tendência geral do processo, à exceção de ‘otorrino’<sup>53</sup>. Além disso, após a circunscrição do morfema que constituirá o *output*, a porção mapeada passará ao nível do molde, que apresenta formato melódico definido, uma vez que a formação de um pé trocaico nas formas truncadas está prevista no molde.

O terceiro grupo, denominado ‘flágra’, será o último aqui analisado por opção metodológica, pois sua formação apresenta condições não observadas nos padrões anteriores, mas que, no presente caso, mostram-se fundamentais, pelas razões que se seguem. Conforme já mencionado nos capítulos anteriores, as formas do tipo ‘flágra’ são marcadas pela afixação da vogal (-a) após o encurtamento, diferente dos outros padrões, em que não há acréscimo de elementos dessa natureza. Por essa razão, o material circunscrito deve consistir em uma sequência passível de receber a vogal (-a), ou seja, deve terminar em consoante, uma vez que não há, no *corpus*, dados terminados em ditongos. As condições atuantes sobre o material circunscrito e enviado para o molde garantem, portanto, a adaptação deste material à futura afixação, eliminando alguns segmentos, caso não termine em consoante.

---

<sup>53</sup> Em ‘otorrino’, têm-se dois radicais de origem grega: *oûs*, *otós* (ouvido, orelha) e *rhís*, *rhínós* (nariz). Nesse caso, segundo Belchor (2009), a opacidade em relação à base pode ser a razão para o licenciamento de ‘otorrino’, uma vez que ‘oto’, isolado, tornaria a relação com a base mais difícil. Assim, embora ‘otorrino’ seja constituído de mais de um morfema, é o *output* encontrado no *corpus*, provavelmente porque os falantes tendem a optar por formas menos opacas e que tornem, por isso, menos custoso o rastreamento da base – daí a preservação também do segundo radical que compõe a palavra-matriz. Além disso, conforme já mencionado no capítulo 3, a formação de um pé trocaico em ‘oto’ promoveria a abertura da primeira vogal média, que passaria a tônica, distanciando ainda mais o truncamento da respectiva base, uma vez que o *output* seria, nesse caso, [ˈo.tu].

Há, ainda, outras condições atuantes no padrão, com vistas a assegurar que sejam respeitadas as tendências gerais do fenômeno de truncamento, quais sejam: o limite máximo de três sílabas e o menor número de sílabas em relação à base. Porém, optamos por detalhar as três condições ora mencionadas no momento da análise dos dados, para fazer com que a sua relevância seja observada no processo de formação dos *outputs*.

Além dos aspectos já mencionados, vale ressaltar que se trata de um padrão misto, no sentido de que o acesso a componentes morfológicos e prosódicos, em conjunto, responde pela formação dos *outputs*. Estes últimos têm o radical da base mapeado pela circunscrição, porém nem sempre mantido integralmente na forma truncada, diferente do que se observa no padrão ‘odônto’, anteriormente citado. Quanto ao tipo de pé, o molde apresenta o formato de um troqueu moraico – daí a alta regularidade observada entre os *outputs*, categoricamente paroxítonos.

Vistas brevemente as características gerais dos três grupos de dados, seguem-se as análises nas próximas três seções, cada qual destinada a um padrão de truncamento, visto que, de acordo com as informações aqui mencionadas, os grupos de dados exigem diferentes descrições com base nos pressupostos da MP Circunscritiva, pois o material circunscrito pode ser um morfema integral da base ou parte dele, bem como as duas sílabas iniciais da palavra-matriz. Quanto ao molde, há também diferenças entre os padrões, uma vez que este pode determinar a formação de um pé trocaico ou iâmbico.

De acordo com as informações contidas no capítulo 4, destinado à fundamentação teórica, os parâmetros de circunscrição e molde subjazem à análise via MP Circunscritiva, cada qual apresentando um papel que justifica o formato do *output*. A seguir, a análise do fenômeno de truncamento, objeto desta tese, revelará as características de circunscrição e molde relacionadas a cada padrão individualmente.

## 5.1. Padrão ‘refrí’

As formas truncadas do padrão ‘refrí’, analisadas nesta seção, apresentam formato morfoprosódico definido tal como se segue: estrutura composta por duas sílabas (as duas primeiras da base) e acentuação oxítona (assegurada pela formação de pé iâmbico). Nos termos da MP Circunscritiva, trata-se de dados cuja circunscrição mapeia as duas primeiras sílabas da palavra-matriz e envia essa informação para o molde, formatado para o posicionamento da cabeça do pé à direita – o que garante a formação de pés iâmbicos e, por conseguinte, de *outputs* oxítonos. Observe-se que, conforme citado anteriormente, trata-se de um padrão em que as informações relevantes na formação do *output* são de natureza prosódica. Além disso, pode-se destacar também que o presente grupo reúne formas truncadas marcadas, levando-se em consideração que o pé básico do português é trocaico (cf. capítulo 4).

Há, no *corpus* da pesquisa, 22 dados cuja formação se ajusta à estrutura do padrão ora analisado. Trata-se de bases que possuem o mínimo de três (‘beleza’) e o máximo de cinco sílabas<sup>54</sup> (‘falsificado’), cuja tonicidade se distribui em duas possibilidades: oito oxítonas (a exemplo de ‘visual’, ‘condição’) e quatorze paroxítonas (como ‘motorista’, ‘prejuízo’). Os produtos, no entanto, apresentam o formato morfoprosódico regular acima citado, em virtude dos parâmetros que serão discutidos a partir de então: circunscrição e molde.

De modo geral, a MP Circunscritiva, tal como exposto no capítulo 4, baseia-se no mapeamento de um domínio (uma porção) da palavra-matriz, que se ajustará a um molde

---

<sup>54</sup> A palavra-matriz ‘Belo Horizonte’, que apresentaria seis sílabas, é aqui interpretada como um *input* de cinco sílabas, conforme se observa na fala, tomando-se como base o dialeto carioca: [bɛ.lo.ri.'zõ.tʃi]. Como já mencionado no capítulo 3, quando da diferenciação entre truncamento e abreviação, há dados que evidenciam o fato de *inputs* para o truncamento serem dados de fala – daí a análise de [bɛ.lo.ri.'zõ.tʃi] como *input*.

prosodicamente definido, com vistas a gerar *outputs* regulares. A circunscrição pode ser positiva, caso a porção mapeada seja enviada para o molde, ou negativa, no caso de a parte circunscrita não ser aproveitada para o processo de formação.

Há, ainda, dois fatores a ser observados em relação à circunscrição: direção e instrução. A primeira diz respeito à direção do mapeamento – se da esquerda para a direita, constituindo-se a parte circunscrita da porção inicial da base, ou da direita para a esquerda, nos casos em que o mapeamento se dá a partir do final da palavra-matriz. A instrução, por sua vez, consiste na orientação quanto ao tipo de sequência que deve ser mapeada (as duas primeiras sílabas ou toda a margem esquerda até a sílaba tônica, por exemplo). O molde atua de modo a regular os *outputs*, uma vez que ajusta diferentes sequências mapeadas para um único formato morfoprosódico, garantindo que os produtos apresentem as mesmas especificações.

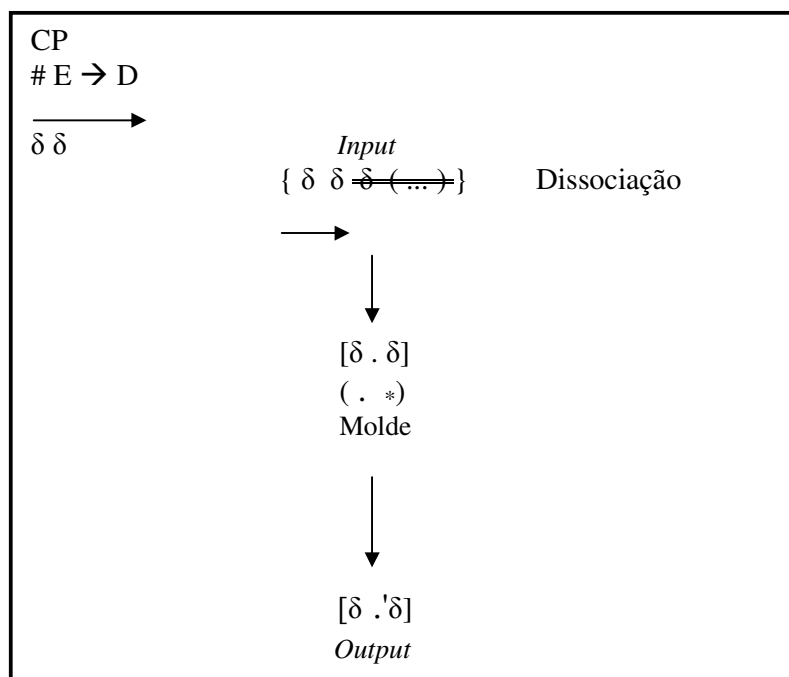
Entre os dados do padrão ‘refrí’, a circunscrição é positiva (CP), pois a informação mapeada é enviada para o molde e constitui, logo, parte do processo de formação dos truncamentos. Quanto à direção, tem-se um mapeamento da esquerda para a direita, a partir do início da palavra-matriz (nas representações, a direção é indicada pelos símbolos # E → D).

A instrução, por sua vez, consiste na definição quanto à sequência que será mapeada. No caso do padrão ‘refrí’, ora analisado, a instrução determina que sejam circunscritas as duas primeiras sílabas integrais da base. Portanto, a porção enviada para o molde é constituída pelas duas sílabas iniciais das palavras-matrizes, circunscritas a partir da margem esquerda até o núcleo da segunda sílaba. Consideramos que a circunscrição atua até esse constituinte porque a segunda sílaba de todos os dados do grupo é aberta, do tipo CCV (‘deprê’) ou CV (‘belê’). Caso houvesse o constituinte coda em um ou mais dados, deve-se advertir que uma condição de boa-formação sobre o molde seria necessária

para dissociar tal elemento e garantir que todos os truncamentos formados tivessem a segunda sílaba leve<sup>55</sup>.

Quanto ao formato do molde, pode-se dizer que é o responsável pelas características relacionadas ao padrão ‘refrí’: estrutura dissilábica e acentuação oxítona. Assim, o molde apresenta estrutura morfoprosódica para o ajuste a sequências que possuam duas sílabas e apresentem a cabeça do pé à direita. Tem-se, então, a formação de um pé iâmbico.

A seguir, uma representação genérica para a análise do padrão ‘refrí’ explicita a atuação dos fatores que subjazem à análise com os instrumentos da MP Circunscritiva: circunscrição, instrução e molde.



<sup>55</sup> Como já citado neste capítulo, pode haver condições atuantes sobre o material enviado para o molde, com o objetivo de eliminar segmentos que foram mapeados, mas, por alguma razão, não se mostram no *output*.

No canto superior esquerdo, são indicadas as especificações da circunscrição, primeiro fator a atuar na análise via MP Circunscritiva. Quanto à importância desta etapa do processo de formação dos truncamentos, pode-se dizer que se trata de um momento altamente relevante, pois nos permite verificar que há uma uniformidade em relação à sequência da palavra-matriz aproveitada na forma truncada. Assim, evitam-se as frequentes discussões acerca da natureza da parte suprimida, que levaram tantos autores a considerar o fenômeno como assistemático.

Conforme já mencionado nesta seção, a sigla CP é aqui utilizada para representar a circunscrição positiva, que se aproveita da porção mapeada e a envia para o molde. A sequência # E → D representa a direção da circunscrição: a partir do início da palavra-matriz (#), da esquerda (E) para a direita (D). Abaixo da seta que aponta a direção da circunscrição (→), tem-se a instrução, a qual pode ser parafraseada da seguinte forma: “mapeie as duas primeiras sílabas da base na íntegra”. Vale lembrar que o símbolo ( $\delta$ ) é utilizado para representar a sílaba na cadeia prosódica; logo, a instrução orienta a circunscrição de duas sílabas, indicadas por ( $\delta \delta$ ). Com base nessas informações, segue-se a leitura da forma como se dá o mapeamento: “circunscrição positiva, da esquerda para a direita, a partir do início da palavra-matriz, em que sejam mapeadas as duas primeiras sílabas integrais da base”.

Ao centro da representação, na parte superior, tem-se o *input*, entre chaves, que indicam fronteiras de morfemas, e dividido em sílabas, visto que estas últimas são altamente relevantes no processo de formação dos truncamentos do tipo ‘refrí’, pois, deve-se lembrar que o referido padrão apresenta correspondência estrita entre *outputs* e as duas sílabas iniciais da palavra-matriz.

As chaves em que o *input* está inserido assinalam as fronteiras entre morfemas. Por conseguinte, ao fechamento de cada chave, tem-se um novo morfema. Além disso, deve-se

observar que *input*, molde e *output* são transcritos foneticamente em todas as representações utilizadas nesta tese, com base no dialeto carioca – o que se justifica pelo fato de o processo de truncamento ter dados de fala como *inputs*, tal como já mencionado em momentos anteriores.

Na representação genérica, são indicadas três sílabas, mas, como as bases podem ter até cinco sílabas, os parênteses são utilizados para evidenciar que pode haver mais sílabas, de acordo com a palavra-matriz analisada. Deve-se observar também que a sequência formada pela terceira e demais sílabas, se houver, aparece sobretachada {~~δ~~ ←~~...~~ →} – estratégia aqui utilizada para sinalizar que tal porção da base não será aproveitada para a formação do molde, ou seja, trata-se de uma sequência que será dissociada. Ao molde, destarte, será enviada a informação anterior à parte sobretachada: as duas primeiras sílabas, tal como determina a instrução da circunscrição (a seta horizontal abaixo do *input* indica a parte que constituirá efetivamente o molde). A seguir, a seta vertical assinala o envio do material circunscrito para o nível do molde.

O molde, portanto, nível intermediário entre o *input* e o *output*, recebe o conteúdo circunscrito, aqui representado por [δ . δ] – uma sequência de duas sílabas. Em seguida, a formatação (indicada logo abaixo do conteúdo que compõe o molde) atua sobre o mesmo e ajusta a sequência mapeada à tonicidade típica do padrão ‘refrí’: a segunda sílaba deve ser tônica, ou, em termos de hierarquia prosódica, o pé formado deve ser iâmbico, isto é, ter cabeça à direita ( . \*)<sup>56</sup>.

Cumprida a determinação prosódica, a seta vertical abaixo do molde indica o *output* do processo – uma forma truncada dissilábica e oxítônica, [δ .'δ]. Em termos morfos prosódicos, o *output* consiste em um pé, visto que é composto por duas sílabas e,

---

<sup>56</sup> A representação, tal como explicitado no capítulo 4 (subseção 4.3.3), baseia-se no modelo de grade.



assim, possui pelo menos duas moras (uma correspondente a cada núcleo silábico). Mais especificamente, trata-se de um iambo, um pé com cabeça à direita<sup>57</sup>.

O material circunscrito enviado para o molde é, portanto, ajustado para a formação de um pé iâmbico, de modo que sejam preservadas as características do padrão de truncamento ‘refrí’ – daí a relevância da etapa de formatação ao molde, que permite a identificação das mesmas especificações morfoprosódicas nos produtos, o que representa um avanço da MP Circunscritiva em relação a outras abordagens serialistas, que não permitem uma análise adequada do fenômeno porque buscam regularidade nas porções apagadas, tal como se fossem afixos. A MP Circunscritiva, por sua vez, permite que seja detectada regularidade nos *outputs*, por meio da união entre fatores morfológicos e prosódicos, que, juntos, caracterizam não somente o padrão de truncamento ‘refrí’, mas também os demais, tal como será discutido nas próximas seções deste capítulo.

Como última observação, é necessário acrescentar que, no padrão ora descrito, a informação envolvida no processo de formação dos truncamentos é unicamente de ordem prosódica, visto que a manutenção das duas primeiras sílabas da base é prioritária em relação a informações de natureza morfológica. Entretanto, a MP Circunscritiva proporciona a descrição apropriada do truncamento por meio da união entre fatores morfológicos e prosódicos, que se tornará mais evidente na análise dos padrões ‘odônto’ e ‘flágra’, nas seções 5.2 e 5.3.

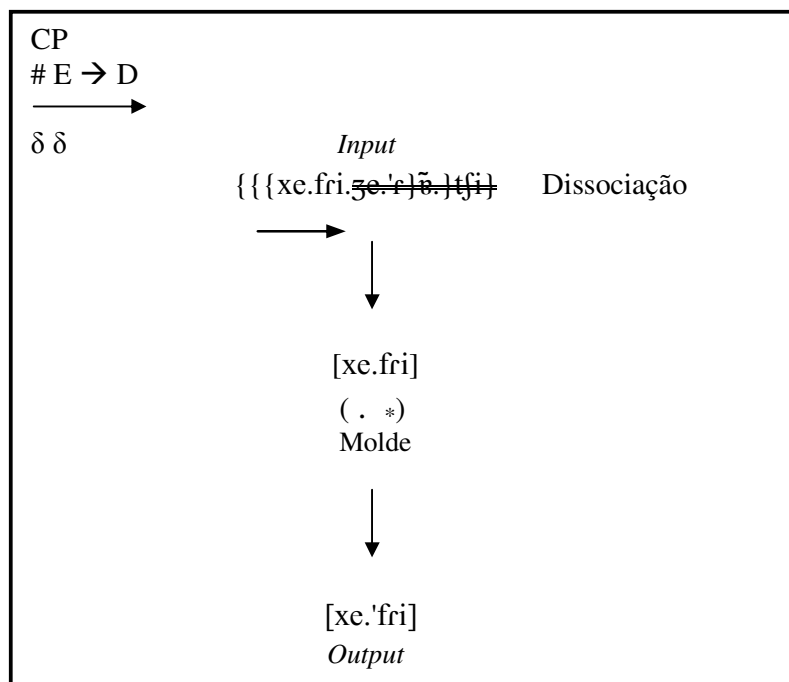
Vista a representação genérica que permite a análise dos dados incluídos no padrão ‘refrí’ de truncamento, segue-se, a partir do presente momento, a descrição de duas formas truncadas pertencentes ao *corpus*, para que sejam ratificados os parâmetros de análise já

---

<sup>57</sup> Como vimos no capítulo 4, o próprio Hayes (1995) admite a possibilidade de iampos apresentarem três moras, o que pode ser explicado pela necessidade de sílabas serem analisadas em pés, a exemplo do que ocorre com ‘falsí’, cuja primeira sílaba é travada e, por isso mesmo, pesada, apresentando o produto três moras.

discutidos nesta seção. Os dados selecionados para representar o referido padrão são: ‘refrí’ (< ‘refrigerante’), que dá nome ao grupo, e ‘razú’ (‘razoável’).

O primeiro truncamento a ser analisado, ‘refrí’, tem sua formação representada a seguir.

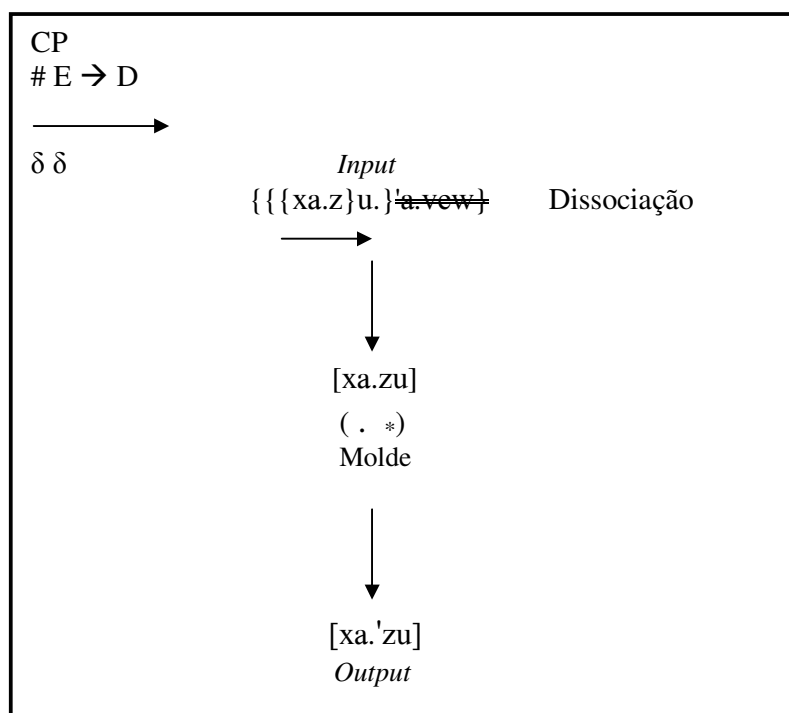


Inicialmente, deve-se retomar que a circunscrição atuante no padrão é positiva (CP); logo, a sequência mapeada será enviada para o molde. O mapeamento, por sua vez, caracteriza-se por iniciar na margem esquerda da base (‘refrigerante’) e estender-se até o núcleo da segunda sílaba – o que define a direção da circunscrição: da esquerda para a direita, a partir do início da palavra-matriz (# E → D). Por fim, a instrução determina que sejam circunscritas as duas primeiras sílabas integrais da base (δ δ) .

A porção mapeada é, portanto, ‘refrí’: sequência constituída das duas sílabas mais à esquerda da palavra-matriz – tal como asseguram os critérios de direção e instrução. Ainda

sem formatação melódica, o material circunscrito é enviado para o molde, que o ajustará ao padrão ora analisado. Assim, a sequência resultante do mapeamento, formada por duas sílabas abertas, recebe acentuação na segunda sílaba, já que o molde constitui um pé iâmbico ( . \*). Tem-se, destarte, um pé com cabeça à direita, constituído das duas primeiras sílabas da base. Assim, está concluído o processo de formação do dado [xe.'fri].

A seguir, a forma truncada ‘razú’ será analisada nos termos da MP Circunscritiva. Vale, antes de proceder-se à análise, lembrar que o referido truncamento serve de evidência quanto ao fato de o *input* do processo ser, na verdade, um *output* (forma de superfície). Em outras palavras, o *input* para a formação do truncamento é um dado de fala (uma realização fonética) – daí a ocorrência de ‘razú’ [xa.'zu], e não ‘razô’, tal como seria esperado no caso de o *input* ser motivado por um dado de escrita ou mesmo uma forma fonológica (representação subjacente). A partir de então, segue-se a análise.



Da mesma forma que na análise de ‘refrí’, a circunscrição do *input* [xa.zu.'a.vew] é positiva, uma vez que o material rastreado é enviado para o nível do molde. A direção do mapeamento é da esquerda para a direita, a partir da margem esquerda da base até o núcleo da segunda sílaba. Por fim, a instrução é também a mesma: mapear duas sílabas plenas do *input*.

Ao nível do molde, portanto, é enviada a sequência [xa.zu], que, para atender à demanda do padrão, ajusta-se ao formato do molde e recebe proeminência na segunda sílaba, formando-se, destarte, um pé iâmbico. A partir de então, pode-se dizer que está formado o *output* ‘razú’, encerrando-se a análise.

Os parâmetros de circunscrição e molde definidos nesta seção para a análise do padrão de truncamento ‘refrí’ acolhem 100% dos dados pertencentes ao *corpus* da pesquisa – 22 ao todo:

(01)

Bijú (bijuteria)

Carná (carnaval)

Refrí (refrigerante)

Proví (morro da **Providência**)

Condí (condição)

Belô (Belo Horizonte)

Visú (visual)

Razú (razoável)

Expô (exposição)

Pará (paraíba)

Belê (beleza)

Depí (depilação)

Cafú (cafuné)

Motô (motorista)

Guarú (Guarujá)

Deprê (depressão)

Falsí (falsificado)

Bicí (bicicleta)

Quití (quitinete)

Prejú (prejuízo)

Colé (colégio)

Mocré (mocreia)

Em suma, pode-se afirmar que a MP Circunscritiva proporciona uma descrição plenamente satisfatória do grupo ‘refrí’, captando, com êxito, os parâmetros responsáveis pela regularidade observada entre os dados do *corpus*, podendo, assim, ser aplicada sem restrições ao referido padrão. A seguir, serão analisados os padrões ‘odônto’ e ‘flágra’, com o objetivo de verificar a eficiência do modelo em relação à análise das formas truncadas contidas no *corpus*.

## 5.2. Padrão ‘odônto’

Os truncamentos do tipo ‘odônto’ caracterizam-se pela preservação integral do morfema situado mais à esquerda da palavra-matriz. Porém, diferente do que foi observado nos dados do grupo ‘refrí’, o formato prosódico do molde consiste em um pé trocaico (com cabeça à esquerda). Por essa razão, a circunscrição mapeia o primeiro morfema a partir da margem esquerda da base e envia essa informação para o molde, configurado melodicamente como um troqueu moraico do tipo (\* .), no caso dos dados que possuem duas ou mais sílabas (‘últra’; ‘elétro’), ou do tipo (\* ), no caso dos monossílabos (‘êx’; ‘pós’).

O *corpus* da pesquisa é constituído de 37 dados cuja formação se ajusta à estrutura anteriormente citada. Quanto às bases, pode-se dizer que a maioria é de compostos formados por dois ou mais radicais de origem grega ou latina (‘fono|audio|log|ia’, ‘eletro|cardio|grama’) ou de um radical adjungido a uma palavra (‘heterossexual’, ‘microcomputador’). Porém, há também dados que se caracterizam pela presença de um prefixo (‘pré-vestibular’, ‘ex-namorado’). O número de sílabas varia entre quatro (‘quilograma’) e dez (‘otorrinolaringologista’). A tonicidade, por sua vez, pode ser oxítone,

em 12 dados, tal como em ‘retroprojeto’, ou paroxítona, em 25 outras bases, a exemplo de ‘oftalmologista’.

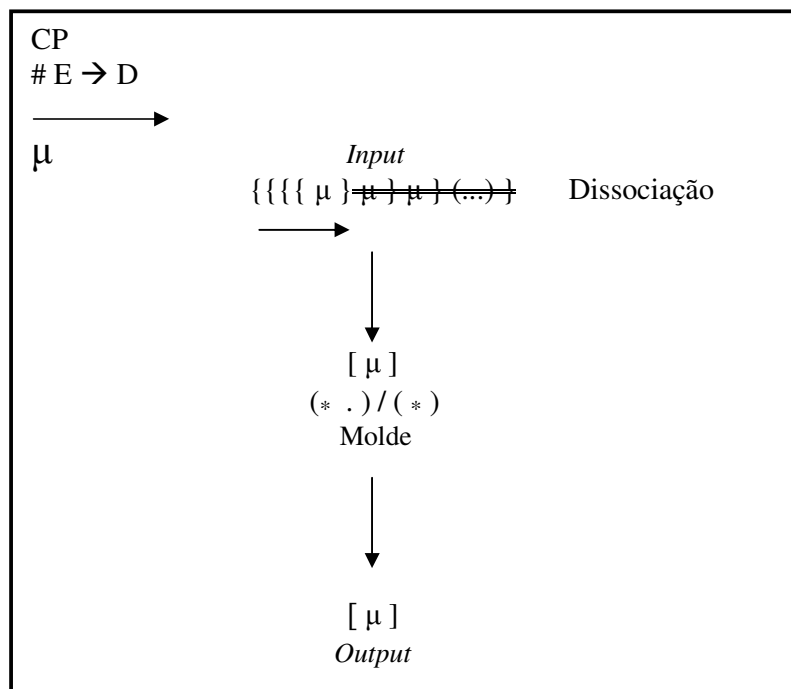
Os produtos, tal como já foi mencionado nesta seção, apresentam regularidade quanto ao fato de serem constituídos pelo morfema localizado na borda esquerda da base. Em relação à tonicidade, trata-se de formas, na maioria dos casos, paroxítonas (‘pênta’), ou monossílabas tônicas (‘trí’). Excetuando-se estas últimas, há 31 dados no *corpus*, dentre os quais 29 são paroxítonos, um oxítono e um proparoxítono. Por essa razão, ficou estabelecido que o molde apresenta o formato de um pé troqueu moraico (com cabeça à esquerda), visto que a maioria quase absoluta das formas contidas no *corpus* é paroxítona.

A forma oxítona citada é ‘retrô’ (< ‘retrospectiva’) – constituída pelo morfema {retro-}, que aparece duas vezes no *corpus*, como truncamento também da base ‘retroprojeto’. Há, porém, uma diferenciação na tonicidade: para ‘retrospectiva’, o truncamento é ‘retrô’, enquanto, para ‘retroprojeto’, tem-se ‘rétro’. Tal diferença deve-se ao fato de a vogal média da primeira sílaba ser aberta em um dado e fechada no outro, pois, em ‘rétro’ [‘xe.tru], o acento promove a abertura da vogal – o que não se verifica em ‘retrô’ [xe.’tro]. Além disso, pode-se dizer que a diferença na acentuação evita a homonímia, opondo as duas formas também pela abertura da vogal média anterior.

Quanto ao *output* proparoxítono encontrado no *corpus*, trata-se de ‘hétero’ (< ‘heterossexual’), que não se enquadra no formato do molde em relação à formação do pé troqueu. É possível que, por se tratar de um radical posicionado à esquerda de uma forma livre, ‘sexual’, os falantes realizem o encurtamento de modo que a acentuação do radical seja mantida na vogal média aberta [ε], uma vez que a fronteira entre ‘hetero’ e ‘sexual’ pode ser facilmente identificada. Assim, tem-se como produto uma forma que não se ajusta ao formato de um troqueu moraico, altamente regular no padrão ora analisado, mas que

porta a marca fundamental do grupo – a preservação da informação morfológica (o primeiro morfema integral da base), que parece se sobrepor à necessidade de formação do troqueu.

A seguir, uma representação genérica ilustra o processo de formação dos truncamentos do padrão ‘odônto’, de acordo com os pressupostos da MP Circunscritiva. Antes de passarmos à formalização, porém, deve-se advertir que o grafema grego  $\mu$ , anteriormente utilizado para representar a mora, indica, nas formalizações a seguir, o *morfema*. Tal escolha se justifica pelo fato de o referido grafema ser frequentemente utilizado, na Teoria Morfológica, para representar morfemas, os quais, nas representações a seguir, não se confundem com moras, uma vez que o formato do molde é indicado por meio do modelo de grade, que dispensa a representação destes últimos primitivos.



Uma vez que o padrão ora analisado se caracteriza pela preservação do morfema situado mais à esquerda da base, a circunscrição, primeiro parâmetro a ser observado, é positiva (CP) e processada da esquerda para a direita (# E →D). Assim, a sequência morfêmica mapeada, na margem esquerda, é enviada para o molde. Ao contrário do padrão ‘refrí’, os truncamentos do grupo ora analisado têm como prioridade a informação morfológica – daí a preservação integral de morfemas, compromisso que não se verifica entre os dados do padrão anterior. A instrução, por sua vez, estabelece o mapeamento de um único morfema, representado pelo grafema grego  $\mu$ , a partir do início da base.

O *input* apresenta-se entre chaves, utilizadas para delimitar morfemas – o que, sobretudo no padrão ora analisado, se mostra necessário, uma vez que se trata de um grupo de dados marcados pela preservação de um único morfema da palavra-matriz – aquele situado na borda esquerda. Observe-se também que *input*, molde e *output* serão transcritos foneticamente na análise dos dados, com vistas a uniformizar as representações dos diferentes padrões, pois, conforme dito anteriormente, os *inputs* para o processo de truncamento são formas fonéticas, ou seja, dados de fala. Por essa razão, a transcrição mostra-se extremamente relevante, ainda que, no padrão ‘odônto’, a circunscrição busque uma sequência morfológica.

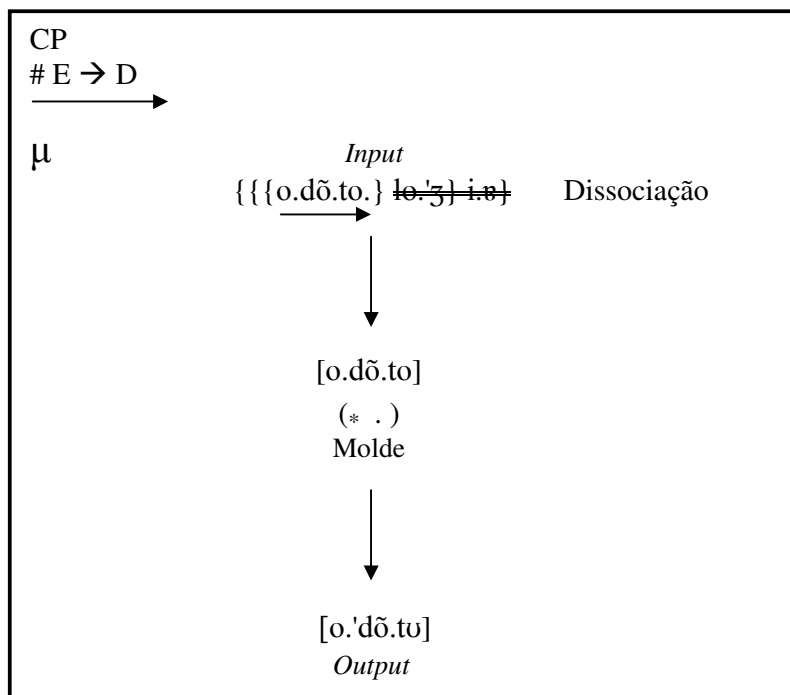
Assim como no padrão ‘refrí’, anteriormente descrito, os morfemas dissociados são sobretachados, com o objetivo de indicar a porção da base que não será aproveitada na formação do *output*. Por fim, deve-se lembrar que os parênteses assinalam a possibilidade de haver mais de três morfemas na estrutura do *input*.

O molde recebe a sequência delimitada pelos parâmetros de circunscrição supracitados e, portanto, é constituído por um único morfema ( $\mu$ ) da palavra-matriz. Visto que, no padrão ‘odônto’, a informação morfológica é priorizada, a configuração do molde prevê apenas o ajuste à formação de um troqueu moraico, independente do número de



sílabas, embora os truncamentos do grupo respeitem o limite de, no mínimo, uma e, no máximo, três sílabas (excetuando-se a forma truncada ‘otorríno’, cuja ocorrência já foi justificada neste capítulo). Em suma, no padrão de truncamento ora analisado, a porção da palavra-matriz circunscrita constitui efetivamente o molde e, após ser formatada prosodicamente, passa ao nível do *output*, tornando-se o produto do processo de formação.

Nesta seção, dois dados pertencentes ao padrão ‘odônto’ serão descritos, a saber: ‘odônto’ (< ‘odontologia’) e ‘ex’ (‘ex-namorado’). Seguem-se, então, as análises – a começar pelo primeiro.



Para a base ‘odontologia’, a circunscrição positiva e processada da esquerda para a direita mapeia a porção ‘odônto’, morfema integral situado na margem esquerda, tal como

prevê a instrução. Os demais morfemas que compõem a palavra-matriz, {-log(o)-} e {-ia}, são dissociados, pois não estarão presentes no *output*.

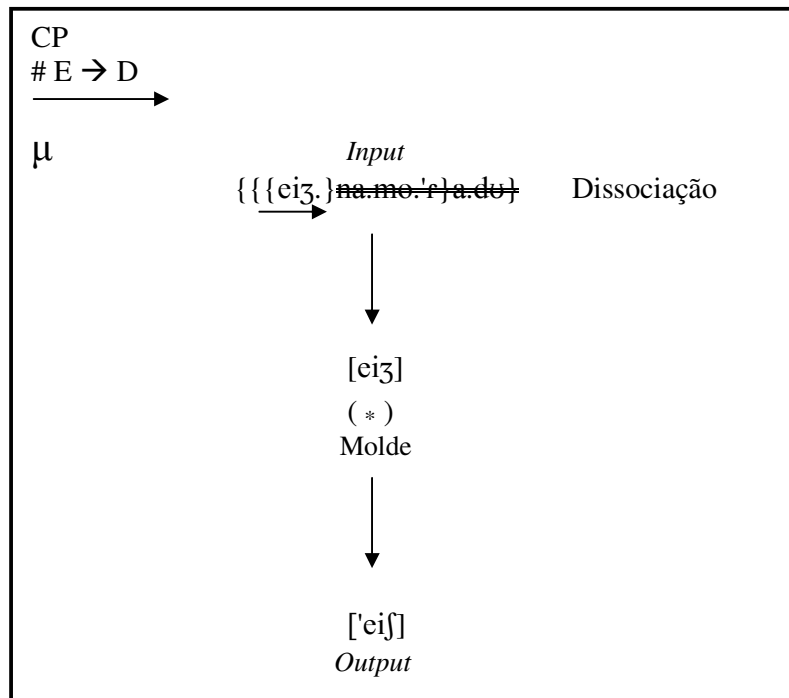
Deve-se ressaltar que, na presente tese, adota-se a proposta de forma combinatória (WARREN, 1990), segundo a qual se trata de um elemento cujo comportamento se assemelha ao de afixo, uma vez que é empregado em uma posição específica da palavra, mas, pela contribuição em termos de significado, corresponde a um radical. Por essa razão, {-logia} pode ser considerada uma forma combinatória final dos morfemas {-logo-} e {-ia}, amplamente utilizada em português para designar ciências ou áreas de estudo para as quais existam agentes, embora haja outras possíveis análises para a referida sequência<sup>58</sup>.

A porção ‘odonto’ compõe, portanto, o molde, cuja configuração melódica consiste na formação de um pé troqueu. Destarte, [o.dõ.to] recebe acentuação na penúltima sílaba, pois um troqueu moraico é formado no nível do molde, assegurando a tonicidade típica do padrão. Após a formatação prosódica, ‘odônto’ passa ao nível do *output* e, por se tratar de dado de fala, a transcrição fonética indica a neutralização e consequente alteamento do último [o], que passa a ser postônico. Dessa forma, está encerrada a análise, tendo-se ‘odônto’ como forma de saída. Como, em português, os pés são formados da direita para a esquerda, a sílaba inicial, desgarrada, é associada diretamente à palavra prosódica.

A seguir, a forma truncada ‘êx’ será descrita com base nos pressupostos da MP Circunscritiva.

---

<sup>58</sup> Cunha & Cintra (2001), por exemplo, tratam {-logia} como um único radical grego que funciona, “preferentemente, como segundo elemento da composição” (*op. cit.*: 112). Outros autores, mais voltados para a perspectiva etimológica, propõem que se trata de dois elementos distintos. Machado (1967) afirma que {-log-} é uma raiz presente em inúmeros vocábulos eruditos, enquanto {-o-} é uma vogal temática. Proposta semelhante tem Góes (1937), que defende o afixo {-logo}, ao qual se agrega {-ia}. Observe-se que, para este último autor, {-logo} é um afixo, não um radical que integra composições – o que justifica a discussão quanto ao fato de os vocábulos com {-logo} e {-grafo}, por exemplo, serem formados por derivação no português contemporâneo (para maiores detalhes, vide RONDININI & GONÇALVES, 2006 e RONDININI, 2009).



O *input* ‘ex-namorado’, assim como visto anteriormente, no caso de ‘odontologia’, tem circunscrição positiva e processada da esquerda para a direita a partir do início da base. Conjugando-se as demandas de circunscrição e instrução, a sequência mapeada é ‘ex’ – primeiro morfema encontrado a partir da margem esquerda.

[eiʒ] é, então, o conteúdo segmental que compõe o molde, nível em que se forma um troqueu moraico do tipo (\*), pelo fato de a sibilante ser moraica por não se associar à flexão de número. Destarte, está encerrada a análise, com a formação de um elemento acentuado, que atua como forma livre na língua<sup>59</sup>. Quanto ao *output*, observe-se que a fricativa alveopalatal vozeada [ʒ], presente no *input* por anteceder um segmento nasal, torna-se desvozeada [ʃ] quando em final de palavra.

<sup>59</sup> Belchor (2009) propõe que o padrão de truncamento aqui denominado ‘odônto’ tem a propriedade de conferir *status* de forma livre a radicais e prefixos, que atuariam somente como formas presas na língua. Por essa razão, pode-se dizer que tais elementos, uma vez empregados no discurso como truncamentos das respectivas bases, devem receber tratamento de palavras prosódicas.

As formas truncadas ‘odônto’ e ‘êx’ foram escolhidas para exemplificar o processo de formação do grupo. Entretanto, os demais dados que compõem o *corpus* podem ser analisados segundo os mesmos parâmetros e se encontram reunidos em (02), a seguir:

(02)

Gástro (gastroenterologista)	Pênta (pentacampeão)
Éco (ecocardiograma)	Êxtra (extraordinário)
Pólio (poliomielite)	Hétero (heterossexual)
Êx (ex-namorado)	Hômo (homossexual)
Elétro (eletrocardiograma)	Mícro (microcomputador)
Fôno (fonoaudiologia)	Néo (neoliberal)
Cárdio (cardiologista)	Hemáto (hematologista)
Odônto (odontologia)	Quílo (quilograma)
Ginéco (ginecologista)	Tétra (tetracampeão)
Oftálmo (oftalmologista)	Vídeo (videocassete)
Pós (pós-graduação)	Pró (pró-resgate)
Últra (ultrassonografia)	Rétro (retroprojeter)
Pré (pré-vestibular)	Retrô (retrospectiva)
Pedágo (pedagogia)	Nêuro (neurologista)
Bíblia (biblioteconomia)	Estéto (estetoscópio)
Páleo (paleontologia)	Otorríno (otorrinolaringologista)
Psíco (psicologia)	Více (vice-presidente)
Bí (bissexual)	Lípo (lipoaspiração)
Trí (tricampeão)	

Os critérios de circunscrição e molde utilizados na análise dos truncamentos tipo ‘odônto’ acolhem 35 formas pertencentes ao *corpus* da pesquisa. Visto que o número total de dados é 37, a descrição aplica-se a 94,6 % dos truncamentos – resultado altamente satisfatório. As duas formas truncadas a que a descrição não se aplica são, conforme já mencionado em momento oportuno, ‘otorríno’ (devido ao número de morfemas) e ‘hétero’ (devido à acentuação proparoxítona), muito embora, neste último caso, a principal marca formal do padrão seja atendida, em virtude da preservação do morfema localizado na borda esquerda da base.

Na próxima seção, o padrão ‘flágra’ será analisado de acordo com critérios bastante semelhantes aos empregados nos dois grupos até aqui descritos. O objetivo, para finalizar este capítulo, é verificar se os pressupostos da MP Circunscritiva conseguirão dar conta do *corpus* de forma tão satisfatória quanto a verificada nos demais padrões.

### **5.3. Padrão ‘flágra’**

O padrão de truncamento ‘flágra’ apresenta uma semelhança e uma diferença em relação aos padrões anteriormente analisados. Como semelhança, pode-se destacar o fato de, neste padrão, haver dados não-morfêmicos, em que não há preservação de material morfológico (aproximando-se do padrão ‘refrí’), bem como formas em que o radical da base é mantido (do mesmo modo que no padrão ‘odônto’). Estas últimas, casos morfêmicos, podem ser exemplificadas por ‘flágra’ (< ‘flagrante’), ‘madrúga’ (< ‘madrugada’) e ‘profíssa’ (< ‘profissional’). Quanto aos casos não-morfêmicos, podem-se citar como exemplos ‘céerva’ (< ‘cerveja’), ‘chúrra’ (< ‘churrasco’) e ‘vagába’ (< ‘vagabunda’).

Há, no entanto, uma diferença fundamental entre o padrão ‘flágra’ e os demais, pois, enquanto estes últimos se caracterizam pelo encurtamento que gera formas truncadas compostas pelas duas primeiras sílabas ou pelo primeiro morfema situado na margem esquerda das respectivas bases, o padrão ‘flágra’ apresenta a peculiaridade de sofrer o encurtamento, e, em seguida, a afixação da vogal (-a), aqui considerada um marcador do padrão de truncamentos ‘flágra’, da mesma forma que em Gonçalves (2004; 2011a). Nesse sentido, a formação do referido padrão pode ser considerada um processo de perda de segmentos, ao mesmo tempo em que se anexa um novo elemento à sequência encurtada terminada em consoante, tal como se pode verificar no conjunto de dados abaixo:

(03)

<b>Base</b>	<b>Encurtamento</b>	<b>Afixação</b>	<b>Output</b>
Bateria	Bater <del>ia</del>	Bater- + -a	Batéra
Português	Portugu <del>ês</del>	Portug- + -a	Portúga
Neurose	Neuro <del>se</del>	Neur- + -a	Nêura
Vestibular	Vestibul <del>ar</del>	Vestib- + -a	Vestíba

Muito se tem discutido acerca do *status* da vogal final de nomes em português, focalizando-se, sobretudo a desvinculação entre a expressão de gênero e a distribuição em classes temáticas. Segundo Camara Jr. (2001: 86), “não é costume das nossas gramáticas estabelecer a mesma distinção [entre radical e tema] para os nomes. Mas a conveniência de fazê-lo me parece inegável”. Assim, o autor propõe três classes temáticas para os nomes: aqueles terminados em -a (*poeta, planeta*); terminados em -o ou /u/ átono final (*livro, tribo*); e terminados em -e ou /i/ átono final (*dente, ponte*). Ainda segundo o autor, tal

distribuição em classes desfaz o equívoco muitas vezes causado pela confusão entre a desinência de gênero (-a), que aparece especificamente na oposição de gênero entre os nomes de tema em -o (*lobo* x *loba*), e a vogal temática -a, que não é marca de gênero (cf. *poeta, artista*).

Além das classes temáticas citadas, deve-se lembrar que Camara Jr. (*op. cit.*) também afirma haver formas aтемáticas, sem a presença de vogal temática, que se manifestam nos oxítonos; bem como nomes que, terminados em consoante posvocálica no singular, apresentam uma forma teórica em -e ou /i/ átono final, deduzido do plural (*mar* > *mares*; \**mare*).

Villalva (2000) propõe a classe dos sufixos temáticos, que podem ser definidos como “especificadores morfológicos que tornam visível a pertença de um radical a uma dada classe temática. Há dois tipos de sufixos temáticos: a vogal temática se se trata de um sufixo temático verbal, e os índices temáticos se se trata de sufixos temáticos nominais, ou seja, associados a bases adjetivais ou nominais” (*op. cit.*, 127). Como se pode observar, a autora defende a existência de “especificadores morfológicos” que servem de índice para a alocação de verbos e nomes em classes. Porém, diferente do que propunha Camara Jr. (*op. cit.*), restringe a existência de vogais temáticas em verbos, com a função de indicar a conjugação, enquanto, nos nomes, as vogais finais são chamadas de “índices temáticos” (predominantemente -a, -o, -e, Ø), que explicitam a classe temática.

A questão da vogal final em nomes é altamente relevante na descrição do padrão de truncamento denominado ‘flágra’ porque, uma vez que o encurtamento é seguido da afixação de uma vogal, faz-se necessário estabelecer o seu papel na formação dos truncamentos. Por essa razão, a exemplo de Gonçalves (2004; 2011a) e Katamba (1993), consideraremos a referida vogal como um *marcador de palavra*, estabelecendo que a mesma é um marcador formal do processo de truncamento e, por isso, tem papel distinto

das vogais temáticas. Para tanto, nos basearemos na proposta de Moreno (1997), a seguir retomada.

Moreno (1997), guiando-se pelas ideias de Harris (1985), defende que “o vocábulo é um radical seguido de um marcador de palavra, se houver” (*op. cit.*: 40). Segundo o autor, há um elemento vocálico posicionado logo após o radical do verbo, que contrasta em função com os marcadores de palavras, nos seguintes termos: enquanto as vogais temáticas podem permanecer no radical, mesmo após o processo de derivação deverbal, “os marcadores nunca aparecem no radical quando os sufixos a eles se ligam” (MORENO, 1997: 40).

Para respaldar a afirmativa acima, Moreno (*op. cit.*) se utiliza, entre outros, dos exemplos *amar > amante e vender > vendedora*, nos quais as vogais temáticas -a e -e são mantidas nos vocábulos derivados. Truncamentos não costumam servir de base para derivações sufixais, mas há, no *corpus*, evidências de que, segundo a proposta de Moreno (1997), a vogal final das formas truncadas seja, de fato, um marcador de palavra – ao menos quanto ao fato de desaparecer em derivados, tal como se observa em ‘jápa’ > ‘japinha’ e ‘cérvá’ > ‘cérvinha’.

De acordo com Moreno (1997), os marcadores de palavra não podem ser seguidos por nenhuma espécie de afixo, flexional ou derivacional, à exceção do /-S/ de plural, da mesma forma que já propunha Harris (1991). De fato, a vogal final das formas truncadas pertencentes ao grupo ‘flágra’ tende a não se realizar quando seguidas de um sufixo, conforme exemplificado anteriormente, mas admitem flexão de número por meio do acréscimo de /-S/: ‘nêura’ > ‘nêuras’; ‘deléga’ > ‘delégas’. Além disso, parece não haver dúvidas quanto ao fato de a referida vogal não servir de índice para a expressão de gênero feminino, uma vez que, nas formas de dois gêneros, a oposição é marcada pelo determinante: **o** ‘estrânja’ x **a** ‘estrânja’.



Também Pereira (1999) adota o formato RADICAL + MARCADOR DE CLASSE + NÚMERO para os nomes em português, ressaltando que os marcadores são constituintes controversos na literatura, por não serem claramente definidos. Assim, a autora enumera quatro características fundamentais do marcador, a seguir citadas: (i) ocupa a posição periférica mais à direita da palavra, podendo apenas ser seguido do morfema de plural /-S/; (ii) é sempre preenchido por vogais átonas; (iii) não tem significado, apesar da sua correlação parcial com o gênero; e (iv) desaparece no processo de derivação.

Conforme exposto anteriormente, truncamentos do tipo ‘flágra’ têm a vogal (-a) afixada na borda direita do material circunscrito; no caso, o radical – exceto nas formas em que segmentos precisam ser eliminados para atender as tendências gerais do fenômeno. Além disso, a vogal afixada é sempre átona, uma vez que, em nenhum dado, tem-se a formação de um pé iâmbico (com cabeça à direita), e desaparece no processo de formação, tal como já mostrado nesta seção. A ausência de significado também pode ser considerada uma característica do elemento em questão, pois a função avaliativa, a coloquialidade ou o estilo parecem estar vinculados ao encurtamento da base em si, ainda que não se proceda à afixação – daí a expressão desses conteúdos também nos padrões ‘refrí’ e ‘odônto’, nos quais não ocorre a sufixação.

Com base no exposto, segue-se, na presente tese, a proposta de Gonçalves (2004; 2011a), atribuindo ao elemento (-a), afixado às formas truncadas alocadas no padrão denominado ‘flágra’, à categoria de marcador de palavra, no sentido de que se trata de uma marca formal do processo, passível de sistematização, cujas propriedades a distingue das vogais temáticas.

De acordo com as características citadas até o momento, nota-se que o grupo de dados ‘flágra’ é heterogêneo – o que, evidentemente, torna a análise via MP Circunscritiva mais custosa, porém, ainda assim, viável, tal como será demonstrado mais adiante. O

referido padrão, diferente dos anteriores, pode ser considerado misto, pois, nesse caso, há equilíbrio entre a relevância de fatores prosódicos e morfológicos, pelas razões a seguir. Da mesma forma que no padrão ‘odônto’, anteriormente analisado, a informação morfológica é priorizada na circunscrição dos dados tipo ‘flágra’, em que o mapeamento da base delimita o radical; porém, neste último padrão, o material circunscrito deve atender a condições prosódicas para ser aproveitado no *output*. Como se pode observar, é no padrão ora denominado ‘flágra’, considerado *default* (GONÇALVES, 2004) por ser o mais produtivo, que a interação entre fatores morfológicos e prosódicos, proporcionada pela MP Circunscritiva, apresenta-se com maior potencialidade.

O *corpus* pesquisado conta com 49 dados pertencentes ao padrão de formação ‘flágra’, número que evidencia a maior produtividade do grupo em relação aos anteriores<sup>34</sup>. No que tange às bases, o número de sílabas varia de duas (‘chinês’) a sete (‘responsabilidade’), com a ressalva de que ‘chinês’ e ‘playboy’ são os únicos *inputs* dissilábicos, uma vez que a maioria parte do número de três sílabas. Quanto à tonicidade, as palavras-matrizes dividem-se em 34 paroxítonas e 14 oxítonas.

Observe-se que, apesar de haver oxítonas, a maior parte das bases é paroxítona, seguindo a tendência verificada no padrão ‘odônto’. Outro fato digno de nota é a contagem de paroxítonas e oxítonas, que soma 48, pois há um *input* correspondente a dois truncamentos: ‘sapatão’ > ‘sapáta’; ‘sápa’. Destarte, têm-se 49 truncamentos, mas 48 *inputs* no *corpus*.

---

<sup>34</sup> Na realidade, há 50 dados presentes no *corpus*, como se pode constatar no anexo I. Contudo, uma das formas truncadas, ‘Bárça’ (< ‘Barcelona’ – tradicional clube espanhol), embora esteja listada entre os dados, uma vez que foi coletada quando da constituição do *corpus*, não foi incluída na análise porque entendemos que se trata de um truncamento tomado de empréstimo ao espanhol. Em outras palavras, o *output* ‘Bárça’, já amplamente utilizado no espanhol para fazer referência ao clube ‘Barcelona’, não se formou no português, mas foi incorporado após o encurtamento, efetuado na língua de origem. Por essa razão, o truncamento da base em questão não segue, necessariamente, as mesmas tendências verificadas entre os demais dados do *corpus*, conforme será discutido mais adiante.

Em relação aos *outputs*, suas estruturas também confirmam a tendência observada no padrão ‘odônto’ quanto ao número de sílabas e à tonicidade. Entre os dados do *corpus*, as formas truncadas dividem-se em dissilábicas (‘jápa’) e trissilábicas (‘Maráca’). De modo geral, a formação dos produtos segue a tendência abaixo:

Bases trissilábicas (‘primeira’) > truncamentos dissilábicos (‘príma’)

Bases polissilábicas (‘estrangeiro’) > truncamentos trissilábicos (‘estranja’)

Assim, o número de sílabas dos truncamentos varia entre dois e três devido à regularidade no tamanho das formas truncadas, que respeitam o mínimo de duas e o máximo de três sílabas – este último limite verificado, inclusive, no padrão ‘odônto’, de acordo com as observações feitas na seção anterior.

A tonicidade dos *outputs*, bem como no grupo ‘odônto’, é paroxítona (‘cafajeste’ > ‘cáfa’; ‘aspirante’ > ‘aspíra’; ‘travesti’ > ‘tráva’). Contudo, no presente padrão, não há exceções, pois os 48 truncamentos reunidos no *corpus* analisado são paroxítonos. Nos termos da hierarquia prosódica, utilizada na análise pela MP Circunscritiva, os *outputs* sempre apresentam pés trocaicos em sua borda direita. Novamente, pode-se constatar que, ao contrário do que alguns autores defendem (cf. BASILIO, 2004; LAROCA, 1994; CARONE, 2004), a formação do truncamento envolve tendências gerais que exibem poucas exceções – daí a necessidade de um novo olhar sobre o fenômeno.

Como última observação, vale destacar que, embora haja casos de preservação de morfema (radical à esquerda) entre os dados do padrão ‘flágra’, não há possibilidade de os referidos truncamentos serem analisados em conjunto com a amostra do padrão ‘odônto’, pelas razões que se seguem.

Em primeiro lugar, as formas truncadas tipo ‘odônto’ são compostas por radicais e prefixos gregos ou latinos terminados em vogal, que podem, assim, ganhar autonomia de forma livre. As únicas formas não terminadas em vogal são ‘êx’ e ‘pós’, que, entretanto, apresentam, em contexto final, um segmento licenciado à posição de coda silábica no português – no dialeto carioca, [ʃ] –, não se tornando, por isso, um obstáculo à atuação de ‘êx’ e ‘pós’ como formas livres.

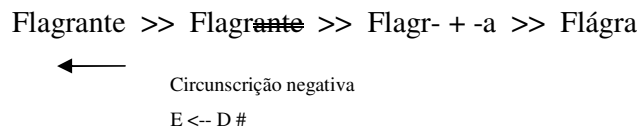
Os dados morfêmicos do padrão ‘flágra’, por sua vez, são formados por radicais terminados em consoante, dentre as quais a maior parte não pode ocupar a posição final de vocábulo, como [t], [g] e [r], por exemplo. Além disso, a afixação da vogal (-a) após o encurtamento diferencia os truncamentos tipo ‘flágra’ do padrão ‘odônto’, visto que, neste último, não ocorre afixação de elemento algum.

Quanto à afixação, deve-se destacar a probabilidade de a mesma não ocorrer no padrão ‘odônto’ pelo fato de as formas truncadas já terminarem em vogal ou em [ʃ]. Entre os dados do padrão ‘flágra’, contudo, a maioria dos segmentos finais trava a sílaba, dependendo, por isso, de uma vogal que, afixada na borda direita, licencie o emprego do truncamento como forma livre.

Vistas as características gerais do padrão ‘flágra’, foco desta seção, passemos à definição dos parâmetros de circunscrição e molde, que subjazem à análise pela MP Circunscritiva e devem, por essa razão, ser estabelecidos antes que se procedam às descrições dos dados selecionados para tanto.

Antes, porém, vale destacar que Gonçalves (2004) analisou o tipo de truncamento ‘flágra’, com uma circunscrição diferente da adotada na presente tese. Para o autor, a circunscrição que atua no padrão é negativa (CN) e parte da direita para a esquerda (E ← D #). Assim, a sequência mapeada (no final da base) é dissociada, ao contrário do que ocorre

na circunscrição positiva, e a parte não circunscrita compõe o molde, conforme se pode observar na representação simplificada a seguir:



A instrução, segundo Gonçalves (2004), consiste no mapeamento de um pé trocaico a partir da borda direita da base, uma vez que a maior parte do *corpus* apresentava, na posição final, uma sequência que se assemelhava a um sufixo ou era, na realidade, um sufixo prototípico (composto por duas sílabas e iniciado por vogal, bem como -ista ou -eiro, por exemplo). Dessa forma, o sufixo (ou sequência semelhante) dissociava-se, e restava o material a que se afixava a vogal (-a).

Nesta tese, contudo, os parâmetros de circunscrição adotados são diferentes daqueles traçados por Gonçalves (2004), pois nem todos os dados do *corpus* apresentam segmentos finais com característica de sufixo e, além disso, houve a opção de utilizar um tipo de circunscrição que pudesse ser aplicada aos três padrões de truncamento analisados – o que inviabiliza a CN, bem como o mapeamento de um troqueu moraico em todos os casos, visto que, no padrão ‘refrí’, os *outputs* são formados por pés iâmbicos. Deve-se lembrar, ainda, que, no padrão ‘odônto’, por exemplo, a sequência dissociada pode conter um ou mais elementos integrais (radicais e/ou afixos), tornando-se um obstáculo à previsão da CN quanto ao formato da parte apagada, tal como se pode observar nos seguintes casos: (eco)(~~cardio~~)(~~grama~~) > ‘éco’; (fono)(~~audio~~)(~~log~~)(~~ista~~) > ‘fôno’.

O tipo de circunscrição e a instrução seguidos por Gonçalves (2004), portanto, não seriam capazes de descrever satisfatoriamente todo o *corpus* utilizado na presente tese, assim como não permitiria que as generalizações aqui apontadas quanto à formação do

truncamento fossem constatadas. Vejamos, então, quais as especificações da circunscrição ora adotada para o padrão ‘flágra’.

A direção da circunscrição permanece inalterada em relação aos padrões anteriormente analisados – da esquerda para a direita, a partir do início da base –, uma vez que todos os dados do *corpus* se caracterizam pela preservação da borda esquerda do *input*, independente do padrão de formação. O fato de o mapeamento ser processado na direção supracitada, aliado à característica de preservar a margem esquerda, comum a todo o *corpus*, indica que a circunscrição é, também no padrão ‘flágra’, positiva. Assim, a sequência mapeada é enviada para o molde, enquanto a parte não atingida pela circunscrição é dissociada.

No que tange à instrução, os truncamentos que compõem o grupo ‘flágra’ assemelham-se àqueles incluídos no padrão ‘odônto’, pois a circunscrição mapeia um único morfema ( $\mu$ ) do *input* – no caso, o radical<sup>35</sup>. Entretanto, como também há dados não-morfêmicos, nos quais o radical não é integralmente aproveitado no *output*, devem ser observadas algumas condições que atuam sobre o material resultante da circunscrição e justificam a diferença aqui apontada.

A primeira condição diz respeito ao fato de o presente padrão ser marcado pela afixação que sucede o encurtamento. A referida condição, portanto, exige que o molde seja terminado em uma consoante, que possa servir de onset para a vogal (-a), posteriormente afixada. Lembremos que nem todos os radicais de vocábulos em português terminam em consoante – daí a relevância da presente condição, que prevê o apagamento de segmentos finais não consonânticos. Como exemplo, pode-se apontar a palavra-matriz ‘confiança’, cujo radical termina na vogal (-i), mas que tem como truncamento correspondente a forma

---

<sup>35</sup> Exceto nos casos de *inputs* compostos, em que a circunscrição busca um segundo morfema, com vistas a não formar um truncamento como ‘São’ para ‘São Paulo’ e ‘São Gonçalo’, por exemplo. Assim, tem-se uma condição sobre a circunscrição, segundo a qual deve-se mapear um único morfema, desde que não seja monossilábico.

‘cônfa’, mostrando que alguma condição sobre o molde é responsável pela supressão da vogal final do radical. Por fim, acrescenta-se que essa condição será referenciada nas representações da análise sob a formalização  $C]_{MWd}$ , a qual, em termos estritos, determina que toda palavra morfológica (MWd) deve ser finalizada em consoante: C].

A segunda condição garante o respeito ao limite de três sílabas no *output* e, por isso, não está relacionada a uma característica exclusiva do padrão ora analisado. Dessa forma, tem-se uma condição que, assim como a anterior, não é infringida por nenhum dado do *corpus*, mas que não apresenta equivalência em termos de relevância com  $C]_{MWd}$ , visto que esta última, ao determinar o término do molde em consoante, assegura a adjunção do marcador com êxito, sendo responsável, portanto, por assegurar a marca distintiva do padrão ‘flágra’ em relação aos anteriores – a saber: a afixação do marcador (-a). Quanto à formalização, a referida condição é representada pelos símbolos  $*T > \delta\delta\delta$  – “é proibido truncamento (T) maior que três sílabas ( $\delta\delta\delta$ )”<sup>36</sup>.

Finalmente, a terceira e última condição atuante sobre o material circunscrito e enviado para o molde também apresenta relação com o tamanho do *output*; contudo, no presente caso, o foco da condição é a relação existente entre o tamanho do truncamento e o da respectiva base. Mais especificamente, por se tratar de um processo de encurtamento, os truncamentos não podem ser maiores nem iguais às palavras-matrizes no que concerne ao número de sílabas, ou seja, a parte da base enviada para o molde deve ser uma sequência que, acrescida do marcador (-a), não se torne igual nem maior que a base. Como última observação, deve-se notar que o posicionamento desta condição abaixo das anteriormente citadas é devido ao fato de esta se apresentar, na análise do *corpus*, como uma condição desejável, mas desrespeitada por algumas formas truncadas, tal como será exposto adiante, na seção 5.4. Assim, pode-se dizer que se trata de uma condição de caráter mais vulnerável

---

<sup>36</sup> O asterisco, na formalização aqui adotada, assinala uma proibição.

que  $C]_{Mw_d}$  e  $*T > \delta\delta\delta$ , uma vez que pode deixar de ser atendida por alguns *outputs*. Quanto à representação que será utilizada para as análises, a referida condição será indicada por  $*T \geq B$  – “é proibido truncamento (T) maior ou igual à base (B)”.

Vistas as condições que, além da circunscrição, são responsáveis pelo formato do molde no padrão ‘flágra’, dois dados do *corpus* serão utilizados para esclarecer de que forma tais condições podem ser detectadas no processo de formação dos truncamentos.

Para a palavra-matriz ‘vagabunda’, por exemplo, o mapeamento do primeiro morfema ( $\mu$ ) enviaria para o molde o radical {vagabund-}, que constitui um único morfema, tal como prevê a instrução. Contudo, se o referido morfema compusesse o molde, a que se afixaria a vogal (-a), o truncamento seria: {vagabund} + (-a) >> ‘vagabunda’ – forma que, além de idêntica à base, apresenta uma sílaba a mais que o permitido no processo de modo geral. Por essa razão, é preciso que uma condição atue sobre o referido material e elimine alguns segmentos que não interessam ao processo. Nesse caso, a condição atuante será  $*T > \delta\delta\delta$ , tal como se segue: a última consoante do radical é eliminada, bem como toda a rima da terceira sílaba (núcleo e coda), para que a vogal (-a) seja afixada nesta última posição. Dessa forma, a sequência que receberá o marcador é vagab-, que, após a afixação, resulta no *output* ‘vagába’. Portanto, a justificativa para  $*T > \delta\delta\delta$  é a ocorrência de bases cujo radical, acrescido da vogal (-a), gere um truncamento que exceda o limite máximo de três sílabas no *output*.

A formação de ‘vagába’, portanto, segue as etapas descritas acima, ajustando-se perfeitamente às características do padrão ‘flágra’, pois se trata de uma base que possui quatro sílabas e gera um truncamento trissilábico paroxítono. Além disso, apresenta, no molde, uma sequência terminada em consoante (vagab-), em condições ideais para receber o marcador (-a), tal como nos demais dados do padrão.



Outro dado selecionado para justificar as condições sobre o material resultante da circunscrição é ‘cerveja’, em que o mapeamento do primeiro  $\mu$  encontrado da esquerda para a direita, tal como prevê a instrução, delimita o radical da base: {cervej-}. Observe-se que, por ser o padrão ‘flágra’ marcado pela afixação da vogal (-a) na posição final da sequência circunscrita, a referida vogal, uma vez afixada ao radical {cervej-} tornaria o truncamento exatamente igual à base, não somente em número de sílabas: {cervej-} + (-a) >> ‘cerveja’. Dessa forma, é preciso haver uma condição sobre o material presente no molde, com vistas a eliminar segmentos que precisam ser descartados, de modo a ajustar a sequência circunscrita para a posterior afixação. Assim, atendidas as determinações de  $C]_{Mw_d}$  e  $*T \geq B$ , uma vez que {cervej-} termina em consoante e, ao mesmo tempo, não formaria truncamento com mais de três sílabas após a afixação do marcador,  $*T \geq B$  é responsável pelo descarte do segmento que ocupava a última posição [ʒ], bem como do núcleo da segunda sílaba [e], para que a vogal (-a) seja afixada nesta última posição e forme, com o onset [v], uma nova sílaba final. Portanto, o *output* passa a ser ‘cérvá’, que não preserva o radical, mas é diferente da base, inclusive porque a formação do pé trocaico promove a abertura do [e] presente na base, que passa a [ɛ] ao receber o acento. Está, dessa forma, ratificada a eficácia da condição  $*T \geq B$ .

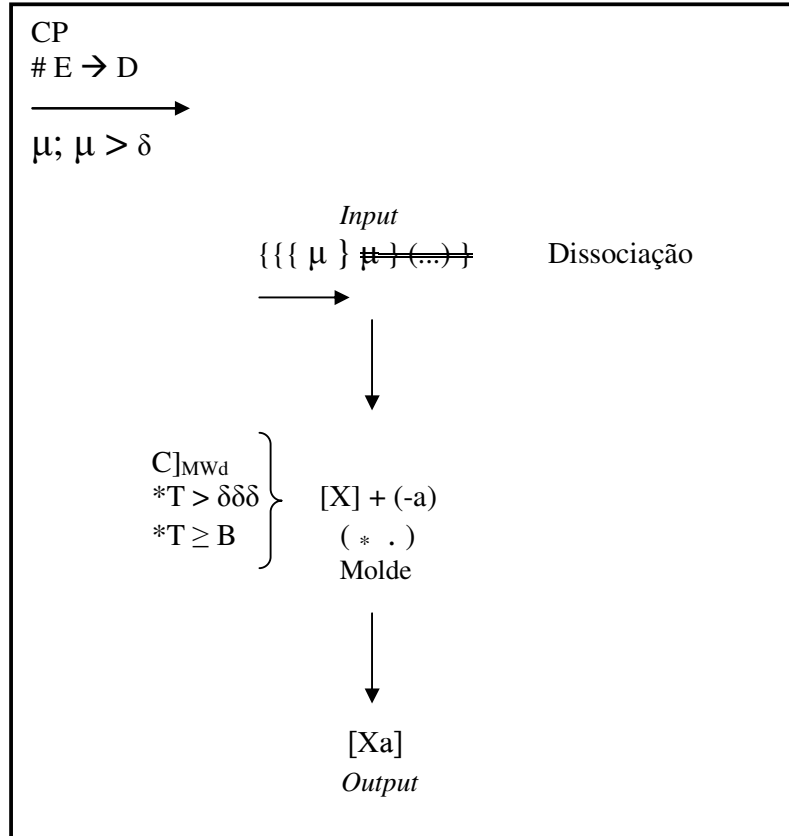
No momento em que forem feitas as descrições dos dados, mais adiante, ficarão mais claras as ideias aqui lançadas quanto à atuação de condições sobre o material resultante da circunscrição, visto que as representações auxiliam a visualização do processo etapa a etapa. Passemos, então, à descrição do molde.

Recapitulando: concluído o mapeamento do *input*, de acordo com os parâmetros estabelecidos para o padrão ‘flágra’, uma sequência composta pelo radical da base é enviada para o nível do molde, em que passa pelo crivo das condições anteriormente

definidas, que podem, ou não, determinar alterações no material circunscrito. Além disso, é também nessa etapa do processo que ocorre a afixação do marcador (-a), prevista no formato do molde, visto que se trata de uma marca formal do padrão. Por fim, é também no molde que atua a formatação a um tipo de pé – no caso, formam-se pés trocaicos na borda direita do molde, garantindo a acentuação paroxítona do *output*.

Como a sequência decorrente da circunscrição, após ser avaliada pelas três condições atuantes no padrão, termina em consoante e apresenta as características necessárias para, após a afixação, não exceder o limite de três sílabas, nem se tornar igual à base em tamanho, o *output* está formado com a vogal (-a) afixada e com a formação de um troqueu moraico na margem direita. Assim, está encerrada a análise.

Vistos os detalhes que marcam a formação dos truncamentos incluídos no padrão ‘flágra’, uma representação genérica será utilizada para tornar mais claro o modo com que os parâmetros definidos atuam sobre os dados. Segue-se, então, a representação.



A representação genérica é bastante semelhante às anteriores, utilizadas nas análises dos padrões ‘refrí’ e ‘odônto’. No canto superior esquerdo, localizam-se as indicações de circunscrição positiva (CP) e processada da esquerda para a direita, a partir do início da base (# E → D).

Abaixo da seta horizontal, a instrução quanto ao mapeamento de um morfema é indicada por μ – grafema grego que, como vimos, representa um morfema. Logo após a instrução quanto à busca de apenas um constituinte morfológico (no caso, o radical da base), aparece a condição segundo a qual o μ circunscrito não pode ser monossilábico, ou seja, deve possuir mais de uma sílaba (μ > δ). Tal condição sobre a circunscrição, conforme já mencionado nesta seção, evidencia-se nos casos em que nomes compostos

como ‘São Gonçalo’, por exemplo, têm truncamentos formados não apenas por ‘São’, mas também pelo radical do segundo termo: São + {Gonçal-} + (-a) > São Gônça. Adiante, ainda nesta seção, a formação de ‘São Gônça’ será formalizada, com vistas a justificar, com base nas condições sobre o material circunscrito, a perda de segmentos do radical {Gonçal-}.

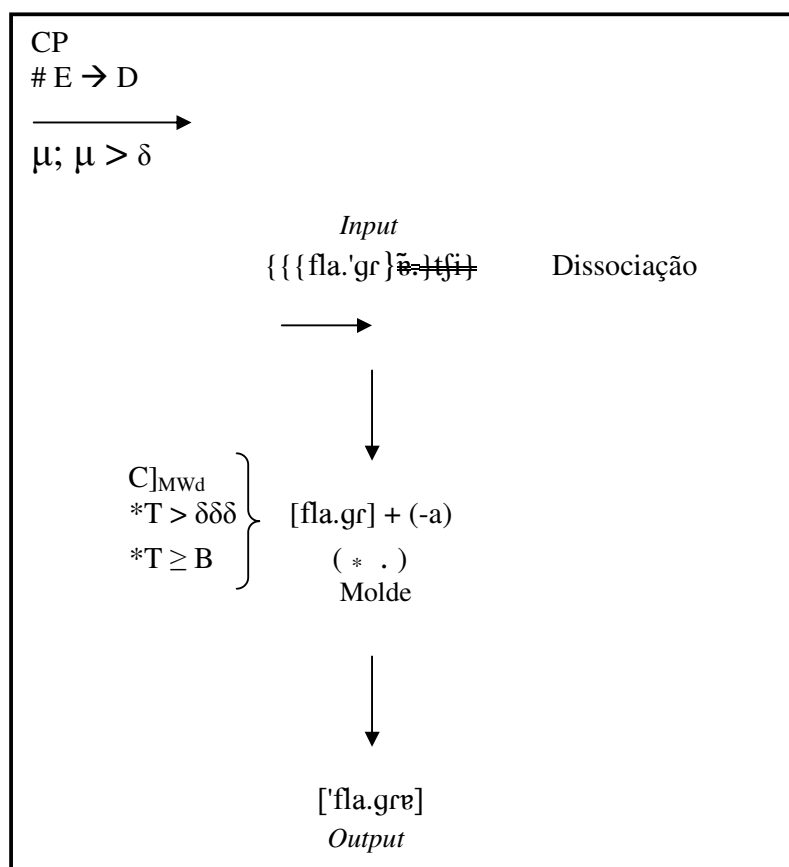
Ao centro da representação, está o *input* – dividido morfema a morfema e inserido entre chaves, que assinalam as fronteiras morfológicas. A seta horizontal abaixo do *input* indica o material circunscrito: um  $\mu$ .

No nível do molde, a sequência mapeada é representada por [X], uma vez que pode não coincidir com o radical da base, nos casos não-morfêmicos. Sobre o material indicado por [X], atuam as condições  $C]_{Mwd}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ , nessa ordem – o que garante que [X] será uma sequência terminada em consoante, cujo formato, após a afixação do marcador (-a) não dará origem a um truncamento com mais de três sílabas, nem igual à base. Assim, após atender às determinações das três condições citadas, o material resultante da circunscrição está pronto para receber o marcador: [X] + (-a). Por fim, deve-se informar que as chaves, na representação da análise, indica a atuação das condições citadas sobre o material [X], advindo da etapa de circunscrição – daí a utilização das chaves à esquerda no nível do molde, uma vez que se trata de condições aplicadas apenas a [X], e não ao marcador, também indicado no mesmo nível de formação.

A formatação quanto a um tipo de pé também atua no molde, tal como se segue: são possíveis sequências dissilábicas (com acento na primeira sílaba) ou trissilábicas (com acento na penúltima sílaba). Em termos de hierarquia prosódica, o material circunscrito, que recebe a vogal (-a), deve formar um pé trocaico ( \* . ), formado a partir da margem direita do molde, seguindo a tendência verificada no português (cf. capítulo 4).

Dessa forma, está encerrada a análise, com a formação de um *output* paroxítono, que contenha um pé com cabeça à esquerda e apresente duas ou três sílabas após a afixação do marcador.

A partir do presente momento, cinco dados serão analisados, com vistas a ilustrar a formação dos truncamentos pertencentes ao padrão ora descrito: ‘flágra’ (< ‘flagrante’), ‘madrúga’ (< ‘madrugada’), ‘gúrja’ (< ‘gorjeta’), ‘cônfa’ (< ‘confiança’) e ‘São Gônça’ (< ‘São Gonçalo’). Começemos pelo primeiro deles, representado a seguir.



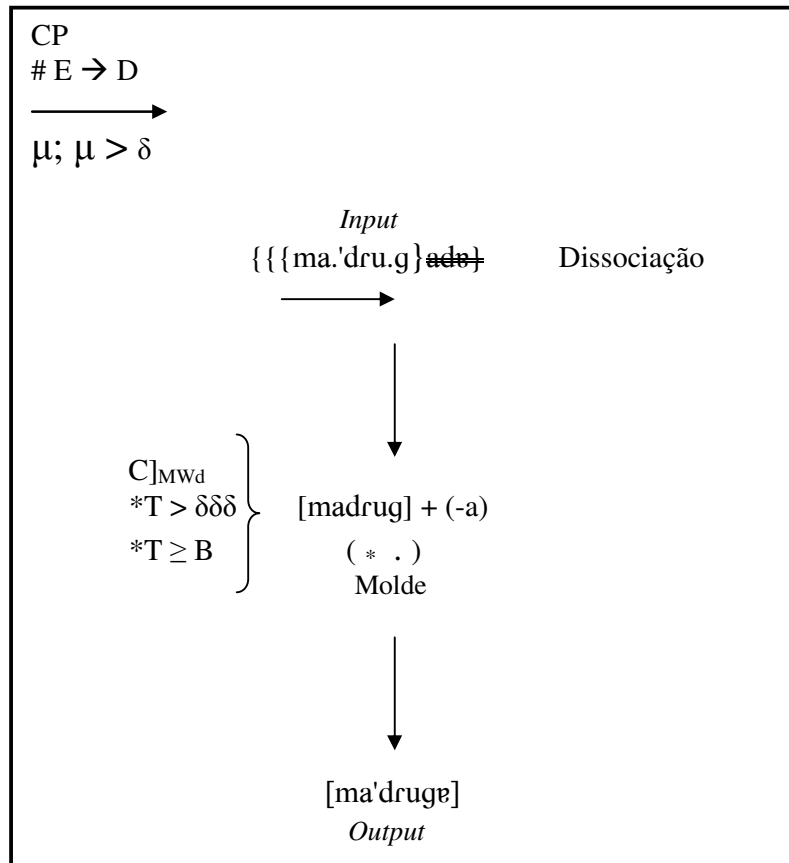
Para o *input* ‘flagrante’ – transcrito foneticamente, mantendo-se a mesma estratégia utilizada nos padrões anteriores –, o mapeamento segue as especificações já descritas nesta

seção: circunscrição positiva, processada a partir da borda esquerda e com instrução de rastrear um morfema ( $\mu$ ), desde que este não seja monossilábico ( $\mu > \delta$ ). A referida orientação promove, por conseguinte, o mapeamento do morfema {flagr-} – radical da palavra-matriz, que apresenta uma sílaba inicial completa, seguida de um onset complexo a ser preenchido pelo marcador. A porção do *input* que não será aproveitada na formação do truncamento aparece, tal como nas representações dos padrões anteriores, sobretachada.

O morfema {flagr-}, enviado para o molde, é, nesse nível, avaliado pelas condições  $C]_{Mwd}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ . Nesse caso, a primeira condição é atendida, uma vez que se trata de radical terminado em consoante. A segunda,  $*T > \delta\delta\delta$ , também é respeitada pelo material circunscrito, que não dará origem a truncamento com mais de três sílabas, após a afixação do marcador. Por fim, a terceira condição,  $*T \geq B$ , reafirma que o material resultante da circunscrição está pronto para receber o marcador, já que não se tornará maior que a base. Dessa forma, o radical {flagr-}, circunscrito a partir do *input*, recebe a afixação do marcador de palavra (-a) e, além disso, tem seu formato prosódico ajustado para a formação de um troqueu moraico. Em outras palavras, após a afixação, a primeira sílaba recebe o acento, dando origem ao *output* ['fla.grɐ].

A partir deste momento, está encerrada a análise, com a formação do *output* ‘flágra’ – truncamento paroxítono e dissilábico, constituído do radical da palavra-matriz, ao qual se afixa a vogal (-a). Nesse caso, tem-se um dado morfêmico, visto que o radical da base é preservado na forma truncada.

O próximo *input* a ser aqui analisado é ‘madrúga’, cujo truncamento, assim como ‘flágra’, pode ser considerado morfêmico, uma vez que também se caracteriza pela preservação de material morfológico, vejamos a representação.

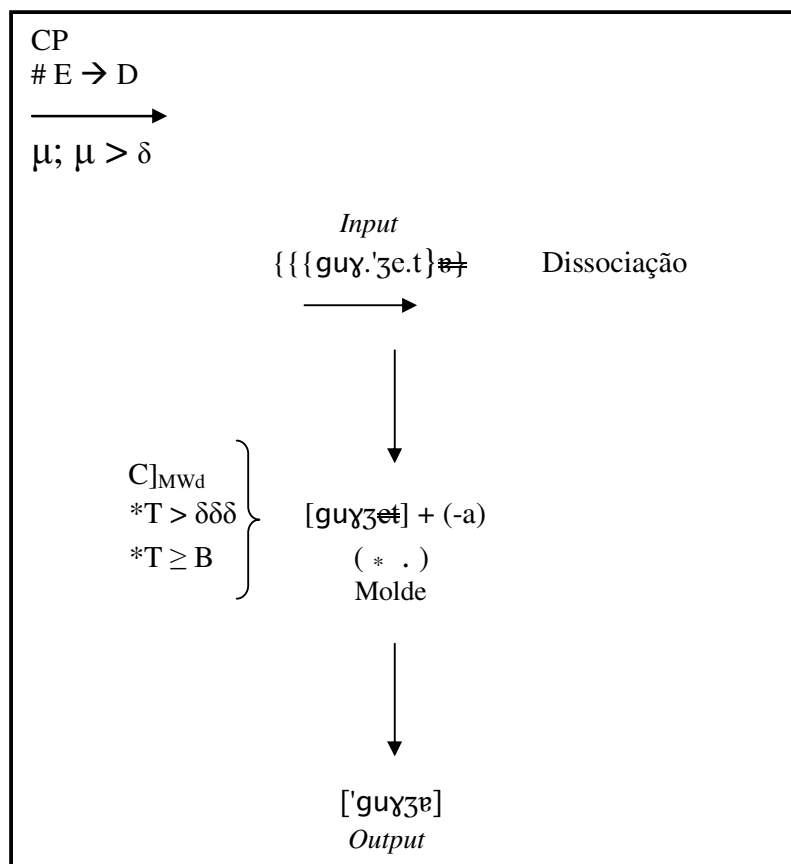


Por ser a formação de ‘madrúga’ muito semelhante à de ‘flágra’, já descrita anteriormente, o detalhamento da representação será resumido, tal como se segue. A circunscrição positiva, da esquerda para a direita, mapeia o radical ( $\mu$ ) do *input*, descartando a parte remanescente (-ada), sobretachada na formalização. Observe-se que {madrug-} é um morfema que apresenta duas sílabas iniciais plenas, seguidas de um onset passível de ser afixado pelo marcador (-a), em conformidade com a condição  $\mu > \delta$ , segundo a qual o morfema circunscrito não pode ser monossilábico.

O nível do molde recebe, portanto, o morfema {madrug-}, que respeita as três condições impostas sobre o material resultante da circunscrição, uma vez que é terminado em consoante, bem como não será responsável pela formação de um truncamento com

mais de três sílabas e maior que o *input*. Destarte, o morfema integral {madrug-} receberá, na periferia direita, o marcador (-a) e, com a formação de um pé troqueu moraico a partir também da direita, está formado o *output* ‘madrúga’ com a sílaba inicial desgarrada vinculada diretamente à palavra prosódica resultante.

A partir deste momento, os dados ‘gúrja’, ‘cônfa’ e ‘São Gônça’ terão seus processos de formação descritos, com o intuito de mostrar a interação das condições envolvidas no padrão ora analisado, uma vez que as formas truncadas até então descritas, por serem casos morfêmicos, não têm suas estruturas formatadas por exigência das condições em questão. Vejamos como se dá a formação de ‘gúrja’, a seguir representada.





A circunscrição positiva, da esquerda para a direita, mapeia o radical do *input*: {guɣ.'ʒe.t} – transcrito foneticamente com alteamento do [o] para [u] em virtude de o *input* do processo ser um dado de fala, como já mencionado na tese. Quanto aos segmentos dissociados, a parte não abrangida pela circunscrição é duplamente tachada, da mesma forma que o fora em todas as análises anteriores a esta: {{guɣ.'ʒe.t}→}. No entanto, se tomarmos, de antemão, o fato de a forma truncada correspondente à base em questão ser ‘gúrja’, torna-se evidente que dois segmentos do material circunscrito não são aproveitados no *output*. Vejamos por quê.

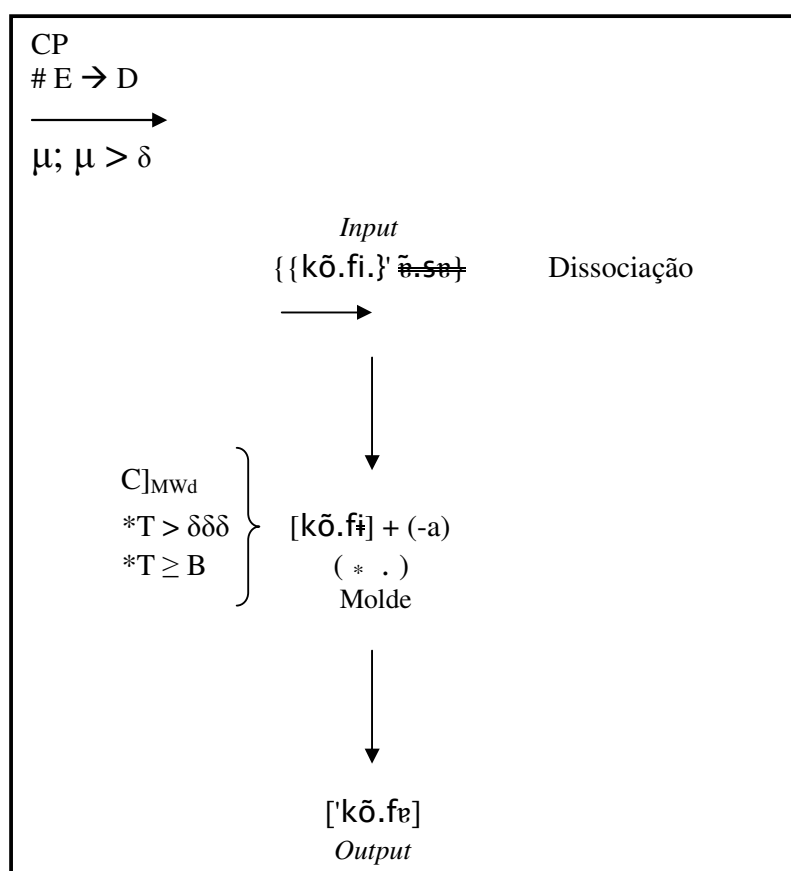
O molde recebe o material delimitado pela circunscrição, {guɣ.'ʒe.t}, sobre o qual atuarão as três condições já definidas nesta seção. A primeira delas,  $C]_{Mwd}$ , é repetida por {guɣ.'ʒe.t}, uma vez que o último segmento é consonantal. Quanto à segunda condição,  $*T > \delta\delta\delta$ , o veredicto não é diferente, devido ao fato de o material circunscrito não formar, mesmo após a afixação do marcador, um truncamento com mais de três sílabas. Portanto, cabe à terceira condição  $*T \geq B$ , o papel de ajustar o material decorrente da circunscrição. No caso, para que não seja formado um *output* igual ao *input*, a última consoante do radical, [t], é eliminada, bem como a vogal [e], núcleo da segunda sílaba, para que a vogal (-a) seja afixada nesta última posição. Os dois segmentos apagados são sobretachados na representação.

Por fim, é também no nível do molde que atua a formatação a um tipo de pé; logo, a primeira sílaba do material circunscrito, já acrescido da vogal (-a), recebe acento, originando um troqueu moraico (pé com cabeça à esquerda): [guɣ.'ʒɐ].

Destarte, está formado o *output* ‘gúrja’ – forma truncada paroxítona e dissilábica, que atende às especificações do padrão. Deve-se lembrar que todos os truncamentos do

grupo são paroxítonos, e, quanto ao tamanho, bases trissilábicas tendem a gerar formas truncadas dissilábicas – o que se verifica em ‘g[u]rjeta’ → ‘g[u]rja’.

Encerrada a análise da formação do *output* ‘gúrja’, outra base cuja forma truncada pode ser considerada não-morfêmica será utilizada para ilustrar o processo de formação pela MP Circunscritiva. A palavra-matriz selecionada para tanto é ‘confiança’, que serve de *input* para o truncamento ‘cônfa’, formado de acordo com a representação a seguir.



A circunscrição do *input*  $[k\tilde{o}fi' \tilde{v}s\tilde{v}]$  segue as mesmas especificações vistas nos demais dados pertencentes ao padrão ora analisado: da esquerda para a direita, circunscrever positivamente um morfema do *input*, desde que este não seja monossilábico.

Assim, a sequência mapeada é o radical da base, {confi-}, que é dissilábico. Mais uma vez, a porção que não interessa à circunscrição é sobretachada.

Seguindo o processo de formação, o material resultante da circunscrição é enviado para o molde, nível em que atuam as três condições que visam a ajustar o referido material. Nesse caso, diferente do que se observou na descrição de ‘gúrja’, a primeira condição não é respeitada, visto que a circunscrição mapeia um morfema terminado em vogal. Por essa razão, C]<sub>MWd</sub>, a condição mais relevante sobre o molde, é responsável pela supressão da vogal alta em posição final [i], sobretachada na representação, configurando o material circunscrito para o término em consoante e para a afixação do marcador (-a). Tem-se, destarte, o *output* ‘cônfa’, uma vez que as demais condições estão atendidas, pelo fato de, após o apagamento da vogal [i], o material presente no molde não formar truncamento com mais de três sílabas nem maior que a base.

Observe-se que o *output* ‘cônfa’ contraria a tendência geral verificada no padrão, segundo a qual bases polissilábicas dão origem a truncamentos trissilábicos. Contudo, para ser formado um *output* de três sílabas, seria necessário afixar o marcador à vogal alta final [i] – o que levaria à homonímia com a forma verbal de terceira pessoa ‘confia’, além de resultar em uma forma truncada com a segunda sílaba do tipo CVV, enquanto, nos demais 48 dados analisados, a sílaba final apresenta estrutura (C)CV, em que o onset pode ser complexo ou não, e a posição de núcleo é preenchida pelo marcador.

Dessa forma, parece-nos que o único *output* possível, nesse caso, é ‘cônfa’, que está em conformidade com uma importante marca formal do padrão, representada pela condição C]<sub>MWd</sub>: o término do material circunscrito em consoante, para a afixação do marcador, formando uma sílaba CV.

Os truncamentos ‘pínda<sub>1</sub>’ (< ‘pindaíba’) e ‘cóca’ (< ‘cocaína’) encontram-se em uma situação semelhante à de ‘cônfa’, acima descrita. Porém, desta feita, a existência de

truncamentos dissilábicos correspondentes a *inputs* polissilábicos, contrariando a tendência geral do padrão, é devida à estrutura da terceira sílaba em ambos os dados<sup>37</sup>. Na base ‘pindaíba’, a circunscrição delimita o radical {pindaíb-} e o envia para o molde, dissociando a vogal do tema. Porém, se o marcador de palavra (-a) fosse afixado ao radical circunscrito, ainda que este respeite a condição  $C]_{MWD}$  por terminar em consoante, as condições  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$  seriam violadas, pois a forma truncada resultante seria polissilábica e, além disso, idêntica ao *output*. Estas últimas condições, portanto são responsáveis pelo apagamento da consoante final [b], bem como da vogal [i], que não poderia servir de onset para receber o marcador (\*‘pin.da.ia’), e da vogal [a], núcleo da segunda sílaba. Dessa forma, a sequência ajustada para a afixação consiste em {pind-}, que dá origem a um truncamento dissilábico e constituído de um único pé: o troqueu moraico, ‘pinda<sub>1</sub>’.

Em ‘cóca’ (< ‘cocaína’), a situação é semelhante à acima descrita. A circunscrição mapeia o suposto radical {cocaín-} e dissocia a também suposta vogal do tema, enviando para o molde o material circunscrito, o qual deve se ajustar às três condições que lhe são impostas. Quanto a  $C]_{MWD}$  não há problema, visto que se trata de uma sequência terminada em consoante. Entretanto, caso o marcador fosse afixado a {cocaín-}, o *output* seria polissilábico e idêntico à base, infringindo as condições  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ . Por isso, no nível do molde, o segmento consonantal final [n] é apagado, e, devido à impossibilidade de a vogal [i] presente na terceira sílaba servir de onset para a afixação do marcador (\*‘co.ca.ia’), esta também é deletada, juntamente com o núcleo da segunda sílaba. Assim,

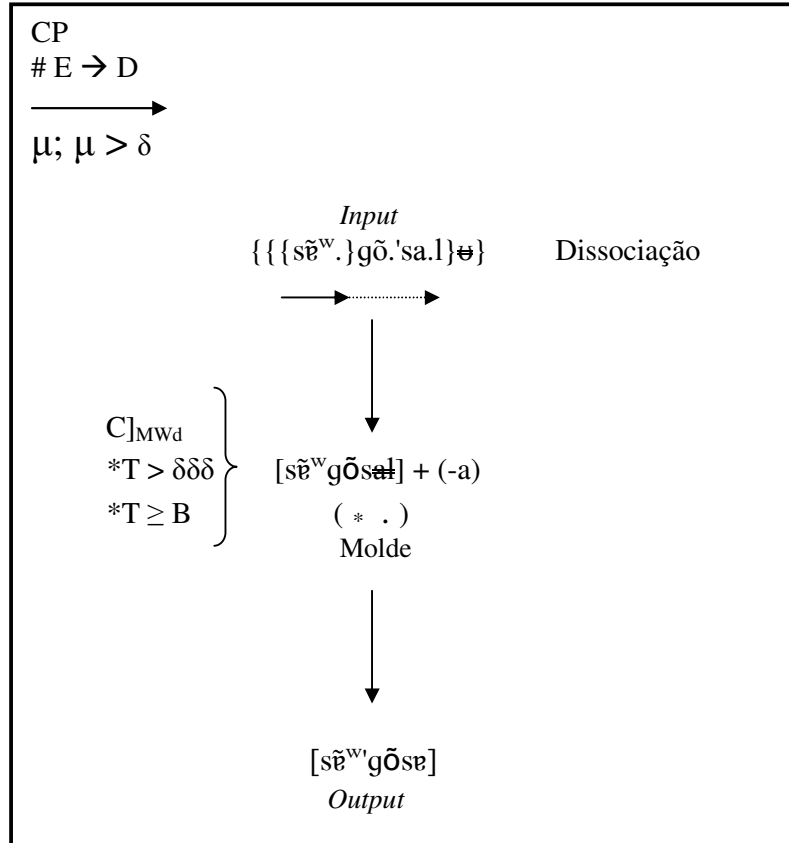
---

<sup>37</sup> A rigor, existe uma diferença entre as estruturas dos *inputs* ‘pindaíba’ e ‘cocaína’, pois o primeiro é uma palavra primitiva de origem tupi (cf. FERREIRA, 2001), enquanto o segundo é formado pela palavra ‘coca’, acrescida do sufixo -ina, que, ainda segundo Ferreira (2001), é amplamente utilizado na formação de nomes de substâncias químicas, tais como ‘anilina’, ‘anfetamina’ e ‘sacarina’, por exemplo. Porém, adotamos, nesta tese, a proposta de que o falante não percebe a existência do sufixo em ‘cocaína’ (cf. ‘cocainizar’, ‘cocainismo’, ‘cocainomania’) e efetua o encurtamento utilizando-se da mesma estratégia verificada em ‘pindaíba’, conferindo a ambas as bases o tratamento de palavras primitivas.

após os devidos apagamentos, a sequência {coc-} pode receber o marcador (-a), resultando no *output* ‘cóca’ – um pé com cabeça à esquerda. Novamente aqui, a vogal tônica se manifesta como aberta, confirmando a tendência que o português apresenta de abrir vogais médias quando estas passam a receber acento.

A conclusão a que se chega após a análise dos dados ‘cônfa’, ‘pínda<sub>1</sub>’ e ‘cóca’ aponta para o fato de que a correspondência entre base polissilábica e truncamento trissilábico é uma *tendência* verificada no padrão ‘flágra’, que, embora seguida pela maior parte dos dados, não pode ser considerada uma *obrigatoriedade*. Ao contrário, a referida tendência parece ser sobreposta pela necessidade de atender às condições  $C]_{Mwd}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ .

Concluídas a descrição de ‘cônfa’ e as reflexões acerca da formação de ‘pínda’ e ‘cóca’, o *output* ‘São Gônça’ (< ‘São Gonçalo’) será analisado, com vistas a mostrar que os itens não-morfêmicos e compostos presentes no *corpus* recebem, com os instrumentos da MP Circunscritiva, o mesmo tratamento dispensado aos dados morfêmicos. Passemos, pois, à representação, que exemplifica a formação de truncamentos a partir de nomes compostos.



O *input* composto ‘São Gonçalo’, circunscrito positivamente, da esquerda para a direita, tem, em princípio, a palavra monomorfêmica [sẽ<sup>w</sup>] mapeada. Porém, o referido morfema não possui mais de uma sílaba, assim como prevê a condição  $\mu > \delta$ . Por essa razão, o mapeamento avança (como indica a seta pontilhada), em busca de um outro morfema, com vistas a formar a sequência que será enviada para o molde. Assim, o material resultante da circunscrição é [sẽ<sup>w</sup>gõsal], que, no nível do molde, passará pelo crivo das condições  $C]_{Mwd}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ , tornando-se a sua estrutura adequada para receber o marcador. No *input*, deve-se lembrar, o material não abrangido pela circunscrição é a vogal postônica final [u], que aparece sobretachada na representação.

A sequência enviada para o molde é, portanto, [sẽ<sup>w</sup>.gõ.sa.l], que será avaliada pelas três condições impostas ao material circunscrito. Sendo assim, verifica-se que C]<sub>MWD</sub> é respeitada, visto que se trata de uma sequência terminada em consoante<sup>38</sup>. No entanto, a condição \*T > δδδ não é atendida pelo referido material, uma vez que, após a afixação, o *output* formado seria polissilábico. \*T > δδδ é responsável, então, pelo apagamento da consoante final [l], bem como do núcleo da terceira sílaba (ambos sobretachados na representação), para que o marcador seja afixado nesta última posição: [sẽ<sup>w</sup>.gõ.s] + (-a) > [sẽ<sup>w</sup>gõsɐ]. Quanto à terceira condição, \*T ≥ B, pode-se dizer que o apagamento realizado para satisfazer \*T > δδδ também a favorece, pois, nesse caso, o *output* resultante não apresentará mais de três sílabas e, além disso, será menor que a base.

Ainda no nível do molde, ocorre a formatação ao tipo de pé troqueu moraico, dando origem à forma truncada ‘São Gônça’ – paroxítona e trissilábica, em conformidade com a limitação de três sílabas existente no processo de truncamento, independente do padrão em que se aloca o dado.

Dessa forma, pode-se dizer que o referido truncamento, assim como os demais oriundos de nomes compostos (exceto ‘playboy’ – caso que será abordado na próxima seção, destinada aos problemas da análise), recebe, pela abordagem da MP Circunscritiva, tratamento semelhante ao destinado às palavras-matrizes simples encontradas no *corpus*. A diferença verificada entre as análises de bases simples e compostas é o fato de, no caso das primeiras, a circunscrição delimitar apenas o primeiro morfema do *input* – no caso, o radical; enquanto, nas últimas, o mapeamento precisa avançar para anexar um outro morfema, com o objetivo de enviar para o molde uma sequência minimamente dissilábica. Vejamos mais três dados, a seguir:

---

<sup>38</sup> Nesse caso, não considera-se a vocalização de [l] em contexto final de palavra porque se trata de material atrelado ao nível do molde, que não ocorre na fala antes da afixação do marcador.

(04) ‘São Paulo’ [sẽ<sup>w</sup>. 'pau. lɐ]circuncsc. > [sẽ<sup>w</sup>.pau:l]molde > [sẽ<sup>w</sup>. p] + (-a) > ['sẽpe]

→ →

‘Grã-fino’ [grẽ.'fi.nɐ]circuncsc. > [grẽ.fin]molde > [grẽ.f] + (-a) > ['grẽfe]

→ →

‘Free-lancer’ [fri.'lẽ.sɐ]circuncsc. > [fri.lẽs]molde > [fri.l] + (-a) > ['frile]

→ →

Em suma, os dados incluídos no padrão ‘flágra’ – morfêmicos ou não-morfêmicos; sejam os *inputs* simples ou compostos – podem ser descritos com os mesmos parâmetros e condições, garantindo a uniformidade da análise. Contudo, há algumas formas truncadas cuja estrutura não está de acordo com as especificações do padrão, sobretudo no que tange ao tamanho em relação às bases.

Conforme já mencionado nesta seção, o *corpus* analisado conta, ao todo, com 49 truncamentos do padrão ‘flágra’. A análise ora proposta contempla a maior parte do referido *corpus*, excetuando-se sete dados, cuja formação não segue os parâmetros estabelecidos. Dessa forma, em termos percentuais, a análise pode ser aplicada com sucesso a 85,72% dos dados – rendimento inferior ao alcançado nos padrões ‘refrí’ e ‘odônto’, que pode ser explicado pela heterogeneidade verificada entre os dados do *corpus*. Entretanto, o percentual de dados com formação acolhida pela MP Circunscritiva é muito expressivo, de modo que se pode considerar a análise baseada no modelo um grande avanço em direção à sistematização do processo de truncamento.

Na próxima seção, os entraves encontrados na análise serão enumerados, com o objetivo de fazer a contagem dos dados que não se ajustam aos parâmetros morfoprosódicos fixados na presente tese para a descrição do padrão ‘flágra’. Em seguida, serão retomados os dados não contemplados nos outros padrões, nos casos em que houver,



para que se tenha um panorama geral da aplicação da MP Circunscritiva ao processo de truncamento no português brasileiro.

#### 5.4. Problemas

Há sete truncamentos cuja formação não pode ser analisada com os parâmetros fixados para o molde do padrão ‘flágra’. No caso, trata-se de formas truncadas que apresentam o mesmo número de sílabas da base, contrariando a condição  $*T \geq B$ , segundo a qual o truncamento deve ser menor que a palavra-matriz, visto que se trata de um processo de formação de palavras caracterizado pelo encurtamento. A seguir, listam-se os dados:

(05) ‘Portúga’ (< ‘português’)

‘Capíta’ (< ‘capitão’)

‘Sacrísta’ (< ‘sacristão’)

‘Sapáta’ (< ‘sapatão’)

‘Condíça’ (< ‘condição’)

‘Chína’ (< ‘chinês’)

‘Playba’ (< ‘playboy’)

Os truncamentos relacionados em (05) têm o mesmo tamanho da palavra-matriz, pois os segmentos dissociados, na borda direita, são (a) o sufixo -ês, em ‘português’ e ‘chinês’; (b) o sufixo -ão em ‘capitão’, ‘sacristão’ e ‘sapatão’; e (c) os ditongos -ão e [ɔʝ] de ‘condição’ e ‘playboy’, esta última uma base composta de origem inglesa, cujos segmentos finais também se assemelham a um afixo. No caso, após a dissociação das

partículas enumeradas e da afixação da vogal (-a), o truncamento mantém o número de sílabas da base.

A característica comum às sete formas truncadas supracitadas é a terminação numa sequência fônica que lembra um sufixo iniciado por vogais, como -ão e -ês. Assim, pode-se levantar a hipótese de que os sufixos (inclusive os dois pretensos sufixos) se dissociam, restando o radical circunscrito – ao qual se afixa a vogal (-a). Dessa forma, os radicais dos cinco dados em questão e os pseudoradicais playb- e condiç-), acrescidos da vogal afixada, dão origem a truncamentos que possuem o mesmo número de sílabas da base.

Vale ressaltar, contudo, que os referidos truncamentos não passam ilesos ao processo de formação com base na MP Circunscritiva. Comparando-se as bases e formas truncadas listadas em (05), é possível constatar que as primeiras são oxítonas e terminam em sílabas pesadas, enquanto as últimas são paroxítonas e terminadas em sílabas leves, tal como na exemplificação a seguir, baseada no dialeto carioca:

(06)

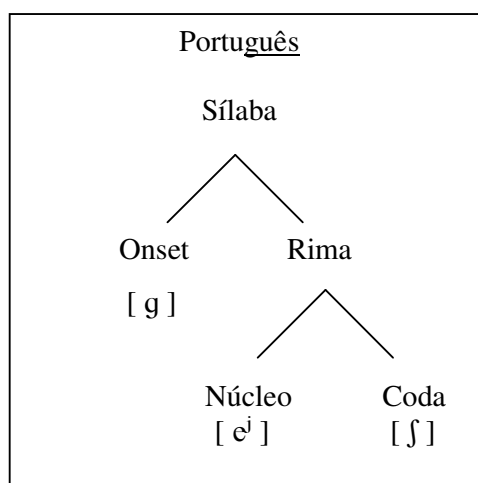


Figura 1: estrutura silábica da base.

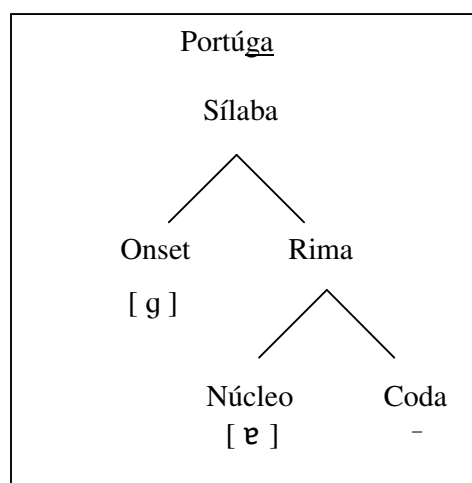


Figura 2: estrutura silábica do truncamento.

Logo, pode-se dizer que, embora as sete formas truncadas em (05) igualem-se às bases em número de sílabas e, portanto, sejam consideradas problemas na análise por não respeitarem a condição  $*T \geq B$ , a formação dos referidos truncamentos está vinculada à simplificação da estrutura silábica (sílabas finais pesadas  $\rightarrow$  leves), em conformidade com a tendência de as sílabas postônicas (‘condiça’) serem menores do que as tônicas finais (‘condição’). Ainda em relação à boa-formação silábica, a observação do *corpus* sinaliza que todos os truncamentos incluídos no padrão ‘flágra’ (não somente as sete formas aqui discutidas) têm a última sílaba leve, constituída pelo onset final do material circunscrito, acrescido da afixação do marcador (-a).

Os sete truncamentos citados são, portanto, paroxítonos, menos marcados que as bases, por estarem em conformidade com a configuração do pé básico em português, e, ademais, respeitam o limite máximo de três sílabas. O único entrave encontrado na análise é o fato de haver coincidência entre o número de sílabas da base e do *output* – o que representa uma infração à condição imposta sobre o material circunscrito  $*T \geq B$ , a menos que essa condição passe a contabilizar segmentos e não sílabas. Ao que parece, em tais formas truncadas, a preservação de material morfológico (no caso, o radical ou suposto radical) é fundamental, ainda que se mantenha o número de sílabas do *input*. Por isso, na seção anterior,  $*T \geq B$  foi caracterizada como a condição mais vulnerável dentre as três que atuam no nível do molde, pois é a única que pode ser infringida, sem que o *output* seja considerado mal-formado (no caso dos dados listados em (05)).

Observe-se que, sem a preservação de material morfológico, a relação entre os truncamentos e as referidas palavras-matrizes torna-se menos evidente, sobretudo porque alguns *outputs* coincidiriam com palavras preexistentes: ‘português’ > ‘pórta’; ‘capitão’ >

‘cápa’; ‘sacristão’ > ‘sácrá’; ‘chinês’ > ‘chá’<sup>39</sup>. Sob essa perspectiva, o truncamento correspondente a ‘chinês’ seria, inclusive, monossílabo, contrariando os limites do fenômeno, uma vez que, no padrão ‘flágra’, o tamanho dos *outputs* varia entre duas e três sílabas. Para este último dado, portanto, existe também a hipótese de o radical ser preservado para que a estrutura dissilábica seja mantida.

Em suma, no caso dos sete truncamentos discutidos, parece que o respeito a  $*T \geq B$  é sacrificado, para que o conteúdo morfológico real ou suposto seja preservado. Contudo, por ser a MP Circunscritiva um modelo transderivacional, que prevê a formação de palavras com base em diferentes níveis de análise, o fato de os *outputs* apresentarem o mesmo número de sílabas da base faz com que os mesmos não sejam passíveis de descrição, independente da razão que os leva a não serem menores em termos de número de sílabas. Em outras palavras, a infração a uma condição atuante no molde sobre o material circunscrito é suficiente para que os dados em questão (a) sejam tratados como resíduos da aplicação da MP Circunscritiva ao fenômeno de truncamento no português brasileiro ou (b) sejam interpretados com a condição  $*T \geq B$  contabilizando segmentos (não mais sílabas), o que nos parece uma solução bastante razoável, tendo em vista a simplificação ilustrada em (06).

Vale comentar que as formas ‘portúga’, ‘capíta’, ‘sacrísta’, ‘sapáta’ e ‘chína’ poderiam ser descritas com circunscrição negativa, tal como na proposta de Gonçalves (2004), uma vez que os referidos dados apresentam, na parte dissociada, um sufixo. Porém, conforme já mencionado, a opção metodológica adotada na presente tese foi utilizar parâmetros de circunscrição e molde comuns aos três padrões. Assim, os truncamentos em questão constituem resíduos à análise, caso a condição  $*T \geq B$  não seja revista. Se, por

---

<sup>39</sup> Na realidade, o truncamento ‘sápa’ (< ‘sapatão’) é também encontrado no *corpus*, apesar de ser menos transparente e coincidir com uma palavra já existente na língua. Mais adiante, a coexistência entre ‘sapáta’ e ‘sápa’ será discutida.

outro lado, entendermos que, apesar de terem o mesmo número de sílabas que as bases, tais truncamentos não deixam de ser menores que as respectivas palavras-matrizes, o percentual de formas cobertas pela análise aqui proposta subiria para 100%.

A segunda questão que deve ser colocada, embora não-quantificável, é a existência de dois truncamentos para a base ‘sapatão’, pois, na coleta de dados, foram encontradas as formas ‘sapáta’ e ‘sápa’. A primeira delas, já apontada nesta seção, não estaria coberta pela análise se adotarmos como parâmetro para condição  $*T \geq B$  o número de sílabas, embora conserve o radical da base. A segunda, por sua vez, não preserva o radical da base, mas é menor que esta última e possui menos de três sílabas. Logo, ‘sápa’, embora coincida com uma palavra já existente na língua, é, de acordo com os instrumentos da MP Circunscritiva, um *output* real.

Resta-nos, então, a seguinte questão: se ‘sápa’ é um *output* real, que atende a todas as condições estabelecidas para o padrão, por que a coexistência com ‘sapáta’? Novamente, há evidências de que existe uma tensão entre a preservação de material morfológico (no caso de ‘sapáta’) e o melhor atendimento à condição  $*T \geq B$  (no caso de ‘sápa’).

Ao que tudo indica, tomando-se como base o uso, ‘sapáta’ é a forma mais utilizada, na comparação com ‘sápa’<sup>40</sup>. Por essa razão, pode-se ratificar a hipótese de que, conforme se verificou entre os truncamentos listados em (05), o tamanho da forma truncada em relação à base, regulado pela condição  $*T \geq B$ , seja sacrificado em favor da preservação do radical – o que parece justificar a preferência dos falantes pela forma truncada mais

---

<sup>40</sup> Afirmação baseada no número de ocorrências encontradas com auxílio da ferramenta de busca eletrônica Bing (<http://br.bing.com>): aproximadamente 20.300 para ‘sápa’ e 40.200 para ‘sapáta’. A busca foi realizada por meio de referências cruzadas com o vocábulo *gay*, para evitar o excesso de resultados exibidos, devido à coincidência com outras palavras existentes na língua. Vale lembrar que ‘sapa’ é um termo utilizado também para designar a fêmea do sapo; e que ‘sapata’ também se refere à “parte inferior do alicerce, [...] colocada sobre o pilar que suporta o peso da construção” (*Wikipedia*). No dicionário informal, por sua vez, ambas as formas são reconhecidas como termos relacionados à sexualidade, reafirmando o vínculo do truncamento com a informalidade: “Sapa designa uma SAPATA, ou seja, homossexual feminina, lésbica”; “sapata: mulher homossexual. Lésbica”.

transparente por preservar a informação morfológica. Assim, embora ‘sapáta’ tenha o mesmo número de sílabas da base, torna-se mais usado que ‘sápa’, confirmando a tendência à manutenção do radical integral no caso das bases terminadas em -ão.

Vista a questão da coexistência entre os truncamentos supracitados, passemos a outra questão não-quantificável que despertou interesse na análise do padrão ‘flágra’ via MP Circunscritiva. Trata-se dos casos em que as bases possuem mais de três sílabas, porém dão origem a truncamentos dissilábicos – contrariando a tendência de que bases polissilábicas servem de *inputs* para truncamentos trissilábicos. A seguir, em (07), listam-se três dados em que se verificou o desvio da tendência em questão<sup>41</sup>:

(07) ‘Cáfa’ (< ‘cafajeste’)

‘Cópa’ (< ‘Copacabana’)

‘Pínda’<sub>2</sub> (< ‘Pindamonhangaba’)

Como se pode observar, o tamanho das bases em (07) varia entre quatro e seis sílabas, mas as formas truncadas são todas dissilábicas – diferente do que seria esperado, de acordo com a tendência verificada na maior parte do *corpus*. Entretanto, os referidos truncamentos são, com base nas condições estabelecidas para a análise do padrão ‘flágra’, *outputs* reais, pelas razões que se seguem.

As três formas truncadas em questão (‘cáfa’, ‘Cópa’ e ‘Pínda’<sub>2</sub>) atendem às condições impostas sobre material resultante da circunscrição, uma vez que (1) o marcador (-a) é afixado em uma sequência terminada em consoante; (2) os *outputs* possuem menos

---

<sup>41</sup> Na verdade, há, ainda, a forma ‘Bárça’, cuja base (‘Barcelona’) apresenta quatro sílabas. Porém, conforme explicitado quando da descrição do *corpus*, o referido truncamento não se inclui entre os dados analisados por ser considerado um empréstimo do espanhol. Assim, não é classificado como um entrave à análise baseada na MP Circunscritiva, uma vez que não segue, necessariamente, os padrões de truncamento fixados para o português brasileiro.

de três sílabas; e (3) são menores que as bases, além de serem todos constituídos de um único pé troqueu moraico. Da mesma forma, se os *outputs* fossem trissilábicos ('cafája', 'Copáca' e 'Pindâma'), seguindo a tendência constatada no restante do *corpus*, as mesmas condições seriam respeitadas, pois os truncamentos formados também teriam o marcador (-a) afixado a uma sequência terminada em segmento consonantal, seriam menores que as bases e estariam em conformidade com o limite de três sílabas. Ademais, parece não haver obstáculos quanto à formação de pés trocaicos nesses últimos casos – o que lhes garantiria a acentuação paroxítona.

Ao que parece, portanto, a MP Circunscritiva é um modelo que prevê as duas possibilidades, ou seja, permite que as bases 'cafajeste', 'Copacabana' e 'Pindamonhangaba' estejam associadas a truncamentos dissilábicos ou trissilábicos. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma supergeração de formas, pois existem dois truncamentos perfeitamente aceitáveis para cada base.

O fato de os dissílabos 'cáfa', 'Cópa' e 'Pínda'<sub>2</sub> estarem presentes no *corpus*, enquanto os possíveis trissílabos 'cafája', 'Copáca' e 'Pindâma' não foram encontrados, pode ser uma evidência de que a relação de identidade entre o truncamento e a base subjaz à opção do falante pelas formas dissílabas. Em outras palavras, as formas 'cáfa', 'Cópa' e 'Pínda'<sub>2</sub>, embora sejam menores em relação aos *inputs*, parecem mais transparentes do que o seriam os equivalentes trissílabos não-atestados, pois são metricamente mais fiéis às formas de base. Nesse caso, os *outputs* são constituídos do pé trocaico localizado na margem esquerda da base, formado pela primeira sílaba, que porta o acento secundário, mais a segunda, cujo núcleo (-a) é idêntico ao marcador do tipo de truncamento ora analisado. Em suma, o troqueu moraico mais à esquerda do *input* é mantido nas formas truncadas dissilábicas – o que assegura a maior fidelidade destas em relação às bases correspondentes, uma vez que os truncamentos trissilábicos têm o troqueu moraico à

esquerda da palavra-matriz desfeito, para que o acento recaia sobre a segunda sílaba e, dessa forma, o *output* seja paroxítono, conforme o formato do molde estabelecido para o padrão. As formas trissilábicas não-atestadas teriam, ainda, o agravante de deixar a sílaba inicial desgarrada, já que um troqueu moraico seria formado na borda direita dos possíveis truncamentos.

Assim, não havendo impedimento de ordem morfoprosódica à formação dos truncamentos dissilábicos, bem como dos trissilábicos, fatores relacionados à fidelidade métrica parecem justificar o uso dos primeiros, ainda que os últimos tenham exatamente a mesma chance de ocorrer enquanto *outputs*.

Como última observação, tal como ressaltado, na seção anterior, a respeito da formação de ‘cônfa’, ‘pínda<sub>1</sub>’ e ‘cóca’, o fato de bases polissilábicas servirem de *inputs* para truncamentos trissilábicos constitui uma *tendência* verificada no padrão ‘flágra’, e não uma *obrigatoriedade*. Por essa razão, a referida tendência pode ser desrespeitada em função de algum fator que se mostre mais relevante no caso analisado. Em ‘cônfa’, ‘pínda<sub>1</sub>’ e ‘cóca’, lembremos que, devido à configuração da terceira sílaba, não há possibilidade de, nesta, ser encontrado um onset que forme sílaba CV com o marcador (-a) – o que licencia os *outputs* dissilábicos. No caso de ‘cáfa’, ‘Cópa’ e ‘Pínda<sub>2</sub>’, a fidelidade métrica em relação à base parece justificar o desvio da tendência ora referida.

Em suma, a análise dos dados pertencentes ao padrão ‘flágra’ fundamentada nos parâmetros adotados nesta tese é capaz de descrever morfoprosodicamente o truncamento ‘sápa’ (coexistente com ‘sapáta’), bem como o grupo formado por ‘cáfa’, ‘Cópa’, ‘Pínda<sub>2</sub>’ – que contrariam a tendência segundo a qual bases polissilábicas são responsáveis pela formação de truncamentos trissilábicos, mas, por outro lado, são metricamente fiéis às palavras-matrizes. Mais uma vez, vale enfatizar que todas as formas citadas atendem às



condições  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ , além de serem constituídas de um único pé troqueu moraico, conforme previsto no molde do padrão, e respeitarem o limite mínimo de duas sílabas.

Vejamos, então, como a MP Circunscritiva responde à análise do *corpus*, desta feita retomando os padrões ‘refrí’ e ‘odônto’. Em termos numéricos, há duas formas não acolhidas pela descrição do grupo ‘odônto’: ‘otorríno’ (composto por mais de um morfema) e ‘hétero’ (devido à acentuação proparoxítona). No padrão ‘flágra’, os critérios utilizados se aplicam a todas as palavras do *corpus*, caso a condição  $*T \geq B$  contabilize segmentos. Quanto ao padrão ‘refrí’, todos os truncamentos são contemplados pela análise, não havendo, portanto, resíduos entre os dados.

Destarte, contam-se, ao todo, dois dados presentes no *corpus* que não podem ser descritos de acordo com os parâmetros de circunscrição e molde estabelecidos. Em termos percentuais, visto que 108 formas truncadas foram analisadas, levando-se em conta todo o *corpus*, pode-se dizer que a análise com base na MP Circunscritiva empreendida nesta tese aplica-se a 98,15 % dos dados – resultado altamente satisfatório.

Deve-se destacar que a coexistência entre ‘sapáta’ e ‘sápa’, assim como a supergeração de formas, embora não sejam casos quantificáveis, são também consideradas barreiras encontradas ao longo da análise dos dados. Na ocorrência de ‘sapáta’ x ‘sápa’, a opção pelos truncamentos menos opacos pode justificar a maior ocorrência de ‘sapáta’, em detrimento de ‘sápa’. Quanto à supergeração de formas, a descrição do padrão ‘flágra’ com base nos parâmetros adotados apresenta um ponto falho ao prever dois possíveis truncamentos para as bases ‘cafajeste’, ‘Copacabana’ e ‘Pindamonhangaba’. No caso, a falha consiste em não barrar as formas trissílabas que não se realizam.

A seguir, em (08), são listadas algumas formas truncadas descritas por diferentes autores<sup>42</sup>, que não foram coletadas para a constituição do *corpus* utilizado na presente tese. O intuito é verificar se a MP Circunscritiva proporcionaria uma análise satisfatória dos dados em questão, ratificando-se, assim, a eficácia do modelo.

(08) ‘Profí’ (< ‘profissional’)

‘Facú’ (< ‘faculdade’)

‘Mordô’ (< ‘mordomia’)

‘Crúza’ (< ‘cruzeiro’)

‘Mânga’ (< ‘Mangueira’)

‘Búrگا’ (< ‘burguês’)

‘Mânta’ (< ‘manteiga’)

‘Pálha’ (< ‘palhaço’)

‘Prática’ (< ‘praticante’)

‘Trafíca’ (< ‘traficante’)

‘Sátisfa’ (< ‘satisfação’)

‘Proléta’ (< ‘proletário’)

‘Perífa’ (< ‘periferia’)

‘Mórta’ (< ‘mortadela’)

‘Mína’ (< ‘menina’)

Entre os dados citados, os três primeiros, ‘profí’, ‘facú’ e ‘mordô’, podem ser descritos com os mesmos parâmetros utilizados na análise do padrão ‘refrí’, uma vez que se trata de formas constituídas das duas primeiras sílabas do *input* e que, além disso, são

---

<sup>42</sup> Santos (2002); Araújo (2002); Vilela, Godoy & Cristófaró Silva (2006); e Scher (2011).

formadas por um pé iâmbico. Nesse caso, deve-se lembrar que os *inputs* do processo de truncamento são fonéticos, em virtude de serem dados de fala. Por isso, a forma ‘facú’ é tratada como resultado da circunscrição positiva, da esquerda para a direita, do *input* [fa.ku.'da.dʒi] – daí o mapeamento das duas primeiras sílabas integrais [fa.ku], desconsiderando-se a presença do ditongo formado pela vocalização da lateral alveolar.

As demais formas listadas em (08) podem ser associadas ao padrão ‘flágra’, já apontado nesta tese como o mais produtivo dentre os três analisados – o que justifica o maior número de dados relacionados em diferentes estudos. Quanto a ‘crúza’ e ‘mânga’, verifica-se que suas formações envolvem a circunscrição do radical ( $\mu$ ) dos *inputs* ‘cruzeiro’ e ‘Mangueira’, respectivamente, aproveitando-se, no *output*, todo o morfema circunscrito. Nos dois casos, o material resultante da circunscrição – {cruz-} e {mang-} – não tem segmentos eliminados no nível do molde porque respeita as condições  $C]_{Mwd}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ , uma vez que termina em consoante, não forma truncamento com mais de três sílabas e nem maior que a base, após a afixação do marcador.

‘Búrga’, por sua vez, estaria alocado no grupo de dados em que a condição  $*T \geq B$  teria de ser flexibilizada. Observe-se que *input* e *output* apresentam o mesmo número de sílabas, assim como os dados listados em (05). Contudo, pode-se aplicar a ‘búrga’ um tratamento semelhante ao atribuído a ‘chína’, no sentido de que a condição mais vulnerável dentre as três impostas ao material circunscrito,  $*T \geq B$ , seria relativizada com o intuito de preservar a informação morfológica, visto que a eliminação do segmento consonantal [g], que trava o radical, distanciaria muito o *output* do *input*, dificultando o rastreamento da base. Além disso, deve-se lembrar que não há truncamentos monossilábicos no grupo de dados ‘flágra’ – o que constitui um obstáculo ao encurtamento de bases dissilábicas tais como ‘burguês’ e ‘chinês’.

Quanto às condições  $C]_{Mwd}$  e  $*T > \delta\delta\delta$ , observe-se que as duas são respeitadas pelo material circunscrito, no caso, o morfema {burg-} – radical do *input*, que termina em consoante e não forma truncamento com mais de três sílabas após a adjunção do marcador (-a). Sendo assim, o truncamento ‘búrğa’ pode ser descrito com base nos parâmetros fixados na presente tese, caso  $*T \geq B$  compute segmentos (e não sílabas).

‘Mânta’ é uma forma truncada em que, ao contrário do que ocorre em ‘búrğa’, acima citado, a informação morfológica não é priorizada. Desta feita, o material decorrente da circunscrição perde segmentos no nível do molde, com vistas a atender a condição  $*T \geq B$ , visto que, sendo o *input* trissilábico, é possível eliminar segmentos no molde, respeitando-se o limite mínimo de duas sílabas para os truncamentos do grupo ‘flágra’. Observe-se que o radical ( $\mu$ ) do *input* é {mẽ.'te.g-}, que, apesar de satisfazer às demandas de  $C]_{Mwd}$  e  $*T > \delta\delta\delta$ , por terminar em consoante e não levar à formação de truncamento com mais de três sílabas após a afixação do marcador, infringe  $*T \geq B$ , pois, caso o marcador (-a) fosse afixado ao material circunscrito, a forma truncada resultante seria idêntica ao *input*. Assim, a consoante [g] que trava o radical é apagada, bem como a vogal [e], núcleo da segunda sílaba, para que o marcador (-a) forme uma nova sílaba com o onset [t]: [mẽ.te]. Após a formatação do pé troqueu moraicó, também previsto no molde, o *output* é ‘mânta’ – uma forma truncada dissilábica e paroxítona. Portanto, trata-se de um dado que tem formação prevista pelos parâmetros da MP Circunscritiva adotados nesta tese para a análise do padrão ‘flágra’, alocando-se entre as formas truncadas não-morfêmicas.

Da mesma forma, o truncamento ‘pálha’ pode ser analisado como um dado não-morfêmico do padrão ‘flágra’. Nesse caso, o radical ( $\mu$ ) da base, {palhaç-}, é circunscrito segundo os parâmetros adotados para a descrição do referido grupo, mas não está presente no *output* pelas razões a seguir. O material resultante da circunscrição, {palhaç-},

desrespeita a condição  $*T \geq B$ , uma vez que, após a afixação do marcador (-a), formaria um *output* igual à base (\*‘palhaça’), ainda que a referida condição fosse flexibilizada e contabilizasse segmentos, em vez de sílabas. Além disso, o *output* formado coincidiria com a forma que se opõe a ‘palhaço’ por flexão de gênero.

Por isso, o material enviado para o molde perde segmentos, de modo que o *output* formado seja menor que a base: [pa.ʎa.s]. Os segmentos [s] e [a], onset da terceira sílaba da base e núcleo da segunda, respectivamente, são eliminados, para que o marcador (-a) seja afixado à sequência [pa.ʎ], com cujo último elemento formará uma sílaba CV, dando origem à forma truncada ‘pálha’ – menor que o *input* e formada por um pé troqueu moraico, tal como garante o formato do molde.

Em relação às formas ‘prática’, ‘tráfica’, ‘satisfa’, ‘proléta’ e ‘perífa’, pode-se dizer que suas descrições também se ajustam aos parâmetros fixados para a análise do padrão ‘flágra’. Porém, diferente do que se observou acima, na formação de ‘mânta’, há preservação da informação morfológica nos cinco dados aqui citados – o que permitiria a sua inclusão entre as formas truncadas morfêmicas pertencentes ao padrão. Em todos os dados, o material circunscrito positivamente, da esquerda para a direita, é o radical ( $\mu$ ) do *input* – no caso, respectivamente, {pratic-}, {trafic-}, {satisf-}, {prolet-} e {perifer-}. Devido ao fato de todas as sequências citadas respeitarem as condições  $C]_{MWD}$ ,  $*T > \delta\delta\delta$  e  $*T \geq B$ , por terminarem em consoante, não formarem truncamentos com mais de três sílabas nem maiores ou iguais às respectivas bases, o material circunscrito é, em todos os casos, aproveitado no *output*, restando apenas afixar do marcador (-a) e formar o troqueu moraico, a partir da borda direita, recaindo a sílaba tônica sobre a segunda sílaba da forma truncada: ‘prática’, ‘tráfica’, ‘satisfa’, ‘proléta’ e ‘perífa’.

O caso de ‘mórta’ (< ‘mortadela’) é igual ao de ‘cáfa’ (< ‘cafajeste’), ‘Cópa’ (< ‘Copacabana’) e ‘Pínda<sub>2</sub>’ (< ‘Pindamonhangaba’), já citados nesta seção como *outputs* cuja formação envolve a supergeração de formas. Também em ‘mortadela’, a circunscrição do *input* delimita o radical {mortadel-}, que passa ao nível do molde, em que perde segmentos, para não formar truncamento com mais de três sílabas após a adjunção do marcador (-a). Como o material decorrente da circunscrição termina em consoante, conforme a exigência da condição C]<sub>MWd</sub>, é \*T > δδδ a responsável pelo apagamento da lateral [l], que trava o radical, bem como de toda a terceira sílaba [dɛ] e do núcleo da segunda [a], para que o marcador forme sílaba com a oclusiva [t], resultando no *output* ‘mórta’, dissilábico e paroxítono, que exhibe a abertura da vogal média presente na primeira sílaba, ocasionada pela formação do pé troqueu moraico e consequente acento sobre a referida vogal.

A supergeração de formas envolvida na formação do truncamento da palavra-matriz ‘mortadela’ ocorre porque, além do *output* ‘mórta’, acima citado, o modelo justifica também a emergência da forma truncada ‘mortáda’, não encontrada na fala. Este último dado tem processo de formação bastante semelhante ao de ‘mórta’, diferindo-se apenas quanto ao número de segmentos apagados no molde; no caso, a terceira sílaba não é totalmente eliminada, mas tem seu onset preservado, para receber o marcador (-a), tal como se segue: {mor.ta.de~~l~~} > [mor.ta.d-] + (-a) > ‘mortáda’. Vale observar que ‘mortáda’ é também uma forma truncada que respeita o limite máximo de três sílabas e apresenta menor número de sílabas em relação à base.

Dessa forma, como já exposto nesta seção, o modelo apresenta uma falha ao prever dois truncamentos possíveis para o *input* ‘mortadela’, ainda que um deles não se realize. Como justificativa para a opção do falante pela forma dissilábica (‘mórta’), pode-se

considerar que esta preserva o troqueu moraico localizado na borda esquerda da base, [mor.ta][de.la], enquanto o possível *output* trissilábico promoveria a dissociação do referido troqueu, para que o acento da forma truncada recaísse sobre a sílaba /ta/: mor.[ta.da]. No caso, da mesma forma que se verifica em ‘cáfa’, ‘Cópa’ e ‘Pínda<sub>2</sub>’, a fidelidade métrica estaria se sobrepondo à tendência de formar um truncamento trissilábico, uma vez que a palavra-matriz é polissilábica.

Há, ainda, a forma truncada ‘mína’, que, conforme exposto no capítulo 3, não integra o *corpus* analisado nesta tese por ser, aparentemente, um dado verificado em dialetos de São Paulo. Tomando-se como base a descrição do padrão ‘flágra’, observa-se que o dado em questão apresenta estrutura compatível com os truncamentos do grupo, tal como se segue. A circunscrição mapeia o radical do *input* fonético [mĩ.'nĩ.nẽ] e, devido ao fato de, nesse caso, o *output* tornar-se idêntico à base após a afixação do marcador (-a), a última consoante nasal do radical é eliminada, assim como o núcleo da segunda sílaba, restando a sequência [mĩ.n] – a que o marcador (-a) é afixado. Dessa forma, tem-se o *output* ‘mína’, que não está presente no *corpus* da tese, mas, ainda assim, pode ser descrito com os parâmetros da MP Circunscritiva aqui estabelecidos.

Para finalizar o presente capítulo, é importante destacar que a MP Circunscritiva, tal como demonstrado nesta última seção, não é capaz de descrever com eficiência apenas os dados integrantes do *corpus* utilizado na tese. Ao contrário, conforme se observou com a retomada de dados descritos por outros autores, o modelo permitiria uma análise segura dos mesmos. Por isso mesmo, vale ressaltar que o fato de a MP Circunscritiva dar conta da formação de dados não presentes no *corpus* reafirma a eficiência do modelo no que tange à descrição do processo de truncamento no português brasileiro, uma vez que pode ser estendido a um número de dados maior que o reunido na presente tese.

Como grande vantagem do modelo, em oposição a propostas centradas somente na relação entre constituintes morfológicos (base-afixo), pode-se ressaltar a interação de fatores de ordem morfológica e prosódica, pois, embora os aspectos prosódicos possam se sobrepor aos morfológicos (ou vice-versa) em alguns casos, há um grande diferencial na MP Circunscritiva que permite, por exemplo, a circunscrição de material morfológico do *input*, que deve, no entanto, conformar-se a um tipo específico de pé, definido no molde.

No próximo capítulo, serão revisitadas as propostas de Plag (2003) e Fandrych (2008), que também podem ser consideradas inovadoras em relação ao processo de truncamento. O objetivo do capítulo é destacar que, na morfologia contemporânea, existe uma tendência em acolher o truncamento como processo regular de formação de palavras, que deve, portanto, deixar de ser considerado assistemático ou imprevisível, tal como propõe a presente tese.



## Capítulo 6 – O truncamento na morfologia contemporânea

---

Este capítulo tem o intuito de mostrar que o estudo do truncamento, assim como dos demais processos não-concatenativos de formação de palavras, vem ganhando destaque na morfologia contemporânea. Conforme será discutido nas duas seções que compõem o capítulo, as formas truncadas, embora ainda sejam consideradas irregulares e assistemáticas por alguns autores (cf. capítulo 2), são também descritas como regulares e previsíveis de acordo com abordagens que não se apoiam exclusivamente no conceito de morfema.

Como veremos, a relevância dos constituintes prosódicos e a noção de *splinter* têm desempenhado importante papel nas descrições que visam a encontrar generalizações envolvidas na formação do truncamento. Logo, pode-se dizer que a presente tese, apoiada em fatores de ordem prosódica, está inserida na perspectiva atual de análise do fenômeno. A seguir, apresentam-se, resumidamente, as publicações de Plag (2003) e Fandrych (2008), com o objetivo de retomar estudos morfológicos que abordem o truncamento enquanto processo sistemático de formação de palavras, proporcionando um diálogo com as análises realizadas nesta tese, também considerada inovadora no que tange à sistematização do processo.

### 6.1. Proposta com base em fatores prosódicos

Em capítulo exclusivamente dedicado à derivação sem afixação, Plag (2003) investiga casos de nomes truncados (correspondentes à hipocorização), diminutivos em -y,

*clippings*<sup>43</sup>, cruzamentos vocabulares, abreviações e acrônimos em inglês. Segundo o autor, os fenômenos citados são pesquisados em termos sobretudo prosódicos – o que representa, de modo geral, um avanço no estudo dos processos não-concatenativos de formação de palavras e permite vislumbrar a aproximação entre a perspectiva adotada nesta tese e aquelas que vêm se desenvolvendo na morfologia contemporânea acerca da descrição do truncamento em particular.

Conforme será explicitado na presente seção, Plag (2003) lida com a estrutura silábica e o acento (primário e secundário) na investigação dos processos que se propõe a descrever; assim, embora não fundamente sua pesquisa nos princípios da Morfologia Prosódica, o autor incorpora à sua descrição elementos relevantes em uma análise com base no referido modelo, tal como a empreendida na presente tese. Dessa forma, pode-se dizer, de antemão, que Plag (*op. cit.*) abre espaço para a discussão quanto à interface fonologia-morfologia, evidenciada sobretudo nos processos de formação de palavras que não se caracterizam pela afixação.

Contudo, antes de proceder à descrição dos processos não-concatenativos, Plag (2003) destaca que a interação da morfologia com a fonologia se manifesta mesmo em alguns casos de sufixação, nos quais o acréscimo do sufixo é responsável por um padrão acentual que permeia todos os vocábulos derivados. Para fim de exemplificação, o autor menciona que, em inglês, os nomes portadores do sufixo *-ity* são sempre proparoxítonos, os adjetivos terminados em *-ic* são todos paroxítonos, e todos os nomes acrescidos de *-ee* são oxítonos.

---

<sup>43</sup> Os *clippings*, nos termos do autor, correspondem às formações nesta tese denominadas “truncadas”. Tal divergência de nomenclaturas ocorre porque Plag (2003) considera “truncamentos” (*truncated names*) apenas os antropônimos, enquanto as formas encurtadas que têm nomes comuns como base recebem, de acordo com o autor, o nome de *clippings*. Observe-se que apenas estas últimas formações coincidem com aquelas analisadas na presente tese, uma vez que os *truncated names* alocam-se no fenômeno de hipocorização.

Quanto aos processos não-concatenativos de formação de palavras, o truncamento é, segundo Plag (2003: 146), um processo em que “a relação entre a palavra derivada e sua base é expressa por meio da perda de material fonético na palavra derivada”. Assim, o autor propõe que o processo geral de truncamento (correspondente à redução vocabular de modo geral) engloba os casos de nomes truncados, diminutivos em *-y* e *clippings* – todos caracterizados pela perda de material fonético, tal como será explicitado a seguir.

Nomes truncados, segundo Plag (*op. cit.*), consistem em encurtamentos de antropônimos, usados com o intuito de expressar familiaridade. Porém, embora aborde a questão do uso de tais formas, atribuindo-o à familiaridade, o autor centraliza sua descrição nas propriedades prosódicas dos nomes truncados, levando em conta não apenas sua própria estrutura, mas também sua relação com as respectivas bases.

Primeiramente, Plag (*op. cit.*) afirma que, observando-se a estrutura dos nomes truncados em inglês, pode-se dizer que todos são monossilábicos, não importando quão longa seja a base: *Abigail* > *Gail*; *Augustus* > *Guss*; *Bartholomew* > *Bart*. Essa característica, deve-se lembrar, é também apontada por Gonçalves (2004) em relação aos hipocorísticos em português, os quais, de acordo com o autor, embora não sejam exclusivamente monossilábicos, apresentam o número máximo de duas sílabas, uma vez que o processo tende a formar palavras mínimas na língua (cf. capítulo 4).

Ademais, Plag (2003) observa que nomes truncados têm uma grande tendência a começar e terminar em consoantes, ainda que as bases comecem ou terminem em vogais, como se vê nos exemplos *Alexandra* > *Xan* e *Amelia* > *Mel*. Quanto a esta última propriedade, o autor afirma que, ocasionalmente, pode haver nomes truncados terminados em vogais, tais como *Lou* (< *Louis*) e *Ray* (< *Raymond*); entretanto, os referidos casos são marcados por uma vogal longa (*Lou*) ou por um ditongo (*Ray*) em posição final.

Após as considerações feitas acerca da estrutura dos nomes truncados, Plag (*op. cit.*) identifica estruturas prosódicas fixas, isto é, moldes, a que as referidas construções tendem a se conformar. A seguir, listam-se os três moldes apresentados pelo autor, nos quais as consoantes são representadas por C; e as vogais, por V<sup>44</sup>:

(01)

- a. CcVvCc – *Dolph* (< *Adolphus*)
- b. CcVv – *Sue* (< *Suzanne*)
- c. VvCc – *Alf* (< *Alfred*)

Os moldes encontrados por Plag (2003) são definidos com base na constatação do formato dos nomes truncados presentes no *corpus* reunido para a pesquisa. Não há coincidência, portanto, entre os moldes ora mencionados e aqueles definidos em termos de mapeamento de elementos da camada melódica para a camada segmental, assim como proposto por McCarthy (1981). Porém, o fato de Plag (*op. cit.*) identificar regularidade no processo, valendo-se, para tanto, de fatores prosódicos, pode ser considerado um grande passo em direção à análise dos processos de formação de palavras não-concatenativos de forma sistemática.

Além das possíveis estruturas dos nomes truncados, representadas pelos moldes anteriormente listados, Plag (2003) investiga também a relação formal existente entre o nome truncado e sua palavra-matriz, uma vez que, segundo o autor, apenas partes da base são aproveitadas no nome truncado – partes estas de que os falantes devem ter conhecimento.

---

<sup>44</sup> As consoantes e vogais minúsculas assinalam a possibilidade de encontrarem-se grupos consonantais (Cc) e vogais longas ou ditongos (Vv) nos moldes. Contudo, deve-se ressaltar, a presença dos referidos elementos não é obrigatória.

Plag (*op. cit.*) propõe que as partes da base mantidas no nome truncado são variáveis, mas previsíveis. Assim, o autor identifica três grupos de dados, de acordo com o aproveitamento de material que formará o molde do nome truncado: (a) aqueles cujos moldes são compostos pelas primeiras sílabas da base (e, algumas vezes, segmentos subsequentes), tal como em *Alonzo* > *Al*; (b) outros em que a sílaba portadora do acento primário fornece o material para o molde, como se observa em *Adolphus* > *Dolph*; e (c) formas em que a sílaba sobre a qual recai o acento secundário é mantida no nome truncado, assim como em *Abigail* > *Gail*.

A estrutura segmental dos nomes truncados é também um fator pesquisado por Plag (*op. cit.*), pois, segundo o autor, verificam-se mudanças nos traços de alguns segmentos quando da formação do nome truncado. Para fim de exemplificação, o autor seleciona casos que envolvem as consoantes /r/ e /θ/, retomados a seguir.

Quando ocorre na posição de onset do nome truncado (*Rob* < *Robert*) ou na primeira posição de uma coda complexa (*Bert* < *Adelbert*), /r/ é mantido. Porém, o referido segmento é substituído por /l/ nos nomes truncados em que ocorre como único segmento em posição de coda, tal como em *Sal* (< *Sarah*).

A investigação da presença do segmento /θ/ em bases de nomes truncados, por sua vez, levou Plag (2003) a identificar a seguinte generalização: a referida consoante é evitada e substituída por /t/, assim como revelam os dados *Art* (< *Arthur*), *Cat* (< *Catherine*) e *Ted* (< *Theodore*), por exemplo.

Após a discussão acerca da estrutura dos nomes truncados e de sua relação com as bases, o autor afirma que a formação desses nomes “é altamente sistemática e sujeita a fortes restrições prosódicas”, da mesma forma que o têm demonstrado, por exemplo, Gonçalves (2004), Lima (2008) e Thami da Silva (2008; 2013) para o português do Brasil,

ainda que sejam distintos os instrumentos empregados nas análises<sup>45</sup>. Portanto, deve-se ressaltar, mais uma vez, a proposta de Plag (2003) pode ser considerada um importante passo em direção à sistematização de processos não-concatenativos de formação de palavras, comumente marginalizados em estudos que desconsideram a relevância de aspectos prosódicos na sua formação.

Outro processo considerado não-concatenativo e investigado por Plag (*op. cit.*) é a formação de diminutivos por meio da sufixação de *-y*. Vale lembrar que, embora o referido processo seja marcado pela afixação de *-y*, o autor o considera misto, uma vez que a base à qual *-y* se adjunge é uma forma encurtada, tal como se verifica em *Andrew* > *\*And* > *Andy*. Por essa razão, destaca o autor, o processo não foi descrito no capítulo por ele destinado à sufixação.

A princípio, duas observações de cunho geral são feitas por Plag (2003) em relação aos diminutivos supracitados. A primeira delas consiste no fato de haver duas variantes ortográficas para o sufixo formador do diminutivo: *-y* e *-ie*, que, no entanto, são pronunciadas de forma idêntica. A segunda observação diz respeito à categoria das bases envolvidas no processo, pois, de acordo com o autor, há predomínio de nomes próprios (*Bertie* < *Albert*) e comuns (*Beddie* < *Bed <sub>cama</sub>*), embora se encontrem também adjetivos (*Comfy* < *Comfortable*) entre os dados. Quanto às características comuns aos diminutivos terminados em *-y*, além da presença do mesmo sufixo, o autor afirma que, assim como verificado entre os nomes truncados, a estrutura prosódica dos derivados e a sua relação com as respectivas bases são fatores que permitem a identificação de regularidades no processo.

---

<sup>45</sup> Gonçalves (2004) descreve a hipocorização com base nos fundamentos da Morfologia Prosódica, enquanto Lima (2008) e Thami da Silva (2008; 2013) empregam os pressupostos da Teoria da Otimalidade na análise do mesmo fenômeno.

Segundo Plag (2003), a maioria quase absoluta dos diminutivos formados pelo acréscimo de -y é dissilábica e acentuada na primeira sílaba. Além disso, a segunda sílaba nunca apresenta onset complexo, ainda que a palavra-matriz o apresente – daí a formação de *Andy* a partir de *Andrew*, e não \**Andry*. Com base nas duas propriedades ora citadas, o autor define o molde para a formação dos referidos diminutivos nos seguintes termos: um troqueu silábico, em que a segunda sílaba consiste em uma consoante simples, acrescida do sufixo.

Além de definir o formato do molde, Plag (*op. cit.*) destaca que o *corpus* analisado evidencia a manutenção da primeira sílaba da base no diminutivo, seja esta acentuada ou não. Porém, o autor aponta que, ocasionalmente, a sílaba portadora do acento primário pode também ser utilizada na ancoragem, tal como se observa em *umbrella*<sub>guarda-chuva</sub> > *Brollie*.

No nível segmental, Plag (*op. cit.*) afirma que, entre os diminutivos formados pelo acréscimo de -y, ocorrem mudanças nos traços de algumas consoantes, da mesma forma que se constatou na descrição dos nomes truncados (*Martha* > *Marty*, por exemplo). Por essa razão, o autor considera que formas encurtadas (nomes truncados ou *clippings*) servem de base para a formação dos diminutivos em -y – daí a inclusão dessas construções entre os processos de formação de palavras não-concatenativos.

Para finalizar a discussão do fenômeno geral de encurtamento, Plag (*op. cit.*) apresenta as construções que denomina *clippings*, embora reconheça que essa expressão equivale a “truncamentos” (*truncations*, nos termos do autor) – estas últimas frequentemente empregadas para designar as formações encurtadas cujas bases são nomes comuns. Quanto à caracterização geral do *clipping*, o autor o considera um processo formador de palavras que consiste na redução de uma base, com a qual o produto apresenta alguma relação de sentido, acrescida da expressão de familiaridade com o referente. Como

exemplo da familiaridade citada, o autor afirma que, frequentemente, pessoas que trabalham em laboratórios (*laboratories*, em inglês) usam a forma encurtada *lab* para fazer referência ao local de trabalho.

Em relação à estrutura, Plag (*op. cit.*) considera que a formação dos *clippings* é menos coerente do que aquelas de nomes truncados e diminutivos em *-y*. Contudo, o autor aponta que, ainda assim, algumas tendências podem ser verificadas nos *clippings*, uma vez que a maior parte dessas formações é monossilábica (*ad* < *advertisement*<sub>propaganda</sub>) ou dissilábica (*condo* < *condominium*; *demo* < *demonstration*) e, além disso, caracteriza-se pela manutenção da parte inicial da base ou, menos frequentemente, ancoram-se à sílaba que porta o acento primário (*phone* < *tele**ph**one*).

Como se pode observar, o processo que Plag (2003) denomina *clipping* é marcado pela formação de estruturas monossilábicas ou dissilábicas, que, em sua maioria, preservam a margem esquerda das respectivas bases. Assim, pode-se dizer que o autor, embora não lide com os instrumentos disponibilizados pela Morfologia Prosódica, identifica, nos *outputs* pesquisados, marcas formais bastante compatíveis com algumas atribuídas às formas truncadas analisadas na presente tese com base no referido modelo teórico: *outputs* que possuem, no máximo, três sílabas e mantêm a porção esquerda da palavra-matriz.

A porção da base que será preservada no truncamento não é definida pelo autor, ou seja, não há informações relacionadas ao fato de a forma truncada preservar as duas primeiras sílabas ou o radical da base, por exemplo. Entretanto, a proposta de Plag (*op. cit.*), ao levar em conta fatores de ordem prosódica tais como estrutura silábica e acento primário (este último apenas em alguns casos), difere-se das descrições comumente encontradas em manuais de morfologia (cf. capítulo 3). Portanto, o tratamento conferido pelo autor ao processo que, nesta tese, é denominado truncamento consiste em uma



inovação no que tange à descrição do fenômeno, abrindo caminho para análises baseadas na atuação de constituintes prosódicos, tal como esta que se apresenta.

Além dos processos de encurtamento, já detalhados nesta seção, Plag (*op. cit.*) descreve também os cruzamentos vocabulares, de acordo com suas estruturas prosódicas e sua relação com as respectivas bases. Segundo o autor, embora a formação dos cruzamentos vocabulares seja frequentemente descrita como irregular, a incorporação de expedientes prosódicos à análise permite a constatação de um alto grau de regularidade. Por definição, trata-se de um processo em que duas palavras se combinam para formar uma nova palavra, por meio do apagamento de material de uma ou ambas as bases. Dentre os exemplos citados pelo autor, podem-se citar *boat + hotel* → *boatel*<sup>46</sup> e *breakfast + lunch* → *brunch*<sup>47</sup>.

Quanto à categoria sintática das palavras-matrizes, Plag (2003) afirma que estas sempre pertencem à mesma classe – na maioria das vezes, nomes. Os produtos, por sua vez, compartilham propriedades relacionadas aos referentes das duas bases, tal como se observa nos exemplos acima citados *boatel* e *brunch*. Por essa razão, o autor ressalta que as bases cuja combinação resulta em um cruzamento vocabular devem apresentar alguma relação semântica, para que o referido compartilhamento de propriedades seja viável.

A formação dos cruzamentos vocabulares, de acordo com Plag (*op. cit.*), pode ser generalizada da seguinte forma: a parte inicial do primeiro elemento combina-se com a segunda parte do segundo elemento, consoante a fórmula  $A B + C D \rightarrow A D$ , na qual os elementos A, B, C e D representam partes das bases envolvidas no processo. A fórmula citada, afirma Plag (*op. cit.*), pode ter os elementos B ou C nulos, ou seja, uma das bases

---

<sup>46</sup> Barco (*boat*) que funciona também como hotel.

<sup>47</sup> Refeição matutina reforçada, que serve de café da manhã (*breakfast*) e substitui o almoço (*lunch*).

pode integrar a formação de um cruzamento vocabular sem sofrer perda de segmentos, assim como em *guesstimate*<sup>48</sup> (*guess*<sub>adivinhação</sub> + *estimate*<sub>estimativa</sub>; A + CD → AD).

Plag (2003), com base em um conjunto de 16 dados, depreende que há dois fatores prosódicos determinantes no processo de formação dos cruzamentos vocabulares: a estrutura silábica e o tamanho. Em relação ao primeiro, o autor afirma que apenas constituintes silábicos são apagados, de forma que, entre os monossílabos, por exemplo, ocorre a combinação do onset do primeiro elemento com a rima do segundo (*smoke*<sub>fumaça</sub> + *fog*<sub>névoa</sub> → *smog*<sub>poluição</sub>) ou do onset + núcleo do primeiro elemento com a rima do segundo (*boom*<sub>barulho</sub> + *hoist*<sub>guincho</sub> → *boost*<sub>incentivo</sub>).

Para os cruzamentos polissilábicos, o autor afirma que a formação destes segue a mesma tendência explicitada acima. Porém, pelo fato de o número de sílabas ser maior, existe um conjunto de possibilidades para a combinação entre os diversos constituintes das duas bases.

Quanto ao tamanho das palavras-matrizes e dos cruzamentos vocabulares, Plag (*op. cit.*) destaca que, em grande parte dos *outputs*, as duas bases combinadas apresentam o mesmo tamanho, medido em número de sílabas – casos em que os cruzamentos apresentam o mesmo número de sílabas de suas respectivas bases. Nas formações em que as bases envolvidas não coincidem em número de sílabas, o autor afirma que há um padrão geral segundo o qual o cruzamento vocabular possui o tamanho da segunda base.

De acordo com as questões discutidas e aqui retomadas, Plag (2003) conclui que cruzamentos vocabulares têm sua formação ajustada a fatores não apenas prosódicos, mas também semânticos e sintáticos, que são capazes de expressar grande regularidade no processo – razão suficiente para, segundo o autor, os cruzamentos não serem excluídos do âmbito da formação de palavras em inglês. Como se pode observar, mais uma vez, Plag

---

<sup>48</sup> Estimativa aleatória, não sustentada por evidências palpáveis.

(*op. cit.*) toma por regular um processo frequentemente considerado aleatório, baseando-se, para tanto, em um padrão geral definido por fatores sobretudo prosódicos.

Para finalizar a discussão acerca dos processos não-concatenativos de formação de palavras, Plag (2003) aborda os casos de abreviações (*abbreviations*) e acrônimos (*acronyms*), embora, de acordo com o autor, a prosódia não desempenhe um papel determinante nos referidos processos, pois, diferente do que ocorre nos fenômenos anteriormente descritos, a ortografia apresenta, desta feita, um importante papel. Por serem os casos de abreviações (*USA; DC*<sup>49</sup>) e acrônimos (*NATO*<sup>50</sup>) distantes do truncamento em termos de formação e estrutura, optamos por não detalhar a descrição dos mesmos nesta seção. Apenas para diferenciar os processos, deve-se acrescentar que Plag (*op. cit.*) considera abreviações as sequências que não podem ser pronunciadas como palavras da língua, por serem constituídas de uma ordenação de fonemas não aceitável. Nos acrônimos, a situação é inversa, pois as sequências podem ser pronunciadas de acordo com os padrões fonológicos da língua em questão.

Em suma, com base nos fatores prosódicos retomados nesta seção, Plag (2003) descreve nomes truncados (hipocorísticos), diminutivos em -y, *clippings* (truncamentos), cruzamentos vocabulares, abreviações e acrônimos em inglês, considerando-os processos não-concatenativos de formação de palavras. Embora, segundo o autor, a prosódia não desempenhe função determinante na abreviação e na acronímia, ambas são incluídas entre os processos de formação de palavras por, inegavelmente, darem origem a novas unidades lexicais.

Assim, pode-se dizer que o autor não considera marginais os processos supracitados; ao contrário, busca evidências de que aspectos prosódicos são fundamentais na análise dos mesmos, que não se caracterizam pela afixação. Mais uma vez, portanto,

---

<sup>49</sup> *United States of America; District of Columbia.*

<sup>50</sup> *North Atlantic Treaty Organization.*

nota-se que o truncamento, bem como os demais processos não-concatenativos de formação de palavras, vem, desde Plag (2003), ganhando *status* de processo regular na morfologia contemporânea – o que justifica o tratamento prosódico destinado ao fenômeno nesta tese.

Na próxima seção, o papel de elementos submorfêmicos denominados *splinters* será considerado essencial na formação de truncamentos, cruzamentos vocabulares e siglas, de acordo com a pesquisa de Fandrych (2008). Desta feita, a prosódia não se mostra determinante na formação do truncamento, objeto de estudo desta tese, uma vez que a autora busca, na própria morfologia, evidências de que se trata de um processo regular e previsível. A seguir, vejamos, resumidamente, a proposta da autora.

## **6.2. Proposta com base em *splinters***

Fandrych (2008) propõe que processos como o truncamento, o cruzamento vocabular e a siglagem sejam analisados com base em elementos submorfêmicos, uma vez que se trata de fenômenos cuja formação não pode ser descrita com base na adição ou supressão de morfemas. A ideia central da pesquisa é, segundo a autora, analisar “o papel de elementos abaixo do nível do morfema na produção desses processos de formação de palavras não-morfêmicos que vêm se tornando particularmente produtivos no inglês desde a segunda metade do século XX” (FANDRYCH, 2008: 105). Para tanto, a referida autora vale-se das noções de iniciais (no caso da siglagem), *splinters* (no caso do cruzamento vocabular) e *free splinters*<sup>51</sup> (no caso do truncamento).

De acordo com Bauer (2005), *splinters* são, em linhas gerais, elementos não-morfêmicos resultantes de operações morfológicas não-concatenativas de encurtamento,

---

<sup>51</sup> Nesta tese denominados *splinters* livres.

como o truncamento e o cruzamento vocabular, que são utilizados com alguma recorrência na formação de novas unidades lexicais. Como exemplo em português, pode-se citar o caso da forma -trocínio, um *splinter* que tem origem na base ‘patrocínio’, cuja sequência inicial (‘pa’), por semelhança fonética ao vocábulo ‘pai’, destacou-se da forma de base e tornou a sequência não-morfêmica -trocínio passível de ocorrer em novas formas linguísticas, tais como ‘paitrocínio’, ‘mãetrocínio’ e ‘avôtrocínio’, por exemplo (GONÇALVES, 2011b). Observe-se que o *splinter* em questão é um elemento empregado em posição específica (no caso, à direita) e combina-se com uma palavra.

Segundo Gonçalves (2011b), o *splinter* é uma partícula que se fixa em uma “determinada posição na estrutura das palavras, adquirindo, com isso, estatuto de morfema” (*op. cit.*: 3). Quanto à posição ocupada pelo *splinter* na estrutura da palavra, o autor propõe que pode ser inicial, como em ‘**info**-peças’, ou final, tal como em ‘chocot**one**’. Além disso, outro aspecto a ser considerado é o fato de o *splinter* se combinar com uma palavra ou com partes de uma palavra, como se pode verificar, respectivamente, nos exemplos acima citados – ‘info-**peças**’ e ‘chocot**one**’.

Em português, deve-se ressaltar, a atuação de *splinters* na formação de novas unidades lexicais é analisada por Gonçalves & Andrade (2012), que defendem a alocação desses elementos em dois grupos: os *splinters* iniciais, que copiam a porção esquerda da base, assim como caipi- (‘caipirinha’); e *splinters* finais, os quais, diferente dos primeiros, copiam a parte final da palavra-matriz, como -trocínio, anteriormente citado, e -lândia (‘Disneylândia’). A partir dos *splinters* caipi- e -lândia, forma-se um conjunto de novas palavras, tal como se observa nos dados a seguir: ‘caipivodka’, ‘caipisaquê’ (bebidas tipo caipirinha, porém feitas com vodka e saquê, respectivamente), ‘caipifruta’ (caipirinha feita com outras frutas, em vez de limão), ‘frangolândia’, ‘chocolândia’ (loais de

comercialização de frango e chocolate, respectivamente) e ‘empregolândia’ (twitter em que se oferecem empregos).

Como última observação, vale destacar que, conforme apontam Gonçalves & Andrade (*op. cit.*), os *splinters* caipi- e -lândia contribuem para as novas formações com os significados de ‘bebida alcoólica tipicamente brasileira’ e ‘localidade’, respectivamente. Além disso, os referidos elementos podem ser combinados com palavras (‘caipifruta’) ou com apenas partes de palavras (‘**chocol**ândia’); porém sempre na mesma posição.

A distinção feita por Fandrych (2008) entre *splinter* e *splinter* livre consiste na integração (ou não) a novas palavras. Ambos são elementos não-morfêmicos, tal como definido por Bauer (2005), mas, de acordo com a autora, o *splinter* forma cruzamentos vocabulares, assim como -trocínio, que se combina com uma palavra, ao passo que o *splinter* livre torna-se uma unidade lexical autônoma, formando novas palavras sem a necessidade de combinação com outras bases. Como exemplo deste último, pode-se citar a forma truncada ‘carná’ (< ‘carnaval’) – porção não-morfêmica que atua como forma livre.

Fandrych (2008) define processos de formação de palavras não-morfêmicos como aqueles em que não há uma estrutura do tipo modificador/cabeça, tal como na composição e na afixação – processos que podem ser analisados em termos da relação modificador/cabeça, na qual  $A + B > AB$ , e  $AB = (\text{um tipo de}) B$ . Nesses casos, vale ressaltar, a autora defende que os falantes são capazes de identificar os significados das novas construções a partir do significado dos seus constituintes – o que nem sempre se verifica entre os processos não-morfêmicos.

Quanto à categorização dos processos não-morfêmicos (ou não-concatenativos), Fandrych (*op. cit.*) destaca que há um grande debate em relação ao fato de considerarem-se ou não tais processos como formadores de palavras. Segundo a autora, Štekauer (1998) exclui as construções não-morfêmicas do âmbito da formação de palavras, assim como

Haspelmath (2002), que define a morfologia como “o estudo da **combinação de morfemas** [grifo nosso] para formar palavras” (*op. cit.*: 3). Steinmetz & Kipfer (2006), por sua vez, discutem a siglagem, o cruzamento vocabular e o truncamento antes da composição e da derivação, porém os autores descrevem tais processos de modo que o foco seja estabelecido apenas em aspectos como economia, humor e crescente popularidade no século XX.

Fandrych (2008) conclui, portanto, que a polêmica em torno da categorização de processos de formação de palavras não-morfêmicos está ligada ao fato de, não raro, morfemas serem definidos como as menores unidades linguísticas dotadas de significado, tal como os define, por exemplo, Haspelmath (2002): “os menores constituintes significativos das palavras que podem ser identificados” (*op. cit.*: 3). Observe-se que a definição de morfema vinculada à existência de um par forma/significado atende às expectativas de uma morfologia centrada na “combinação de morfemas”, tal como definida anteriormente, mas não permite que processos não-morfêmicos, em geral, sejam considerados formadores de palavras.

No caso do truncamento, por exemplo, grande parte dos *outputs* consiste em sequências menores que uma unidade morfológica (no caso, o radical) e, por isso, não deveriam ser dotadas de significado, mas o são, porque assumem o significado da base a que pertencem. A forma truncada ‘pará’, por exemplo, não corresponde ao radical da palavra-matriz ‘paraíba’; entretanto, incorpora o significado lexical desta última, inclusive a pejoratividade: “pessoa oriunda das regiões norte/nordeste”. A parte suprimida (-íba) também não corresponde a um elemento morfológico que apresente um significado. Como se pode notar, o truncamento envolve porções a que o tradicional conceito de morfema nem sempre se aplica – fato que pode se tornar um obstáculo ao estudo do processo, uma vez que este não se baseia, necessariamente, no mapeamento de morfemas.

Há, contudo, autores que, segundo Fandrych (2008), discordam do conceito de morfema enquanto “unidade mínima significativa”. Aronoff (1981), por exemplo, define-o como uma “sequência fonética que pode ser vinculada a uma entidade linguística fora dessa sequência. O que importa não é o significado, mas a sua arbitrariedade” (*op. cit.*: 15). Sob a perspectiva do autor, nem todos os morfemas portam significado, uma vez que há palavras que podem ser consideradas “minimamente significativas” (cf. *op. cit.*: 15) e não podem ser, por isso, desmembradas em constituintes imediatos que apresentem significado. O autor conclui, portanto, que não abandona o conceito de morfema, porém entende que, nem sempre, se trata de um signo, no sentido de apresentar forma fonética associada obrigatoriamente a um significado.

Quanto à proposta de Fandrych (2008), propriamente, o intuito não é discutir a definição de morfema, tomado pela autora no sentido mais comum de mínima unidade linguística dotada de significado, mas analisar a contribuição de elementos menores que o morfema para os processos de formação de palavras não-morfêmicos. O objetivo da autora é, portanto, discutir o papel de iniciais, *splinters* e *splinters* livres nos processos não-morfêmicos, que podem ser definidos da forma como se segue:

“[...] qualquer processo de formação de palavras que **não é baseado em morfemas** [...], isto é, que se utiliza de pelo menos um elemento que não é um morfema; esse elemento pode ser um *splinter*, um fonestema, parte de uma sílaba, uma letra inicial, um número ou uma letra usados como um símbolo” (FANDRYCH, 2004: 18; ênfase no original)<sup>52</sup>.

No inglês, de acordo com a autora, os principais processos formadores de palavras não-morfêmicos são a siglagem, o cruzamento vocabular, o truncamento e a onomatopéia.

---

<sup>52</sup> “[...] any word-formation process that is **not morpheme-based** ..., that is, which uses at least one element which is not a morpheme; this element can be a *splinter*, a *phonæstheme*, part of a syllable, an initial letter, a number or a letter used as a symbol” (FANDRYCH, 2004: 18).



Porém, afirma a autora, este último processo não é discutido na pesquisa, uma vez que, embora seja não-morfêmico, inclui casos de criações *ex nihilo*, assim como *miaow*, ou de formações que se utilizam de palavras inteiras, como se observa em *wishy-washy*.

Em português, os processos de formação de palavras não-morfêmicos, ou não-concatenativos, são, conforme citado nos capítulos anteriores, o truncamento, o cruzamento vocabular, a siglagem, a hipocorização e a reduplicação. A proposta de Fandrych (2008) é fornecer meios para a análise dos três primeiros; porém, como o objeto de estudo desta tese é o truncamento, esta seção retomará, a partir de então, as ideias lançadas pela autora em relação à formação de truncamentos, abordando um aspecto que pode ser considerado inovador na descrição das referidas construções: a atuação de *splinters* livres.

Para definir o truncamento (em inglês, *clipping*), Fandrych (*op. cit.*) retoma propostas de dois autores. O primeiro deles é Marchand (1969: 441), segundo o qual o truncamento consiste na “redução de uma palavra a uma de suas partes. [...] A parte suprimida não é um morfema no sistema linguístico (nem o resultado do truncamento, a propósito), mas uma parte arbitrária da palavra”. Bauer (1988: 33), por sua vez, além de conceituar o fenômeno como não-morfêmico, contesta o seu *status* nos estudos morfológicos: “uma vez que as partes deletadas no truncamento não são claramente morfemas em qualquer sentido, não é o caso de, necessariamente, considerá-lo parte da morfologia, embora seja um meio de formar novos lexemas”.

Fandrych (2008) discorda da definição anteriormente citada, em que Bauer (1988) questiona a inclusão do truncamento entre os processos morfológicos, pois, de acordo com a autora, trata-se, seguramente, de um processo de formação de palavras. Como justificativa para o tratamento do fenômeno enquanto processo de formar palavras, Fandrych (*op. cit.*) aponta dois aspectos: a dissociação semântica, observada, por exemplo,

no uso de *exam* (“teste de conhecimento”<sup>53</sup>), comparado ao da palavra-matriz *examination* (“exame médico”<sup>54</sup>); e a mudança de registro ou estilo verificada nas formas truncadas em relação às suas bases, tal como em *prof* < *professor*, visto que o truncamento em questão é utilizado em situações informais, enquanto a palavra-matriz tem seu uso requerido em contextos acadêmicos<sup>55</sup>. Além dos fatores mencionados, a autora afirma que truncamentos podem se tornar constituintes de novas e múltiplas formações, tais como *blogging* – verbo cuja base é uma forma truncada: *weblog* > *blog*.

Quanto ao truncamento em português, não se verificam mudanças de significado da forma truncada em relação à palavra-matriz, pois ambas remetem a um mesmo referente. Logo, pode-se dizer que o fenômeno não envolve dissociação semântica, assim como no inglês. Contudo, a mudança de registro ou estilo observada por Fandrych (*op. cit.*) é também um fator atuante em português, visto que formas truncadas tendem a ser utilizadas em contextos menos formais e, além disso, a maioria é empregada por jovens – o que implica o uso da palavra-matriz em situações mais formais.

Em relação ao fato de truncamentos serem passíveis de originar novas formações, pode-se dizer que, em português, embora não em muitos casos, verificam-se novas construções a partir de formas truncadas, tal como ‘refrigerante’ > ‘refrí’ *splinter* livre + -inho > ‘refrizinho’. Observe-se que esta última pode estar relacionada a um refrigerante ruim (pejorativa) ou bebido na companhia de amigos, por exemplo, sinalizando para o prazer do enunciado em relação à entidade referida.

Quanto ao aspecto formal, Fandrych (*op. cit.*) afirma que, em geral, palavras que servem de base para a operação de truncamento são relativamente longas, apresentando ao menos duas ou três sílabas. Ainda segundo a autora, o truncamento a partir do início da

---

<sup>53</sup> “*Test of knowledge*”.

<sup>54</sup> “*Doctor’s examination*”.

<sup>55</sup> Deve-se lembrar que *professor* é o termo que, em inglês, se refere a professores universitários, em geral Doutores, enquanto *teacher* é a forma utilizada para designar professores secundários.

base<sup>56</sup> é o tipo mais comum (*photog* < *photographer*, por exemplo), seguido do truncamento a partir do final da mesma<sup>57</sup> (*graph* < *paragraph*) e do truncamento no início e no final da base<sup>58</sup>, simultaneamente (*flu* < *influenza*). Sob a perspectiva da autora, truncamentos efetuados no meio da palavra-matriz<sup>59</sup> (*Jo'burg* ou *Jo'bg* < *Johannesburg*) são raros, e formas truncadas escritas são restritas ao domínio da modalidade escrita, pois, quando empregadas na oralidade, são substituídas pela forma de base, assim como no caso de *abbr*, que é pronunciada sempre como *abbreviation*.

O tamanho das bases para o fenômeno de truncamento apontado por Fandrych (*op. cit.*) coincide com as características do *corpus* reunido para esta tese, uma vez que as palavras-matrizes, em geral, partem do número de três sílabas, encontrando-se também duas bases dissilábicas ('chinês' e 'playboy') entre os dados, tal como explicitado no capítulo 4. A porção da palavra-matriz mantida na forma truncada, entretanto, diverge bastante, comparando-se inglês e português, pois, no primeiro, Fandrych (*op. cit.*) afirma que o processo aproveita-se das partes inicial, final ou medial da base, ao passo que, em português, os dados presentes no *corpus* ora analisado revelam que os truncamentos tendem a preservar a margem esquerda da palavra-matriz.

Existe, ainda, uma categoria de truncamento proposta por Fandrych (2008) denominada truncamento composto<sup>60</sup>, definido pela autora como o encurtamento de longas combinações, em que um constituinte da forma de base permanece inalterado, como se observa em *lad mag* < *lad magazine* ("revista para rapazes"). Casos como esse, no entanto, não foram contemplados na presente tese, que tem como objetivo analisar formas truncadas cuja base é uma palavra. Dito de outra forma, dados como *lad mag* não se

---

<sup>56</sup> *Fore-clipping*.

<sup>57</sup> *Back-clipping*.

<sup>58</sup> *Back- and fore-clipping*.

<sup>59</sup> *Mid-clipping*.

<sup>60</sup> *Clipped compounds*.

encontram no *corpus* da pesquisa, pois entendemos que os mesmos têm como origem um sintagma nominal, e não uma palavra-matriz.

Além do ponto em que o encurtamento se processa, fator anteriormente explicitado, Fandrych (*op. cit.*) afirma que a manutenção do plural (*specifications > specs*) e casos de deslocamento da sílaba tônica (*Australian > 'Aussie*) são também marcas formais do processo de truncamento. Em português, deve-se lembrar, truncamentos não respondem pela informação de gênero (copiada da base) e, tal como no inglês, são também passíveis de flexão em número – cf. capítulo 4. Quanto ao deslocamento da sílaba tônica, pode-se dizer que, embora não seja marca formal do processo em português, é possível constatar alguns casos, assim como *pri.'mei.ra > 'pri.ma*, por exemplo<sup>61</sup>.

Em suma, pode-se dizer que, de acordo com Fandrych (*op. cit.*), o truncamento consiste em um processo de formação de palavras que apresenta elevado grau de arbitrariedade, uma vez que não se baseia na supressão de morfemas, assim como não leva em conta as fronteiras silábicas e a acentuação da base. Destarte, a autora argumenta que os produtos do fenômeno são *splinters* livres, ou seja, “elementos independentes que restam após o processo de encurtamento de um radical” (*op. cit.* : 116).

Por ser um processo de encurtamento não acompanhado de expansão vocabular, segundo Fandrych (*op. cit.*: 116-117), o truncamento torna os *splinters* livres, uma vez que estes últimos são “[...] partes irregulares das palavras de que se originaram, [que] passam por um processo de desassociação semântica e estilística [...] que pode resultar na sua completa emancipação [...]”<sup>62</sup>. Assim, a autora considera que formas truncadas podem

---

<sup>61</sup> O deslocamento da sílaba tônica não se mostrou um fator relevante na análise do *corpus* pesquisado porque, na maioria dos dados, a sílaba que porta o acento primário da base é eliminada ao longo do apagamento que resulta na forma truncada. Assim, a tonicidade em uma das sílabas remanescentes torna-se obrigatória, e não uma marca formal do processo.

<sup>62</sup> “*as irregular parts of words from which they originated, they undergo a process of semantic and stylistic disassociation (often accompanied by phonetic and/or graphemic changes) which can result in their complete emancipation [...]*” (FANDRYCH, 2008: 116-117).

romper o vínculo com os lexemas que lhes serviram de base, tal como se observa no exemplo do inglês *pub* (< *public house*), que passou a designar, em geral, estabelecimentos de entretenimento em que se podem consumir bebidas alcoólicas, enquanto a palavra-matriz apresentava o significado de “casa de vinhos” – local de degustação e apreciação da referida bebida. Como se pode verificar, é provável que mesmo falantes do inglês tenham dificuldade em identificar a base da forma encurtada *pub*.

Em português, conforme já mencionado nesta seção, o truncamento não envolve desassociações semânticas; contudo, pode-se dizer que ocorre uma desassociação estilística em relação à base, uma vez que a forma truncada é, em geral, utilizada por falantes mais jovens em contextos menos formais e de maior grau de intimidade entre os interactantes.

Quanto ao fato de a formação do truncamento gerar *splinters* livres, deve-se ressaltar que a proposta de Fandrych (2008) aplica-se, com êxito, ao inglês. Porém, em português, a observação do *corpus* reunido para esta pesquisa demonstra que há formação de *splinters* livres apenas em um dos padrões de truncamento, pelas razões que se seguem.

De acordo com a autora, *splinter* livre é um elemento não-morfêmico que resulta do encurtamento de uma base e atua como forma livre, podendo sofrer, conforme citado acima, perda do vínculo semântico com a palavra-matriz. Sendo assim, os truncamentos alocados no padrão ‘odônto’ não poderiam ser analisados sob a perspectiva de Fandrych (*op. cit.*), uma vez que se trata de formas truncadas morfêmicas, que consistem em um morfema de fato.

O padrão ‘flágra’, por sua vez, também não pode ser descrito com base na noção de *splinter* livre, pois Fandrych (*op. cit.*) considera o truncamento um “processo de encurtamento **não acompanhado de expansão vocabular** [grifo nosso]” (cf. FANDRYCH, *op. cit.*: 116). Assim, os dados do padrão ‘flágra’, que sofrem expansão devido à afixação da vogal (-a) após o encurtamento, não podem ser formados por *splinters*

livres, visto que estes são elementos não-morfêmicos resultantes de um encurtamento, sem que haja posterior anexação de qualquer material morfológico ou fonológico. Esse padrão, na verdade, assemelha-se aos diminutivos ingleses terminados em -y, descritos na seção 6.1, por envolver perda segmental e acréscimo de um formativo.

Logo, apenas o padrão ‘refrí’ tende a ser satisfatoriamente analisado de acordo com a proposta de Fandrych (2008), uma vez que, desta feita, as formas truncadas consistem em porções não-morfêmicas, isto é, que não coincidem com o radical da palavra-matriz. Além disso, não ocorre, no referido padrão, a afixação da vogal (-a), que marca o padrão ‘flágra’. Dessa forma, tem-se, entre os dados do padrão ‘refrí’, a formação de truncamentos com base em *splinters* livres, uma vez que os *outputs* são, de fato, partes não-morfêmicas que atuam como formas livres e apresentam desassociação pragmática em relação às bases. Quanto ao fato de *splinters* serem empregados com alguma recorrência na formação de novas palavras, retoma-se, aqui, o exemplo ‘refrizinho’, já mencionado nesta seção, uma vez que não há muitos casos observados.

Face ao exposto, a análise do fenômeno de truncamento com base em *splinters* livres, proposta por Fandrych (2008), aplica-se, em larga escala, ao inglês. No português, por sua vez, as ideias da autora contemplam apenas os truncamentos do tipo ‘refrí’ – o que inviabiliza a adoção da proposta para a descrição de todo o *corpus* reunido na presente tese. No entanto, deve-se ressaltar que o fato de a autora propor a incorporação de *splinters* livres à descrição do truncamento consiste em uma grande inovação no que tange ao tratamento do fenômeno entre os estudos de formação de palavras, sobretudo porque não incorpora fatores prosódicos à análise, mas visa a encontrar meios para descrever o fenômeno com base em expedientes morfológicos – daí o valor da proposta.

Como mérito da proposta de Fandrych (2008), pode-se citar também a emancipação que a autora atribui ao *splinter* livre, no sentido de que este, uma vez empregado como

forma livre, é marcado pela desassociação semântica e estilística em relação à base. No português brasileiro, a desassociação estilística, sem dúvida alguma, é observada no processo de truncamento; porém, não ocorre a desassociação semântica, visto que a entidade referente é a mesma para base e forma truncada. Entretanto, voltamos a afirmar, a proposta de Fandrych (2008) representa um grande avanço no estudo do truncamento, uma vez que se baseia no fato de o encurtamento criar uma forma livre (*splinter* livre, nos termos da autora), que pode ser empregada isoladamente ou, inclusive, servir de base para novas formações.

Gonçalves (2011b) defende, assim como Fandrych (*op. cit.*), que a morfologia deve incluir os processos não-concatenativos de formação de palavras, entre os quais se aloca o truncamento, objeto de estudo desta tese, e, utilizando-se da expressão *forma combinatória* (KASTOVSKY, 2009), termo utilizado para definir elementos morfológicos de natureza variada, conceitua “porções fonológicas oriundas de truncamento (*clipping*), aqui entendido como processo de redução (morfologia subtrativa) em que uma parte não-morfêmica passa a valer pelo todo” (GONÇALVES, 2011b: 6-7) e integra novas formações. Assim, o autor aponta duas situações possíveis: uma, em que duas formas combinatórias são concatenadas (‘macarronese’; ‘pagonejo’); e outra, na qual uma forma combinatória se vincula a uma palavra (‘brinquedoteca’; ‘caipifruta’).

Como se pode observar, além dos casos analisados nesta tese, em que o truncamento de bases leva a uma forma livre (‘bijú’; ‘gástro’), há, de acordo com Gonçalves (2011b), situações em que ocorre a formação de partículas não-morfêmicas que representam o todo e dão origem a novas palavras, tal como exposto a seguir: ‘caipirinha’ > ‘caipi’ >> ‘caipisaquê’ (caipirinha feita à base de saquê). Dessa forma, torna-se evidente a razão por que se defende, aqui, a não-exclusão do truncamento do âmbito da morfologia,

por se tratar de um processo que tem se mostrado altamente produtivo na formação de novas palavras do português brasileiro.

Retomando as propostas de Plag (2003) e Fandrych (2008), pode-se dizer que ambas defendem o estudo dos processos não-concatenativos, mostrando que o truncamento é um fenômeno passível de sistematização, levando-se em conta fatores prosódicos e morfológicos, respectivamente. No grupo das propostas que se baseiam na interface fonologia-morfologia (GONÇALVES, 2004; 2011a e BELCHOR, 2009 – por exemplo), pode-se incluir a presente tese, visto que os procedimentos da Morfologia Prosódica Circunscritiva aqui empregados são capazes de proporcionar uma descrição altamente eficiente do fenômeno. Logo, o objetivo da tese é fornecer uma nova possibilidade de análise para o truncamento, em que os três padrões estruturais sejam analisados à luz de um mesmo modelo teórico, de forma a contribuir para a sistematização do fenômeno e permitir que o mesmo deixe de ser tratado como um processo marginal de formação de palavras.

A seguir, no capítulo 7, os aspectos mais relevantes abordados na tese serão retomados, com o objetivo de sumarizar as principais conclusões tiradas a partir da análise do *corpus*.



## Capítulo 7 – Palavras finais

---

Ao longo desta tese, buscamos descrever o processo de truncamento no português brasileiro, por meio dos instrumentos de análise fornecidos pela MP Circunscritiva. Para tanto, os dados analisados foram distribuídos nos três grupos estruturais já identificados por Gonçalves & Vazquez (2005), aos quais foram acrescentadas novas formas em Belchor (2009) e no período inicial do curso que resultou na presente tese.

Um dos referidos padrões, denominado ‘refrí’, é marcado por especificações estritamente prosódicas e caracteriza-se pela preservação das duas sílabas iniciais da base (‘bijuteria’ > ‘bijú’), desvinculando-se, portanto, do compromisso com informações de natureza morfológica. Dessa forma, pode-se apontar como marca do grupo a formação de um pé iâmbico, como prevê o molde, composto por duas sílabas da base.

Diferentes especificações apresenta o padrão cujos *outputs* mantêm o morfema situado na borda esquerda da palavra-matriz (‘hemáto’ > ‘hematologista’). Nesse caso, embora as formas truncadas contendam um pé troqueu moraico em suas estruturas, a relevância da informação morfológica se sobrepõe à da prosódica, uma vez que o truncamento sempre coincide com um morfema presente na base, cuja manutenção é a principal marca do padrão.

O terceiro dos referidos padrões, aqui denominado ‘flágra’, pode ser considerado misto, uma vez que requer o acesso a informações prosódicas e morfológicas na formação dos truncamentos. Nesse grupo, incluem-se dados formados pelo radical da base, acrescido da vogal (-a), assim como em ‘aspirante’ > ‘aspíra’, bem como formas em que o radical da base não se mostra integralmente na forma truncada (‘vagabunda’ > ‘vagába’), em decorrência dos limites prosódicos do fenômeno (máximo de três sílabas). É importante destacar que, no presente grupo, ocorre a afixação da vogal (-a) – o que não se observa nos

padrões acima citados. Além disso, quanto à natureza prosódica dos *outputs*, deve-se ressaltar que são todos caracterizados pela presença um pé troqueu moraico em suas estruturas prosódicas.

A proposta central consiste em descrever, com base na MP Circunscritiva, todo o *corpus* – o que se apresenta como uma inovação, visto que, até o presente momento, o padrão aqui denominado ‘flágra’ havia sido descrito por Gonçalves & Vazquez (2005) e Gonçalves (2011a) com os pressupostos da Teoria da Otimalidade; e, por Gonçalves (2004), com base na MP Circunscritiva. Os padrões ‘refrí’ e ‘odônto’ foram, em Belchor (2009), descritos por *rankings* de restrições fundamentados na Teoria da Otimalidade. Assim, a análise dos três padrões de truncamento, em conjunto, por um único modelo teórico que opera com fatores morfoprosódicos constitui uma novidade no português brasileiro.

Como se verificou nas análises dos três padrões contemplados, há parâmetros de circunscrição e molde que garantem, em cada grupo de dados, uma grande regularidade no formato morfoprosódico dos *outputs*. No grupo ‘refrí’, a circunscrição positiva, processada da esquerda para a direita, mapeia as duas sílabas iniciais do *input* – sequência da base que, no nível do molde, ajusta-se ao formato de um pé iâmbico, dando origem a formas truncadas oxítonas e dissilábicas (‘deprê’; ‘visú’). Quanto à efetividade da descrição, deve-se destacar que os parâmetros estabelecidos aplicam-se a 100% dos dados alocados no padrão.

O padrão ‘odônto’, por sua vez, apresenta uma circunscrição diferente daquela vista no padrão ‘refrí’, em termos de instrução – daí o fato de ser este um grupo considerado morfêmico, em que o processo de formação dos *outputs* privilegia a informação morfológica. A direção do mapeamento é a mesma (da esquerda para a direita), bem como o fato de ser positiva (aproveitando-se o material circunscrito no *output*); porém, a

instrução é diferente: circunscrever, integralmente, o morfema que compõe a margem esquerda da base. No molde, o morfema circunscrito ajusta-se ao formato de um pé troqueu moraico, previsto para os dados do padrão, e, como *outputs*, têm-se formas truncadas compostas por um único morfema do *input* e que apresentam um pé troqueu moraico na sua borda direita, seguindo a tendência na formação de pés verificada no português brasileiro.

No padrão ‘odônto’, conforme ressaltado no capítulo dedicado à análise dos dados, há apenas duas formas truncadas que não podem ser descritas com base nos parâmetros da MP Circunscritiva utilizados na tese: ‘otorríno’ e ‘hétero’ – o primeiro, por apresentar, na sua estrutura, mais de um morfema; e o segundo, por ser proparoxítono. Contudo, a descrição ora empreendida aplica-se com êxito a 94,6% dos truncamentos pertencentes ao padrão, comprovando a alta eficiência dos parâmetros adotados para a descrição do grupo.

Quanto ao padrão ‘flágra’, trata-se de um conjunto de dados misto por ser constituído de formas que mantêm (ou não) o radical da base no *output*, a depender de condições prosódicas que atuam no nível do molde e podem ser responsáveis pela eliminação de segmentos circunscritos que, após a afixação do marcador (-a), contribuiriam para a obtenção de um *output* mal-formado.

Entre os dados do grupo ‘flágra’, portanto, além de haver a afixação do marcador de palavra (-a), ausente nos outros padrões analisados, verifica-se a atuação de três condições sobre o material circunscrito, que, juntas, garantem a formação de *outputs* (1) menores que as respectivas bases e (2) maximamente trissilábicos, além de assegurar que o (3) último segmento do referido material seja consonantal. Ainda no molde, está prevista a formação de um pé troqueu moraico na estrutura prosódica do material circunscrito. Esta última característica, deve-se lembrar, está relacionada ao fato de o molde, no referido padrão, apresentar o formato de um troqueu moraico, que, formado da direita para a

esquerda, dá origem a formas truncadas paroxítonas (com ou sem uma sílaba desgarrada à esquerda).

A descrição realizada para o padrão ‘flágra’ aplica-se, em princípio, a 85,72% dos dados, uma vez que devem ser excluídas as sete formas listadas no capítulo 5 (seção 5.4), que possuem o mesmo tamanho da base e, por essa razão, podem ser consideradas malformadas por infringirem a condição  $*T \geq B$  (é proibido truncamento maior ou igual à base), segundo a qual as formas truncadas devem ser menores que as bases, em virtude de se tratar de um fenômeno de encurtamento. Contudo, a proposta flexibilização da condição citada, que passaria a contabilizar segmentos, em vez de sílabas, proporcionaria a extensão dos parâmetros de análise a 100% dos dados presentes no *corpus*, visto que os sete truncamentos antes considerados iguais às respectivas bases apresentam equivalente número de sílabas, mas, por outro lado, têm um segmento a menos em suas estruturas silábicas, simplificadas em relação aos *inputs*.

A flexibilização de  $*T \geq B$ , portanto, leva à descrição de todos os dados reunidos no *corpus* sob as condições de formação do padrão ‘flágra’. Sendo assim, retomando-se os resultados obtidos com as análises dos padrões ‘refrí’ e ‘odônto’, restam, em todo o *corpus*, apenas dois dados (‘otorríno’ e ‘hétero’) pertencentes a este último padrão que não têm sua formação descrita com base nos parâmetros de circunscrição e molde adotados para a análise do grupo.

Mais uma vez, deve-se enfatizar que a MP Circunscritiva é capaz de proporcionar uma descrição altamente eficiente do processo de truncamento no português brasileiro, tomando-se como base o *corpus* reunido na presente tese. A descrição parte da identificação do tipo de circunscrição (positiva ou negativa), bem como da sua direção (da esquerda para a direita ou vice-versa), com o objetivo de explicitar as razões que levam cada padrão de truncamento a apresentar uma porção diferente da base na forma truncada.

Assim, o rastreamento do *input* é o ponto-de-partida da análise via MP Circunscritiva, visto que o material circunscrito positivamente será aproveitado na formação do truncamento.

O estabelecimento do formato do molde também é de extrema relevância na descrição dos dados, pois justifica a regularidade verificada na estrutura prosódica das formas truncadas, que podem ser constituídas de um pé iâmbico ('belê'; 'motô') ou troqueu moraico ('lípo'; 'jápa'), além de poderem apresentar um troqueu moraico contido em um *output* trissilábico, permanecendo uma sílaba desgarrada à esquerda ('saláfra'; 'elétro'). Logo, os moldes envolvidos na formação dos truncamentos analisados determinam o ajuste do material circunscrito a um pé iâmbico ou troqueu moraico, formados sempre a partir da margem direita do *output*, de acordo com a tendência verificada no português brasileiro (cf. capítulo 4).

O nível do molde pode, ainda, apresentar condições que visem a promover arranjos no material decorrente da circunscrição, com vistas a impedir a presença de alguns segmentos nas formas de superfície. No caso do padrão 'flágra', como vimos no capítulo 5, há três condições sobre o material circunscrito, que determinam (1) o término em segmento consonantal, (2) a proibição de truncamentos com mais de três sílabas e (3) a proibição de truncamentos maiores que as bases. As condições citadas fazem-se necessárias na análise dos dados tipo 'flágra' porque o referido padrão é marcado pela afixação do marcador de palavra (-a), que expande o material circunscrito e pode, assim, acarretar a formação de truncamentos maiores que as bases ou que não respeitem o limite de três sílabas. Além disso, deve-se lembrar que a condição mais relevante ( $C]_{MWD}$ ) determina que o segmento final deve ser consonantal, de modo que o marcador (-a) seja afixado a uma consoante e, com ela, forme uma sílaba final do tipo CV.

Como se observou ao longo da tese, o nível do molde é de extrema relevância nas descrições centradas na MP Circunscritiva, pois os casos não-morfêmicos devem ser analisados de modo que o formato do molde determine a perda de alguns segmentos cuja presença tornaria o *output* mal-formatado – daí a vantagem de um modelo teórico transderivacional, em que um nível intermediário entre *input* e *output* (no caso, o molde) é responsável por um formato morfoprosódico que permite a sistematização dos truncamentos analisados na tese em três padrões estruturais.

Conforme exposto anteriormente, a descrição realizada na presente tese comprova a alta eficiência da MP Circunscritiva em relação ao estudo do truncamento no português brasileiro, uma vez que o percentual de dados cuja formação é passível de sistematização com base no modelo atinge quase a totalidade do *corpus* analisado. Dessa forma, pode-se dizer que esta tese consiste em uma pesquisa inovadora no que tange à descrição do truncamento no português brasileiro, por se apoiar em um modelo teórico de orientação morfoprosódica, aplicado aos três padrões de formação detectados.

Por fim, deve-se ressaltar que a presente pesquisa aloca-se entre as propostas recentes para a descrição do truncamento, que têm, de modo geral, visado a refutar o rótulo de “assistemático”, frequentemente atribuído ao processo. No caso, os instrumentos da MP Circunscritiva permitiram uma análise altamente eficiente do *corpus* reunido para a tese, comprovando que o fenômeno pode ser sistematizado, de acordo com fatores morfoprosódicos ligados ao mapeamento do *input*, bem como ao formato do molde – daí a contribuição da pesquisa, uma vez que poucos autores se dispuseram a aplicar um modelo da mesma linha à análise de formas truncadas de estruturas diferenciadas e, aparentemente, arbitrárias, se desconsiderada a existência de um molde prosódico comum a todo um grupo de dados.

## Anexo I – Corpus

### Padrão ‘refrí’

1. Bijú (bijuteria)
2. Refrí (refrigerante)
3. Condí (condição)
4. Visú (visual)
5. Expô (exposição)
6. Belê (beleza)
7. Motô (motorista)
8. Deprê (depressão)
9. Bicí (bicicleta)
10. Prejú (prejuízo)
11. Mocré (mocreia)
12. Cafú (cafuné)
13. Guarú (Guarujá)
14. Falsí (falsificado)
15. Quití (quitinete)
16. Colé (colégio)
17. Carná (carnaval)
18. Proví (morro da **Providência**)
19. Belô (Belo Horizonte)
20. Razú (razoável)
21. Pará (paraíba)
22. Depí (depilação)

### Padrão ‘odônto’

1. Gástro (gastroenterologista)
2. Éco (ecocardiograma)
3. Pólio (poliomielite)

4. Êx (ex-namorado)
5. Elétro (eletrocardiograma)
6. Fôno (fonoaudiologia)
7. Cárdio (cardiologista)
8. Odônto (odontologia)
9. Ginéco (ginecologista)
10. Oftálmo (oftalmologista)
11. Pós (pós-graduação)
12. Últra (ultrassonografia)
13. Pré (pré-vestibular)
14. Pedágo (pedagogia)
15. BÍblio (biblioteconomia)
16. Páleo (paleontologia)
17. Psíco (psicologia)
18. Bí (bissexual)
19. Trí (tricampeão)
20. Pênta (pentacampeão)
21. Êxtra (extraordinário)
22. Hétero (heterossexual)
23. Hômo (homossexual)
24. Mícro (microcomputador)
25. Néo (neoliberal)
26. Hemáto (hematologista)
27. Quílo (quilograma)
28. Tétra (tetracampeão)
29. Vídeo (videocassete)
30. Pró (pró-resgate)
31. Rétro (retroprojektor)
32. Retrô (retrospectiva)
33. Nêuro (neurologista)
34. Estéto (estetoscópio)
35. Otorrínio (otorrinolaringologista)
36. Více (vice-presidente)



37. Lípo (lipoaspiração)

**Padrão ‘flágra’**

1. Jústa (justiça)
2. Jápa (japonês)
3. Nêura (neurose)
4. Chína (chinês)
5. Flágra (flagrante)
6. Príma (primeira)
7. Saláfra (salafrário)
8. Respônsa (responsabilidade)
9. Estrânja (estrangeiro)
10. Portúga (português)
11. Intíma (intimação)
12. Compúta (computador)
13. Madrúga (madrugada)
14. Deléga (delegado)
15. Comúna (comunista)
16. Batéra (bateria)
17. Capíta (capitão)
18. Aspíra (aspirante)
19. Sacrísta (sacristão)
20. Profíssa (profissional)
21. Sapáta (sapatão)
22. Condíça (condição)
23. Cérvá (cerveja)
24. Gúrja (gorjeta)
25. Tráva (travesti)
26. Sâmpa (São Paulo)
27. Sárja (sargento)
28. Gíga (gigante)

29. Grânfa (grã-fino)
30. Chúrra (churrasco)
31. Playba (playboy)
32. Análfa (analfabeto)
33. Maráca (Maracanã)
34. Vagába (vagabunda)
35. Catéga (categoria)
36. Ibíra (Ibirapuera)
37. Bonsúça (Bonsucesso)
38. São Gônça (São Gonçalo)
39. Adrêna (adrenalina)
40. Vestíba (vestibular)
41. Sápa (sapatão)
42. Cóca (cocaína)
43. Pínda<sub>1</sub> (pindaíba)
44. Cúnha (cunhada)
45. Cópa (Copacabana)
46. Cáfa (cafajeste)
47. Cônfa (confiança)
48. Pínda<sub>2</sub> (Pindamonhangaba)
49. Freela (free-lancer)
50. Bárça (Barcelona)

## Referências Bibliográficas

---

- ARAÚJO, G. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 10, n. 1, 2002. p. 61-90.
- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge; Massachusetts: MIT Press, 1981.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (eds). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 97-108.
- BAUER, L. *Introducing to Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BELCHOR, A.P.V. O processo de recomposição no português do Brasil a partir de *auto* e *moto*. *Cadernos do NEMP*. v. 2, n. 2, 2011. p. 153-169.
- BELCHOR, A.P.V. Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BELCHOR, A.P.V. O encurtamento de formas com a preservação do morfema à esquerda: uma análise otimalista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 4, n. 7, 2006.
- BELCHOR, A.P.V. O encurtamento de formas sem morfema de truncamento: um enfoque otimalista. *Ao Pé da Letra*. v. 7, n. 1/2, 2005. p. 23-37.
- BELCHOR, A.P.V. & ANDRADE, K.E. Morfologia: vantagens do estudo por interfaces. *Revista Souza Marques*. v. 1, n. 24, 2011. p. 11-35.
- BENUA, L. Identity effects in morphological truncation. In.: BECKMAN, J.N.; DICKEY, L.W.; URBANCZYK, S. (eds). *Papers in optimality theory*. Amherst: Graduate Linguistic Student Association, 1995. p. 77-136.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 22, 1992. p. 69-80.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* v. 5, n. 2, 1989. p. 185-224.

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: H. Holt, 1933.
- CABRÉ, T. Minimality in catalan truncation process. *Catalan Working Papers in Linguistics*. v. 4, n. 1, 1994. p. 1-21.
- CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. 34<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2004.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound patterns of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CLEMENTS, G.N. & KEYSER, S.J. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge Mass: MIT Press, 1983.
- COLINA, S. Spanish truncation processes: the emergency of the unmarked. *Linguistics*. v. 34, n. 1, 1996. p. 199-218.
- CUNHA, A.G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et al.]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of Acronyms, Blends and Clippings. *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.
- FANDRYCH, I. Non-Morphematic word-formation processes: a multi-level approach to Acronyms, Blends, Clippings and Onomatopoeia. Unpublished PhD Thesis, University of the Free State, Bloemfontein, 2004.
- FERREIRA, A.B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GAMARSKY, L. A derivação regressiva: um estudo da produtividade lexical em português. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.
- GÓES, C. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Doctoral Dissertation. Cambridge; MA: MIT Press, 1976.
- GONÇALVES, C.A.V. Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, G.; BATTISTI, E. (orgs). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011a. p. 293-327.

GONÇALVES, C.A.V. “Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca”: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*. v. 10 (2), jul/dez, 2011b. p. 67-90.

GONÇALVES, C.A.V. *Introdução à morfologia não-linear*. Rio de Janeiro, Publit: 2009a.

GONÇALVES, C.A.V. Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por *ranking* de restrições. *Alfa* (ILCSE/UNESP). v. 53, 2009b. p. 195-221.

GONÇALVES, C.A.V. *Flexão e derivação em Português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C.A.V. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. *Alfa* (ILCSE/UNESP). v. 48, n. 2, 2004. p. 30-66.

GONÇALVES, C.A.V. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF). v. 14, n. 1, 2003. p. 16-35.

GONÇALVES, C.A.V. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no português do Brasil: tipos e funções. [versão revista e ampliada da Comunicação “Processos de redução vocálica: tipos e funções”, apresentada na XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE, que se realizou em Recife (instituto de Letras da UFPE) em setembro de 1999].

GONÇALVES, C.A.V. & ANDRADE, K.E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación em português. *Lingüística*, Ciudad del México, v. 28 (2), diciembre, 2012. p. 119-145.

GONÇALVES, C.A.V. & VAZQUEZ R.P. Fla x Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. *Questões de morfossintaxe*. v. 8, 2005. p. 56-64.

GONÇALVES, C.A.V. & VIVAS, V. de M. A alternância vocálica na flexão verbal do português: análise pela Morfologia Autossegmental. *Linguística*. v. 7, n. 1, 2011. p. 79-98.

HARRIS, J. Spanish diphthongisation: a paradox resolved. *Phonology Yearbook*, 2, 1985. p. 31-45.

HARRIS, J. The exponence of gender in Spanish. *Linguistic Inquiry*, 22, 1991. p. 27-62.

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

HYMAN, L. *A theory of phonological weight*. Dordrecht: Foris, 1985.

- JENSEN, J.T. *Morphology: word structure in generative grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE, R. W. et al. (eds). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville; MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009. p. 1-13.
- KATAMBA, F. *Morphology*. New York: St. Martin's Press, 1993.
- KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LAROCA, M.N.C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.
- LEE, Seung-Hwa. "Primary stress in Portuguese non-verbs". Comunicação apresentada no XXIX Linguistic Symposium on Romance Languages, University of Michigan, 1999.
- LEE, Seung-Hwa. Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil. Tese (Doutorado) – UNICAMP, IEL, DL, 1995.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A.S. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*, 8, 1977. p. 249-336.
- LIMA, B.C. A formação de 'Dedé' e 'Malu': uma análise otimalista de dois padrões de hipocorização. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- MACHADO, J.P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Conferência Editorial, 1967.
- MARCHAND, H. *The categories and types of present-day English word-formation: a synchronic-diachronic approach*. München: Beck, 1969.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 1999.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, 1995.
- MATTHEWS, P.H. *Morphology*. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- MATZENAUER, C.L. Introdução à teoria fonológica. In: Bisol, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4<sup>a</sup> ed. [rev. e ampl.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- MONTEIRO, J.L. *Morfologia portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. Fortaleza: EdUFC, 1987.

- MORENO, C. Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – PUC/RS, 2008.
- McCARTHY J. A prosodic theory of Nonconcatenative Morphology. *Linguistic Inquiry*, 12, 1981. p. 373-418.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A.S. *Prosodic Morphology*. Amherst: University of Massachusetts and Brandeis University, 1986.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A.S. Prosodic Morphology and Templatic Morphology. In.: EID, M. & McCARTHY, J. (orgs). *Perspectives on arabic linguistics: papers from the second symposium*. Amsterdam, Benjamins: 1990. p. 1-54.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A.S. Prosodic Morphology. In.: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds). *The handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1986.
- NIDA, E.A. *Morphology: the descriptive analysis of words*. 2ª ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1949.
- PEREIRA, I. O acento de palavra em Português – uma análise métrica. Tese (Doutoramento) – Universidade de Coimbra, 1999.
- PIÑEROS, C.E. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. Rutgers: Rutgers University, 2000. Disponível em <<http://roa.rutgers.edu/files/343-0999/343-PINEROS-0-0>>
- PLAG, I. *Word-formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ROCHA, L.C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- ROCHA LIMA, C.H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- RONDININI, R.B. Análise das formações com -logo e -grafo segundo a Morfologia Derivacional. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 7, n. 12, 2009. p. 1-29.
- RONDININI, R.B. & GONÇALVES, C.A.V. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In.: XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL). Lisboa: Colibri, v. 22, 2006. p. 533-546.
- SANDMANN, A.J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor; Ícone, 1990.

- SANTOS, J.B.A. Truncamento no português do Brasil: acaso ou processo? Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- SCHER, A.P. Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Edição especial n. 5, 2011. p. 61-79.
- SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: the relations between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- SELKIRK, E. *The syntax of words*. Cambridge, MA: MIT Press, 1982.
- SELKIRK, E. Prosodic domains in phonology: Sanskrit revisited. In: ARONOFF, M. & KEAN, M-L. (eds). *Juncture*. Saratoga, Ca.: Anma Libri, 1980. p. 107-129.
- SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.
- SPENCER, A. Morphophonological operations. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A.M. (ed). *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- STEINMETZ, S. & KIPFER, B.A. *The life of Language. The fascinating ways words are born, live & die*. New York: Random House, 2006.
- ŠTEKAUER, P. *An Onomasiological Theory of English word-formation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- THAMI DA SILVA, H. Por uma abordagem unificada da hipocorização em português: análise otimalista. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- THAMI DA SILVA, H. Uma abordagem otimalista da hipocorização com padrão de cópia à esquerda. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- VIALLI, L. de A.D. A reduplicação no baby-talk: uma análise pela Morfologia Prosódica. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- VILELA, A.C.; GODOY, L. & CRISTÓFARO SILVA, T. Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 14, n. 1, 2006. p. 149-174.
- VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- VIVAS, V. de M. A alternância vocálica no português: regularidade e sistematização. *Cadernos do NEMP*. v. 1, n. 1, 2010. p. 33-44.



WARREN, B. The importance of combining forms. In.: DRESSLER, W.U.; PFEIFFER, H.C.L.O.E. & RENNISON, J.R. (eds). In: *Contemporary Morphology*. Berlin;New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.

WETZELS, W.L. A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras. In: WETZELS, W.L. (org). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.